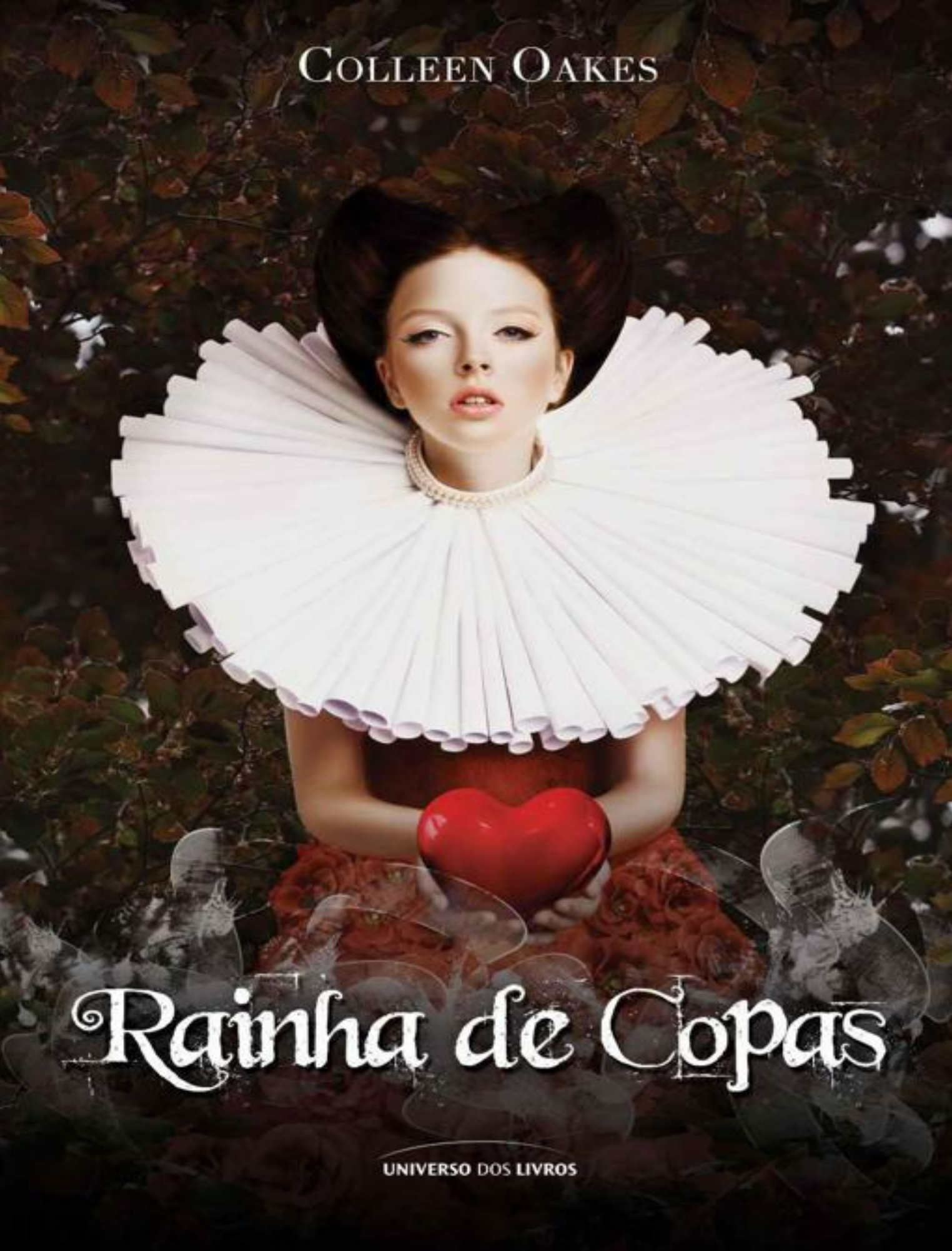
COLLEEN OAKES



Rainha de Copas

UNIVERSO DOS LIVROS

COLLEEN OAKES

Rainha de Copas

São Paulo
2014

UNIVERSO DOS LIVROS

Queen of Hearts
Volume one: The Crown
Copyright © 2014 by Colleen Oakes
All Rights Reserved.

Copyright © 2014 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**
Editora-chefe: **Marcia Batista**
Assistentes editoriais: **Aline Graça e Rodolfo Santana**
Tradução: **Thiago Dias**
Preparação: **Viviane Zeppelini**
Revisão: **Monique D'Orazio**
Arte e capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**
Imagem de capa: **Iryna Hramavataya/Alamy/Latinstock**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

O24r

Oakes, Colleen

Rainha de copas / Colleen Oakes; tradução de Thiago Dias. – São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

216 p.

ISBN: 978-85-7930-767-6

Título original: *Queen of Hearts – The Crown*

1. Ficção inglesa 2. Contos de fadas I. Título II. Dias, Thiago

14-0787 CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail:
editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Este livro é para Ryan, para sempre o bom rei do meu coração.

“O que é que você acha da Rainha?”, perguntou o Gato em uma voz baixa.

“Nada em especial”, respondeu Alice, “ela é extremamente…”. Mas neste exato instante ela percebeu que a Rainha estava bem ao seu lado, ouvindo, e completou “…boa nesse jogo e vai ser muito difícil chegar ao final da partida”.

Alice no País das Maravilhas

Agradecimentos

Muito obrigada às pessoas maravilhosas que tornaram este livro possível:

Ryan Oakes, pelos seus *feedbacks* infindáveis, pelo suporte e por acreditar nesta história, que se transformou de uma vaga ideia em uma realidade tangível. Obrigada pelo seu amor inabalável, sua criatividade e seu divertido conhecimento em fantasia e batalhas. Obrigada por me dar a força necessária para que eu continuasse fiel aos meus instintos e à minha história.

Para Maine: você é incrível.

Para Ron McCulley e Tricia McCulley, que são exemplo de paciência, suporte e pais amorosos. Muito obrigada.

Minha elegante irmã, Cynthia McCulley: obrigada por sempre colocar um sorriso em meu rosto e por concordar em ser minha melhor amiga. Seu amor por músicas dramáticas me ajudou a escrever as cenas mais intensas.

Os amigos queridos que colaboraram no processo apenas sendo esplêndidos enquanto a história se desenrolava – Kimberly Stein, Sarah Glover, Emily Kiebel, Cassandra Splittgerber, Elizabeth Wagner, Jordan Powers, Terri

Miller, Nicole London, Katie Hall e Karen Groves: obrigada por me ouvirem quando eu descrevia algo por *horas*.

Minhas intimidadoras leitoras-beta, Michelle Rehme, Erika Bates, Jen Lehmann, Denise McCulley, Patty e Sarah Jones, Deb Sjulstad, Angela Turner, Holly Cameron e Stefanie Feustel: obrigada por me ajudarem a lapidar este livro.

O livro passou pelas mãos de editores muito competentes: Erin Armknecht, cujos conselhos foram tão brilhantes que não podem ser calculados; Jeni Miller, cujas habilidades e olhar literário foram maravilhosos e precisos; e Jess Riley, a Rainha de Copas brilha mais intensamente por sua causa.

Crystal Patriarche, Heidi Hurst e todo time da SparkPress, um selo da BookSparks editora: vocês são maravilhosos, todos vocês.

A Erin Chan, igualmente charmosa e talentosa: obrigada pelas lindas imagens que preenchem essas páginas e agradeço por ser a charmosa silhueta que enfeita a capa da edição norte-americana.

Mae Whitman: obrigada por ser a inspiração por trás de Dinah. Você é uma coisinha feroz e admiro cada pedaço do seu trabalho.

Finalmente, o cara, Lewis Carroll: *Alice no País das Maravilhas* é o livro mais delicioso e profundo que já li. Obrigada por ser o gênio por trás desses personagens e por me permitir vagar

com a caneta por essa terra magnífica.

“A sabedoria vale mais que as máquinas de guerra, mas um só pecador pode causar a perda de muitos bens.” – Eclesiastes 9:18

Um

– Acorde, acorde, você tá atrasada! – Harris pulava de um pé para o outro, seu rosto rechonchudo pingando suor. Ele tirou os óculos de armação grossa e os limpou em seu lenço xadrez branco. – Dinah! Levanta! Estamos atrasados, atrasados, atrasados!

Dinah soltou um gemido triste e se enterrou ainda mais embaixo das grossas cobertas, que eram douradas com belas penas de pavão.

– Aaargh… – respondeu. Ela ansiava por voltar para seu sonho do meio da

tarde, no qual estava vagando pela Floresta Retorcida, perseguindo uma borboleta branca iridescente, cujo esqueleto brilhava através da pele. Exatamente quando Dinah fechou a mão em volta de seu pequeno corpo, a borboleta foi arrancada para o céu por algo que Dinah não viu. Quando ela olhou para baixo, o coração pulsante da pequena criatura ainda estava em suas mãos.

Dinah sentou no colchão, agora completamente acordada. Harris parou educadamente ao seu lado na cama, esperando. A luz brilhante do País das Maravilhas fluía através da janela de sua sacada.

– Harris, ordeno que você me deixe

dormir. Eu estava tirando um cochilo muito agradável. – ela o chutou com a perna descoberta, passando muito perto do relógio de bolso que ele estava balançando por cima de seu corpo.

– Princesa, você precisa se levantar. Nós temos mensagens importantes do Rei de Copas. Seu pai deseja vê-la.

Dinah forçou-se para fora da cama em um bocejo. Cochilos eram uma parte essencial da vida no País das Maravilhas e, algumas vezes, a parte favorita de seu dia. Ela estava nua e pensou em se cobrir, mas então refletiu melhor sobre isso. Harris a viu sem roupas milhões de vezes, considerando que ele a criara desde cedo. Ela estava certa em não se preocupar com isso, não

com ele. O velho rechonchudo mal lhe deu uma segunda olhada.

– Emily! Prepare um banho para a princesa, imediatamente. Superquente.

Dinah projetou seu forte queixo para frente:

– Eu não quero quente. Eu gosto de banhos frios, muito obrigada.

Harris riu com a barriga, os ralos cabelos brancos restantes caindo sobre os óculos:

– Princesas não escolhem muitas coisas, Dinah, você sabe disso.

Ela pulou para o lado da banheira. Emily estava enchendo-a a partir de um longo pescoço de cisne que saía do teto e jorrava água para a enorme banheira preta. Grandes bolhas cremosas do

tamanho de melões saíam da banheira. Dinah suspirou infeliz.

– Por que eu tenho que ir para o Grande Salão? Nunca posso dizer nada, e meu pai nem fala comigo. – *Ou olha para mim,* pensou.

Emily a acariciou intensamente na cabeça:

– Você não deveria dizer essas coisas sobre o Rei de Copas.

Dinah, então, colocou seu dedão do pé gordinho na banheira. O calor da água correu por sua perna, fazendo-a estremecer:

– Eu odeio dia de banho.

– Nós sabemos – Emily e Harris responderam. Harris olhou novamente para seu relógio prata de bolso:

– Vamos, vamos! Nós estamos realmente atrasados.

Dinah deixou um choro alto escapar ao entrar na banheira. Ela grunhiu para Emily, que jogou um grande balde de água em sua cabeça e começou a esfregá-la com duas pequenas peles de ouriço.

– Princesa, suas orelhas estão imundas! – Emily bradou – O que você fez hoje?

– Nada. – *Ouvi através do chão,* ela pensou. *Montei o Rajado. Subi na árvore Julla. Lutei com espadas com Wardley perto dos estábulos. Espiei as Cartas.*

Dinah gostaria de estar em qualquer lugar que não nessa banheira, esperando

para ver o pai. Seu braço foi levantado e Emily atacou embaixo dele, esfregando com um vigor que deixou Dinah se sentindo esfolada, continuou em seu torso e pernas. Com um pesado grunhido, ajudou Dinah a sair da banheira e a colocou no chão.

– Seque-se – ela ordenou.

Sorrindo, Dinah saiu para a sacada, sentindo o sol da tarde no País das Maravilhas. Parada com os braços abertos, ela sentiu as gotículas de água em seu corpo evaporarem e secarem completamente. Da sacada ela conseguia ver quase todo o terreno do País das Maravilhas, as vilas do lado de fora do palácio que logo seria dela, para governar e controlar. Dinah permitiu-se

respirar profundamente e com prazer enquanto seus olhos comiam famintos tudo que estava à sua vista. No norte, campos infinitos de flores selvagens se espalhavam e, depois deles estava o Nono Oceano, apesar de ela nunca tê-lo visto. Além dele, ela aprendeu, em seus estudos, estavam as temíveis Cavernas da Lamentação à beira de um enorme lago. O lago chamava-se Troden, e era a casa de sereias e monstros marítimos das histórias e pesadelos das crianças. Para o leste, para além das planícies, ela podia distinguir vagamente o topo das Montanhas Yurkeis, que descansavam depois da Floresta Retorcida, onde exploradores e aventureiros iam para morrer nas mãos

de ursos brancos das tribos das Montanhas. No sul, ficavam as Terras Escuras, uma região úmida, como um pântano, que abrigava cartas malfeitas e fantasmas errantes, a casa do Pântano das Penitências e outros lugares de horrores impronunciáveis.

Mais próximo dela, estavam as propriedades do País das Maravilhas, que incluía dezenas de pequenas cidades, estradas, moinhos de vento e rios, que iam além das grades de ferro do palácio – esse era o SEU país – o coração do País das Maravilhas, tão longe quanto seus olhos podiam ver. Dinah abriu os braços, como se abraçasse tudo aquilo.

A cabeça de Harris apareceu através

da cortina vermelha:

– Estamos atrasados, minha criança! VAMOS! Dinah, estamos muito, muito atrasados. Você não quer que o Rei fique ainda mais bravo do que já está.

Dinah sacudiu o corpo uma última vez e caminhou para dentro, tristonha.

– Sente-se, por favor, vossa Alteza – Emily incitou.

Dinah sentou-se. Emily empurrou uma escova através de seus cabelos espessos e negros, Dinah gemeu:

– Ah, pare.

Sua dama de companhia puxou amorosamente sua orelha:

– Eles não embaraçariam tanto se você cuidasse deles.

– Não doeria tanto se você não os

puxasse – Dinah respondeu. Emily apertou a língua.

Com os cabelos já escovados, as roupas de baixo, intoleráveis, foram colocadas e amarradas. Uma camisola e um espartilho branco foram colocados em seguida.

– Por que eu preciso de tudo isso? – Dinah bufou, enquanto Emily trabalhava nos laços – Só tenho quinze anos!

Emily não respondeu imediatamente e deu um puxão forte. Os fios do espartilho se apertaram em sua cintura:

– Porque você não quer que seu pai perceba que você andou comendo tortas além da conta, não é?

Dinah mordeu o lábio e apoiou-se na cômoda. Quando a tortura acabou,

Harris a guiou até o centro do quarto, onde ela parou como uma boneca de pelúcia – braços e pernas abertos, enquanto as criadas colocavam seu vestido. Um vestido preto, liso com uma grande gola branca, que brincava em seu rosto. Dinah odiava esse vestido. Dinah odiava *todos* os vestidos.

Elas a vestiram em silêncio e finalizaram com um broche de pavão. Emily pintou de vermelho seus lábios e bochechas, para que ela não parecesse doente, e desenhou um pequeno coração embaixo de seu olho direito. Depois do que pareceu uma eternidade, Dinah se arrastava pelo Corredor de Pássaros Dourados, sentindo-se como um dos pássaros de bronze empoleirados nos

pedestais de ouro que a cercavam. Seu vestido preto idiota repuxava nas costuras. Ela disse a Emily que era muito grande para aquele vestido, mas Emily não a ouviu.

Ela é tão boba, Dinah pensou, *boba e estúpida.*

Era um pensamento maldoso, e ela se arrependeu instantaneamente. A raiva de Dinah podia sair do controle se ela não tomasse cuidado. Seu cabelo estava enrolado em um coque insuportavelmente apertado, que destacava os seus já grandes olhos. Sobre sua cabeça, estava a coroa de princesa – uma fina tira de corações de rubis vermelhos, contornados por espinhos de ouro. Era pesada, ainda que

fosse fina. Brilhava na luz do sol, e era a única coisa que Dinah estava usando hoje de que gostava. Em seus pés, brilhava um par de sapatos da coleção da Rainha – chinelos brancos modelados, incrustados com pequenos diamantes brancos. Antes de morrer, sua mãe, a Rainha Davianna, tinha assumido o hobby feminino de fazer chinelo. Eles faziam o pé de Dinah doer, e ela odiava como as pequenas pedras cortavam seus dedos e calcanhar. Ela tinha um pé amplo, e os sapatos pinicavam as solas de seus pés.

Dinah olhou novamente para Harris e Emily. Ele andou rapidamente atrás dela, parecendo um pouco com uma morsa. Era um homem fofinho e

generoso, doce e muito inteligente. Ele já havia sido uma carta elegante, foi o que Dinah ouviu por aí, mas agora ele era o tutor e guardião, um pobre homem com cabelos brancos e uma dúzia de roupas xadrez. Sem dúvida, ele amava Dinah profundamente – algo que faltava em outras áreas de sua vida.

Um pequeno pássaro atravessou seu caminho e Dinah o chutou, mandando-o aos gritos pelo ar.

– Minha criança – vociferou Harris –, não deixe seu pai ver esse comportamento, ou então você vai acabar dormindo nas Torres Negras.

– Eu duvido! – Dinah disse sombriamente – eu queria que isso acontecesse, aí eu poderia ver como é lá

dentro.

Harris olhou para Dinah desapontado.

– Nunca deseje estar dentro das Torres Negras – ele disse, seriamente – você não tem ideia do mal que lá SE espreita.

Ele começou a falar baixinho com Emily. Dinah se arrependeu de suas palavras no mesmo instante. Seu pai havia ameaçado jogá-la nas Torres Negras muitas vezes, mas isso nunca aconteceu. Somente os piores criminosos do País das Maravilhas iam para lá. E, depois que entraram, nunca mais saíram. Corriam rumores de que o Rei jogava nas Torres Negras aqueles que ele precisava silenciar – cartas, mercadores e cobradores de impostos.

As Torres Negras eram compostas de sete cones negros conectados por uma passagem tortuosa e estreita, conhecida como Teia de Ferro, que dava na porta de cada torre e corria verticalmente, para cima e para baixo no seu entorno. Ela havia ouvido seu pai chamá-la uma vez de "maravilha enorme e amaldiçoada".

Da janela de seu quarto, Dinah adorava observar as Cartas do clube correndo para cima e para baixo nas espirais, como pequenas aranhas vestidas de cinza, segurando seus livros e instrumentos de tortura. A Princesa nunca teve permissão para entrar nas Torres Negras, é claro, mas ela planejava fazer um *tour* por elas com o

seu melhor amigo, Wardley. Mas, para isso, ela provavelmente teria que esperar para se tornar rainha.

Dinah, Harris e Emily chegaram ao Grande Salão. Duas grandes portas de marfim assomavam-se assustadoramente diante dela, entalhadas de maneira elaborada com a história do País das Maravilhas. Árvores amaldiçoadas, tribos Yurkeis e conchas do mar dançavam diante dela. Ela fechou os olhos.

Talvez, ela pensou, *talvez se eu desejar muito intensamente, eu poderia estar em qualquer outro lugar que não aqui.*

Dinah desejava estar do lado de fora, brincando de pega-pega com os filhos

dos servos, ou espiando pelo buraco do coelho no velho carvalho. Qualquer lugar era melhor do que o Grande Salão, sabendo que seu pai a esperava depois dessas portas impenetráveis. Duas Cartas de Copas, homens bonitos, astutos e firmes, em seus uniformes vermelho-e-branco, abriram as portas para eles, conforme eles se aproximavam.

Dinah sentiu suas mãos tremerem e congelou. *Ah, não, oh, deuses, agora não.*

Ela sentiu a mão de Harris em seu ombro e ficou grata pelo efeito calmante que ela trazia. Ele abaixou e olhou para a princesa diretamente em seu rosto.

– Dinah, minha criança, o Rei te

chamou aqui por uma razão muito especial. Tente ser graciosa, educada e amável. Ele é o seu pai e governa este reino. Tente se lembrar disso. Tudo o que o Rei faz é pelo País das Maravilhas.

O coração de Dinah estava batendo rapidamente em seu peito. Tinha algo errado, ela podia sentir. Por que ela fora trazida aqui? Essa não era só uma reunião de conselho entediante, na qual ela tinha que se empoleirar em sua pequena cadeira e parecer interessada, enquanto os homens do País das Maravilhas discutiam e vangloriavam-se de suas conquistas, ataques aos Yurkeis e política?

Harris lambeu seu dedo enrugado e

limpou algo de seu rosto.

– Dinah, minha criança, olhe para mim. Tudo vai ficar bem. Vou ficar esperando por você aqui fora.

Dinah foi tomada por um pânico repentino. Ela se pressionou nele.

– Não. NÃO. Quero que você venha comigo.

– A minha entrada não é permitida no Grande Salão para esse… no dia de hoje. O Rei deseja ter toda a sua atenção.

Harris nunca havia sido deixado de fora de um evento no Grande Salão. Como seu guardião e tutor, ele sempre foi bem-vindo para observar o Conselho do Rei. Mas não hoje. Algo estava errado.

– NÃO! – Dinah arremessou seus braços em volta de Harris – por favor, venha, eu não sei o que está acontecendo, por favor, venha comigo.

Harris se desvencilhou de Dinah, que agarrava sua cintura gorda:

– Dinah, não se esqueça de quem você é, você é a Princesa do País das Maravilhas, e não deve agir assim novamente. Quer envergonhar o Rei?

Dinah balançou a cabeça.

– Não.

– Então vá até lá e o cumprimente de maneira respeitosa – ele sorriu generosamente para ela – vai ficar tudo bem, criança. Confie em mim. Agora deixe-me ver sua cara de coragem.

Dinah fez uma careta.

– Não, não é assim. Me mostre uma cara de CORAGEM, Dinah. Dinah, a destemida, a futura Rainha do País das Maravilhas, a futura Rainha de Copas.

Dinah respirou profundamente e endureceu seus olhos negros. Ela se esticou, ficando mais alta, e murchou a barriga.

– Aí, está um pouco melhor. – Harris acariciou sua cabeça alegremente, mas Dinah tinha certeza de que notou lágrimas em seus olhos. – Está na hora. Estamos muito, muito atrasados. Estarei aqui fora.

Assim, ele a empurrou gentilmente para dentro do salão. As portas de marfim fecharam atrás dela, e o som reverberou por todo o enorme salão.

Grandes bandeiras vermelhas ondulavam do chão até o teto, com um coração negro costurado no centro de cada uma: o brasão do Rei. Os chinelos brancos de Dinah ecoaram no chão de mármore e ela sentiu milhares de olhos a observando, julgando. Ela manteve a cabeça coroada o mais alto que pôde. Toda a corte observava enquanto ela caminhava pelo corredor, lordes e damas de nascimento nobre, suas roupas brilhantes formavam uma mancha colorida no salão de mármore branco-e-preto. Dinah caminhou rapidamente até o trono, mas a frente do Grande Salão ainda parecia estar a quilômetros de distância.

As diferentes facções de Cartas

assentiam com a cabeça enquanto Dinah passava, alguns dizendo “Princesa” em suas respirações. Ela ouviu um leve riso e um sussurro de uma Carta de Ouros. “Uma carta reenviada”.

Ela manteve sua cabeça erguida e firme, como Harris tinha dito para ela fazer. *Um dia, esse será o meu Grande Salão,* disse a si mesma. *Todas essas Cartas irão se curvar diante de mim, quando eu reinar ao lado de meu pai, e cortarei as cabeças de quem rir ou até de quem olhar para mim.*

Todas as Cartas estavam presentes hoje, uma coisa rara. Existiam quatro divisões dos homens chamados de Cartas, cada uma servindo a um propósito no reino. Cartas de Copas,

homens lindos e habilidosos, uniformizados de vermelho e branco, que protegiam a família real e o palácio. Cartas de Paus, vestidos de cinza, eram encarregados da administração da justiça: eles puniam os criminosos e assassinos, e organizavam o Dia da Execução. Sua função mais importante era gerir as Torres Negras. As Cartas de Ouros, vestindo capas roxas vibrantes, protegiam e administravam o tesouro, e buscavam aumentar os recursos do Rei. E, então, existiam os Espadas. Espadas eram os guerreiros, encarregados de lutar e saquear. Os Espadas assustavam Dinah; vestidos de preto, eram homens duros e obscuros, com um passado perigoso. Eles eram vistos como brutais,

sanguinários e não eram dignos de confiança. Se criminosos se recuperassem e jurassem fidelidade, poderiam se juntar aos Espadas; isto é, se eles não morressem nas Torres Negras primeiro.

Os Espadas eram universalmente abominados e temidos no País das Maravilhas. Seu pai tinha mão firme com eles, o primeiro Rei a ter poder sobre os Espadas, com seu punho de ferro. Ele havia executado seus líderes mais fortes e subjugado sua selvageria. Os Espadas chiavam em silêncio, como uma brasa que poderia inflamar e se espalhar por toda cidade. Porém todas as Cartas eram, não importando o quão assustadoras, fonte de muitas histórias e

lendas.

Quando Dinah era criança, ela amava deitar em sua cama, à noite, e listar as Cartas em sua ordem favorita: Copas primeiro, já que eles a protegiam, então as de Ouros, depois as de Paus e, finalmente, Espadas.

– DINAH! – uma voz alta rugiu do trono, e Dinah sentiu uma pequena gota de xixi escorrer por sua perna embaixo do vestido. Ela estava perdida em seus pensamentos, parada no meio do corredor. Dinah curvou-se – Venha para cá. Agora.

Andou rapidamente para o tablado, um alto conjunto de degraus de pedras. No topo, ficavam duas pesadas cadeiras. Elas eram esculpidas em ouro no

formato de um grande coração. Na parte superior do trono, pequenos corações ascendiam, quanto mais alto alcançavam, menores e mais afiados se tornavam. O mais alto inflava e se abria em uma rajada de corações esculpidos, como se estivessem levantando voo. Eles faziam Dinah se lembrar de pássaros. O par de tronos de coração era parte da história do País das Maravilhas: era sabido que, quando alguém senta no trono, a magia é canalizada pelos corações abertos e você se torna sábio.

Observando seu pai, ela sabia que isso não era verdade.

Um dos tronos estava vazio, e uma única rosa vermelha sempre estava

sobre ele. Davianna, sua mãe, morrera quando Dinah tinha dez anos. O segundo trono era comandado por seu pai. O Rei de Copas estava parado em sua frente, um homem gigante, cheio de fúria e senso de justiça, uma insaciável luxúria por comida e mulheres. Enquanto seus olhos azuis focavam raivosamente no rosto de Dinah, ela o via da mesma maneira que seu povo: ele era o tipo de rei que preferia entrar logo na batalha em seu Hornhoov, do que governar atrás de sua mesa do conselho. Ele era um homem de ação, brutal e corajoso, cuja fúria era lendária. As pessoas do País das Maravilhas respeitavam o Rei, mas somente porque ele representava uma força reconhecida... e temida. O que

realmente importava para o povo do reino era que ele o mantinha seguro dos Yurkeis, e isso valia tudo. Dinah não acreditava que ele fosse um ótimo rei, mas até ela sabia o suficiente para nunca proferir essas palavras. Enquanto olhava para o feição dura do Rei, lembrou de quando havia dito isso a Harris, e ele havia lhe dado um chacoalhão.

– Nunca fale isso sobre o Rei de Copas! – ele gritou – Você quer ter sua cabeça cortada?

– Não – ela pediu histericamente – Só quero que ele me dê atenção!

Naquele dia Harris a abraçou apertado, afagando seu cabelo, e sussurrou:

– Ele nunca será o pai que você

merece – Sussurrou. Trouxe a torta favorita de Dinah e eles assistiram ao pôr do sol do campo verde, um raro prazer.

– Se ele não fosse o Rei – Dinah fungou – talvez ele me amasse.

– Ah, criança – Harris respondeu –, não é assim não, seu pai é um homem bruto e inseguro sobre o lugar que ocupa na vida de sua filha, mesmo quando sua mãe ainda era viva. A Rainha Davianna era tudo o que ele tinha, a única coisa que ele desejou mais do que a adrenalina de uma batalha e o cheiro de sangue fresco em sua espada de Copas. Eles tiveram um fim terrível e eu temo que, de alguma maneira, ele culpe você por isso.

Dinah pensou sobre isso, agora no Grande Salão, enquanto ajoelhava, sem jeito, diante do trono. O conselheiro do Rei e o chefe do conselho, uma Carta de Ouros chamada Cheshire, curvou-se e sussurrou palavras suaves em seu ouvido, sorrindo felinamente. Um frio na barriga pulsou no estômago de Dinah quando o viu. Ela não confiava em Cheshire. O Rei rosnou para ele e, então, endireitou-se, suspirou e levantou-se para cumprimentá-la.

– Dinah, minha filha, minha primogênita. Vejo que você está usando os sapatos de sua mãe. – Dinah sentiu um rubor tomar conta de suas bochechas. *Ele percebeu!* Ela pensou. O rei arranhou a garganta – Olhe para cima.

Ela levantou a cabeça rápido demais, e a coroa escapou para o lado e caiu com um tinido no mármore. Ela viu um olhar severo percorrer seu rosto.

– Não seja tão ansiosa – chiou – Você parece ridícula com essa expressão de pidona.

Ela sentiu seu lábio inferior tremer. Mordeu-o, fazendo fluir o doce sangue vermelho que ela chupou para sua boca. Ele ajoelhou-se e pegou a coroa, tão pequena em suas mãos tão grandes. Ele a colocou de volta na cabeça dela com um sorriso contido. A corte riu educadamente, sem se dar conta de sua raiva efervescente. O Rei permaneceu parado, sua grande capa vermelha enquadrando sua figura corpulenta,

como um touro.

– Minha filha, conselheiros, lordes e damas da corte, Cartas e cidadãos, está na hora de seu Rei contar uma verdade importante. – ele olhou para Dinah – Sente-se – disse para ela, e somente ela.

Dinah tentou sentar-se como uma dama, mas acabou caindo no chão com um estrondo, quase sem respirar. Olhou fixo para ele, intimidada diante de seu tom de voz poderoso. Olhou ao redor. Não havia um rosto sequer que não estivesse hipnotizado por sua voz explosiva.

– Há treze anos, nós vivíamos uma guerra devastadora com a tribo Yurkei. Mundoo e seus guerreiros estavam invadindo as vilas das propriedades do

País das Maravilhas, matando e assassinando pessoas inocentes. Como Rei, eu não poderia deixar esse mal imperar. Como vocês devem lembrar, reuni os melhores Copas e Espadas pela Floresta Retorcida, e subimos as colinas, onde acabamos com a tribo bárbara e mandamos Mundoo suplicando de volta para as montanhas de onde veio. Foi um grande dia para o País das Maravilhas, um grande dia para a segurança de meu povo!

A multidão aplaudiu e assoviou, até que o Rei olhou para baixo, solenemente, e um silêncio repentino se espalhou. Ele conseguia comandar o salão apenas pelo seu estado de espírito, Dinah observou, algo para lembrar

quando se tornasse Rainha.

– Nós perdemos muitas Cartas corajosas naquele dia. Eu espero que o que eu vou confessar hoje traga alguma honra a elas.

Uma sensação de desconforto estava agitando o estômago de Dinah enquanto ela sentava no chão do trono. Seu coração estava apertado, batendo tão forte que fez um barulho ao encontrar seu peito. O Rei não notou. Ele continuou:

– A guerra é sanguinária e brutal, algo que pode rasgar o coração de um homem. A guerra pode fazer um homem questionar tudo o que ele acredita, toda verdade a que ele se apega. O País das Maravilhas nunca viu uma guerra, então,

permitam-me confessar que a guerra pode tornar um homem... solitário.

A multidão assentiu com empatia e, em um canto, uma mulher explodiu em lágrimas. Dinah pensou em chacoalhá-la até que ficasse em silêncio. O Rei os tinha em suas mãos. Seus olhos azul-escuros, profundos como o oceano, brilhavam com orgulho.

– Conforme nossa lei decreta, uma pessoa pode pedir perdão por um erro cometido durante o período de guerra. Eu estive longe de minha querida esposa Davianna durante muito tempo. Os deuses descansam em seu coração.

Todas as pessoas, incluindo Dinah, fizeram um sinal de coração em seus peitos.

– Ela era o amor da minha vida e, quando eu saí para a guerra, nunca imaginei que demoraria tanto tempo para voltar. E, para minha eterna vergonha… – a multidão esperava com o fôlego contido, enquanto todo o Grande Salão estava paralisado – Deuses me perdoem, eu desviei o caminho dos meus votos de casamento.

Houve uma inspiração aguda em todo o salão. Dinah também engasgou.

– Já era tarde da noite, depois de uma batalha, e eu tinha bebido uma garrafa de vinho. Do lado de fora da minha barraca, conheci uma mulher de uma vila local, na base das montanhas. Ela era boa e generosa e me lembrava tanto Davianna. Meu julgamento estava

comprometido e eu estava tomado por luto pelos meus homens perdidos. Nós passamos aquela noite juntos e, já de manhã, eu acordei repentinamente, cego d e arrependimento. Como eu poderia trair minha amada Davianna? Que tipo de rei eu era? – houve então uma pausa.

– Aquela noite eu encontrei um precipício e estava pronto para me jogar dele.

Houve mais uma inspiração aguda e murmúrios irromperam no Grande Salão. Duas mulheres desmaiaram e tiveram que ser carregadas pelas Cartas de Copas. O Rei sorriu astutamente para seu conselheiro Cheshire, que tinha uma capa roxa em seus ombros magros. Cheshire deu uma rápida piscadela para

ele. Somente Dinah estava perto o suficiente para perceber essa troca.

– Enquanto estive parado na ponta do precipício, observando as estrelas se transformando pela última vez, eu juro que ouvi uma mulher cantando através da brisa. Algo me encantou em um sono profundo e sem sonhos. Na manhã seguinte, quando levantei, era um homem diferente. Meu desejo de viver havia retornado. Eu não conseguia afastar o sentimento de que havia conhecido essa mulher comum e de origem pobre por um motivo. Eu voltei imediatamente para a vila para encontrá-la, mas ela havia desaparecido. Procurei em todos os lugares e teria continuado a procurar se Mundoo e um pequeno exército de

cavaleiros não tivessem saqueado nosso acampamento naquela mesma tarde. Era o caos. Flechas estavam voando para todos os lados, mas a donzela não era avistada em lugar nenhum. Nós lutamos e vencemos, apesar de termos perdido muitas Cartas. Treze longos anos se passaram, e não existe um único dia que eu passe sem pensar naquela mulher e imaginar o que haveria acontecido com ela.

O Rei desceu os degraus, passando por Dinah sem sequer olhá-la.

– Meus fiéis súditos, vou contar-lhes a verdade: há duas semanas, um pedinte louco e delirante veio até o palácio. Ele veio para vender algo inestimável e se recusou a ir embora antes que eu

conversasse com ele. Era tarde, e eu estava furioso por ter sido acordado tão tarde. Eu o encontrei nesse mesmo salão, que estava vazio e silencioso como um túmulo. Imagine, se assim desejarem, um rei em seu pijama real se encontrando com um pedinte carregando um grande saco. Ordenei que abrisse o saco imediatamente ou uma Carta de Copas ficaria feliz em lhe cortar a cabeça. Verdadeiramente aterrorizado ele abriu o saco… e saiu de lá uma pequena garota.

Todos engasgaram, inclusive Dinah. Sentia como se seu coração fosse explodir dentro de seu peito.

– Ela estava faminta, uma pobre e doce criatura, mas quando ela se

levantou e me olhou nos olhos, eu vi grandiosidade. Eu vi… – ele pausou novamente para um efeito dramático – minha filha perdida, a nova Duquesa Vittiore.

Dois

O Grande Salão entrou em erupçãc com uma cacofonia de sons, apesar de Dinah permanecer sentada atordoada e sem voz. Os súditos do Rei estavam gritando, suas lágrimas e aplausos se dissolvendo em uma onda de ruídos felizes. O Rei permaneceu parado enquanto a multidão balançava e oscilava diante dele. Depois de alguns momentos, ele limpou a garganta:

– Não poderia haver nenhuma dúvida

de que essa garota é minha. Ela tem meus cabelos de ouro, meus olhos azuis e o comportamento gentil de sua mãe, que, infelizmente, encontrou a morte nas mãos das tribos Yurkeis. Desde que Vittiore chegou ao palácio, eu não fiz nada além de observá-la e estudá-la, para verificar se ela é realmente minha. E, posso dizer, em confidência, que ela é minha filha perdida. Hoje eu declaro isso abertamente e nenhum homem pode dizer o contrário, pois estaria chamando o Rei de mentiroso.

O Rei de Copas demorou seu olhar em Dinah, ajoelhada diante dele, seu corpo estava petrificado com o choque.

– A Duquesa Vittiore foi questionada, inspecionada e interrogada. Embora eu

sentisse em meu coração, eu não me atreveria a acreditar que isso era verdade; até que eu falei com ela e vi o meu próprio reflexo em seus olhos. Não há erros: essa é minha segunda filha, que se juntará a Princesa Dinah, como a Duquesa do País das Maravilhas. Eu lhes apresento Vittiore.

Uma pequena garota luminosa saiu de trás do trono. Ela era jovem, mas já radiante como o sol. Cachos dourados da cor de mel desciam até sua cintura, seus olhos azuis brilhantes radiavam cheios de alegria e curiosidade, seu rosto era perfeitamente imaculado, um retrato da inocência. No topo de seu ninho de cachos, descansava uma pequena coroa de passarinhos de

safiras, sem dúvida feita recentemente pelo joalheiro do palácio. Seu vestido azul e branco, longo, arrastava pelo chão, como se ela fosse uma donzela no dia do seu casamento.

– Querida – o Rei disse gentilmente. Ele abaixou e a pegou no colo, segurando-a sobre seu peito para que toda a multidão pudesse vê-la. O povo engasgou com tanta beleza, e uma Carta de Copas caiu de joelhos com a emoção. O Rei a colocou sentada ao lado de Dinah, que a olhava com um ódio óbvio. Uma fúria de ciúmes nasceu nela, negra e estranha. Suas mãos tremiam enquanto ela agarrava firmemente a borda da escada. O discurso explosivo de seu pai continuou.

– Muitos de vocês devem ter se perguntado o que estão fazendo aqui hoje. Não há guerras e nenhum assunto importante em nossas mãos. É porque eu queria que o MEU reino soubesse que o País das Maravilhas tem um NOVA duquesa, e que comecem as festividades!

O salão irrompeu em uma alegria ensurdecedora e o chão abaixo deles estremeceu com o pisar dos pés. O som aumentou em uma onda, quebrando em Dinah e a afogando. Ela tentou ficar em pé, mas seu corpo cambaleou para frente de maneira tão violenta, que acabou escorregando dois degraus na escada de mármore; seus joelhos e peito bateram na dura pedra com um estrondo. Seu

rosto inflamou em vermelho enquanto todo o reino a observava – a princesa sombria e desajeitada – que agora parecia um burro corpulento ao lado de Vittiore, uma égua brilhante. O Rei deu uma risadinha, mas havia malícia em seus olhos, enquanto agarrava Dinah pelos braços, puxando-a para ficar em pé.

– E, claro, ela se juntará aos meus dois outros filhos: Princesa Dinah, minha primogênita e futura Rainha de Copas, e Charles, seu irmão mais novo, o orgulho do meu coração.

Mentiras, pensou Dinah, desejando que as lágrimas quentes que preenchiam seus olhos permanecessem imóveis. *Ele está contando mentiras.*

– É minha prece e ordem que esse reino acolha minha filha como sua nova Duquesa do País das Maravilhas. Se eu ouvir algo próximo do sussurro da palavra "bastarda", o homem ou mulher irá perder sua cabeça na minha espada de Copas.

Com uma respiração ofegante, Dinah tirou os braços do aperto de seu pai. Ela podia sentir os olhos da multidão voltados para ela, centenas de olhos famintos observando cada movimento. Com seus olhos negros, que fervilhavam como carvão, encarava Vittiore. A pequena garota com cabelos loiros deu um pequeno e tímido passo em direção à Dinah, que a observou cuidadosamente, sem saber o que fazer. Ela sentiu

vontade de gritar ou de atirar alguma coisa nela, mas não ousou fazê-lo. O Rei provavelmente bateria nela se ela o fizesse. A garotinha estendeu sua pequena mão.

– Minha irmã – suspirou, com uma pitada de súplica. A multidão segurou a respiração. Dinah encontrou os olhos azuis da garota com uma expressão furiosa e levantou a cabeça para o Rei de Copas.

– Muito obrigada, pai. Eu a recebo com muita alegria na nossa… família. – ela engasgou nessa última palavra. Agarrou a mão quente da garota em suas mãos geladas e apertou fortemente. O salão irrompeu em música e alegria, enquanto a multidão se curvava diante

das duas garotas e seu pai. O Rei percebeu que o momento que ele estava esperando havia chegado:

– Convido a todos para se juntarem a nós para um banquete de celebração no Salão de Jantar – ele anunciou.

A multidão começou a se dispersar rapidamente, famintos pelas pilhas de torta e carne assada que, sem dúvida, os esperava. Dinah deu um passo para trás na direção da escada, feliz em estar livre e com medo de que seu pai a visse chorando.

– Você não – grunhiu o Rei, puxando-a para trás, sua mão apertando seus braços. Dinah soltou um gemido – O que foi isso? Por que você não está feliz em conhecer sua nova irmã?

Dinah girou para encará-lo, as lágrimas que ela estava segurando escorreram por seu nariz e bochecha.

– E a minha mãe? Eu pensei… eu pensei…… – ela sussurrou.

O rosto do Rei se iluminou em fúria e, murmurando raivosamente, ele a arrastou para longe do olhar das pessoas, atrás do trono, tão grande que ocultava os dois. Ele apertou seu rosto nas mãos e a segurou mais perto, o cheiro de vinho espalhando-se por seu rosto a partir do hálito quente de seu pai.

– Eu nunca mais quero que você mencione sua mãe, não na frente de Vittiore. O nome de Divianna não será mais proferido nesses salões.

Dinah deu um grito agudo. O rosto do Rei ficava cada vez mais vermelho

– PARE COM ISSO! PARE DE CHORAR! Você precisa estar feliz hoje, sua miserável ingrata! Você tem uma irmã. Seja feliz.

Agora ele a balançava violentamente, e ela sentiu seus joelhos começarem a fraquejar. De repente, uma mão longa e magra pousou no ombro do Rei.

– Vossa Majestade, permita que eu cuide dela. Princesa Dinah certamente teve um dia com muitas emoções. Tenho certeza de que foi um grande choque para ela.

Cheshire, o conselheiro do Rei, deslizou para seu campo de visão. Seu rosto era longo e flexível, como se ele

não tivesse nenhum osso embaixo da pele. Ele tinha um cabelo preto e grosso, olhos negros e lábios pálidos, quase da mesma cor de sua pele; mas você nunca os via, pois estavam sempre pequeninos em um sorriso, sustentando seus enormes dentes brancos. Mesmo quando Cheshire estava amigável e sorrindo, parecia perigoso. Magro e vigoroso, ele se elevou sobre o rei, radiando malícia. Hoje ele estava vestido como sempre, com um colete de veludo cor de ameixa e culotes acima das botas de caça. Uma faixa branca com o símbolo de cada carta caía de seu ombro esquerdo até o chão, demonstrando sua autoridade sobre todas as outras Cartas. Não havia ninguém acima de Cheshire, além do

Rei.

Dinah ergueu os olhos para Cheshire, confusa. Ele nunca fora seu aliado; muito pelo contrário, ele era um homem que estava constantemente sussurrando segredos tortuosos no ouvido de seu pai. Rumores de suas atividades extracurriculares imperavam no castelo. Alguns diziam que ele passava um bom tempo em um laboratório secreto nas Torres Negras criando novas espécies de pássaros e confeccionando veneno. Alguns diziam que ele podia mudar de forma e que andava pelo castelo durante toda a noite disfarçado de gato de estimação. Dinah sempre tinha deixado isso passar como bobagem de plebeus, mas agora já não estava tão certa. Havia

nele uma estranheza atraente, algo que a chamava em suas promessas sedosas. Ela ainda o odiava, sempre havia odiado. Ela o culpava pelo ódio de seu pai por ela.

A voz de Cheshire era gentil enquanto ele soltava os dedos do Rei do ombro de Dinah:

– Vou levá-la de volta para seus aposentos. Talvez a Princesa Dinah não esteja se sentindo muito festiva hoje.

O Rei se afastou dela sem olhá-la novamente e colocou seus braços de maneira protetora em volta de Vittiore. Ela olhou novamente para Dinah com olhos tristes e vazios.

– Sim, Cheshire. Isso parece uma boa ideia. Leve-a. Tire-a do alcance do meu

olhar.

O Rei de Copas emergiu de trás do trono e começou a apresentar Vittiore para os lordes e damas agrupados na base da escada. Dinah sentiu-se vazia, uma tigela raspada, e ela permitiu que o duvidoso conselheiro de seu pai a guiasse para uma porta secreta geralmente usada para uma saída privativa do Rei. Eles andaram metade do caminho, quando Cheshire parou. Virando-se para ela com um sorriso perigoso, ele puxou uma elaborada tapeçaria da parede, perto da latrina. Poeira caiu sobre os dois, mas assim que ela se dissipou, revelou uma porta com a mesma cor da pedra ao seu redor. Cheshire segurou um dedo entre os

lábios e, com a mão esticada, empurrou a porta que, ao abrir, revelou uma passagem esculpida nas paredes do castelo.

Dinah estava entorpecida demais para se impressionar, embora normalmente ela estaria fascinada. Havia muitas passagens secretas no palácio do País das Maravilhas, e ela adorava descobri-las, uma de cada vez. A maioria de seus dias eram cheios de aulas entorpecentes de Críquete, etiqueta, história e dança, mas, de vez em quando, ela podia escapar do olhar observador de Harris e explorar o palácio com Wardley.

Com uma careta, ela concedeu a Cheshire um sussurro enquanto limpava uma lágrima de seus olhos:

– Para onde isso vai? – ela perguntou.

Ele não respondeu.

– Para onde isso vai? – perguntou novamente, irritada.

Ele simplesmente acenou a cabeça na direção do túnel. Dinah passou por debaixo da porta, seu coração batendo rapidamente, com medo e curiosidade ao mesmo tempo. Após algumas rápidas voltas descendo escadas sujas de lama, eles chegaram em uma passagem de pedra úmida iluminada por lanternas cor-de-rosa. As voltas pareciam intermináveis. Cheshire falava baixinho enquanto eles andavam, a alta cadência de sua voz ecoava nas paredes.

– Tenho certeza de que o dia de hoje foi difícil para você, Alteza. Você não

só ganhou uma irmã mais nova e mais bonita no seu décimo quinto ano de vida, mas ouviu uma história muito clara sobre a infidelidade de seu pai para com sua querida mãe, que Deus a tenha. Uma garota inteligente como você não pode se surpreender. Os *desejos* de seu pai por outras mulheres são bem conhecidos. – Cheshire parou, acariciando seu queixo comprido – Ele não merecia Divianna.

– Não fale na minha mãe, você não a conhecia. E ela não é minha irmã! – Dinah retrucou – Ela é uma criança bastarda!

Os dedos magros de Cheshire envolveram seu cotovelo, e ela se encontrou sendo puxada para trás, cara a

cara com ele, seus narizes a centímetros de se tocar. Os lábios dele se curvaram de raiva, revelando seus dentes brancos famintos.

– Me escute, Dinah – chiou –, você NUNCA pode deixar o Rei de Copas ouvi-la dizendo isso. As coisas vão mudar para você, criança, e é melhor que seja mais forte do que essa pirralha chorona que é agora.

Dinah puxou seu corpo para longe do dele.

– Eu não sei do que você está falando – respondeu, com uma voz vacilante – e eu não me importo. Essa garota NÃO é minha irmã e você não é o Harris. Você não sabe nada sobre mim. Onde ele está? Onde está o Harris?

– Harris não está aqui e ele não vai servir pra muita coisa pra você além da tutoria e de escolher seus vestidos de manhã. Ele não sabe sobre essa passagem, ninguém sabe, só você e eu. Vai chegar um momento em que ela será útil para você, tenho certeza. Há muitas curiosidades no País das Maravilhas e nas Torres Negras. Mais do que você pode imaginar – ele levantou uma sobrancelha – Você deve aprender tudo que ainda não sabe, Princesa. Até agora você foi uma menina mimada, que passa os dias brincando nos estábulos e sonhando com aventuras com Wardley. O País das Maravilhas é um lugar muitc mais sombrio e tortuoso do que você imagina.

Algo se partiu dentro de Dinah. Ela não conseguiria mais aguentar seus avisos enigmáticos ridículos ou seu sorriso venenoso. Passou por sua cabeça que ele provavelmente estava ali em uma missão do Rei, para assustá-la e fazer com que ela aceitasse Vittiore.

– Por que você está falando comigo? – ela rebateu – EU TE ODEIO! Não me toque!

Correndo para longe de Cheshire, ela lançou-se no túnel escuro à sua frente, sem ver para onde estava indo, seus passos ecoando na escuridão. Ela virou uma vez, e mais uma. Indo cada vez mais fundo nas profundezas do túnel, até que tudo o que ela podia sentir era o cheiro de terra e frio. Cheshire desapareceu no

túnel atrás dela, seu chamado por ela sumindo silenciosamente na escuridão. Ela correu debaixo das profundezas do palácio, tão rápido quanto as joias de seus pés poderiam levá-la. Ela virou à direita, depois à esquerda e, então, escorregou através de uma fenda vertical na parede. Chamas dançantes cor-de-rosa das lanternas diminuíam gradualmente, enquanto o túnel ficava mais profundo.

Dinah não estava pensando – apenas correndo, o mais rápido que podia. Ela continuava vendo o olhar orgulhoso de seu pai e a expressão devastada de Harris enquanto a deixava entrar no Grande Salão. O túnel ficava mais estreito e Dinah podia ver, através de

suas lágrimas, as paredes de pedra se fechando nela. Perto da histeria, Dinah ajoelhou no chão frio e deixou as lágrimas saírem, um soluço derramado que era ensurdecedor naquele espaço pequenino. Chorando e batendo na pedra, ela soltou um grito alto de raiva.

Como ele ousa? Como ele ousou ser infiel à minha mãe? Como ele ousa trazê-la para frente das pessoas da corte apenas para humilhar minha mãe? Por que ele a ODEIA *tanto?*

Em sua mente, ela via Vittiore. Vittiore, sua nova irmã, a bastarda de seu pai, a prova de que ele não amava sua mãe como ele alegava publicamente. Vittiore, com seu longo cabelo loiro e seus olhos azuis, como a flor escovinha.

Dinah remexeu a terra suja. Ela prometeu para si mesma que nunca seria amiga de Vittiore. NUNCA. Ela não conversaria com ela a não ser que fosse forçada, e ela não veria seu rosto perfeito se pudesse evitar. Nunca aconteceria. Falar com Vittiore seria uma traição à sua mãe. *Sua mãe*...

Grandes soluços escaparam de seus lábios, e ela estava grata por, uma vez, pelo menos, não ter servos por perto. Aqui eram apenas ela e a terra. Ela se acalmou gradualmente, a escuridão era como um cobertor pesado em seus ombros largos. Dinah limpou seus olhos e olhou ao redor. Tudo era silêncio. Ela decidiu ir mais adiante. O túnel ficava cada vez mais frio, o ar soprando ao seu

redor era uma mordida amarga. Raízes pretas e grossas, torcendo-se como cobras, cresceram acima dela. Elas a lembravam dos ossos das bruxas e, mais de uma vez, ela jurou que podia vê-las se mexendo e indo em sua direção quando ela olhava para o outro lado. Esse era um lugar de coisas sombrias.

Dinah parou um minuto para recuperar o fôlego. Uma única lanterna iluminou uma passagem em sua frente, a chama brilhando na escuridão. Ela andou através da abertura e em alguns passos chegou em um lugar cheio de sujeira, enquadrado por três arcos. Cada um levava a um túnel e, de pé, no centro do círculo, Dinah não conseguia lembrar de qual tinha acabado de vir. Eles

pareciam todos iguais, cada um iluminado por uma única tocha rosa. Haviam símbolos gravados nas abóbodas de cada um: um coração, uma árvore e um que ela não conhecia – um triângulo com a base ondulada. O oceano? Ela espiou novamente. Poderia ser uma montanha, ela pensou. As Montanhas Yurkeis.

Dinah correu os dedos por cima dos símbolos. Eles estavam levemente esculpidos na pedra, quase invisíveis a olho nu. Seu coração acelerou no peito, e o pensamento de seu pai descobrindo seu corpo em decomposição quando ela não conseguisse encontrar o caminho de volta a encheu de uma alegria surpreendente. Ela franziu as

sobrancelhas e encarou os desenhos. Após um momento, ela se curvou e entrou no túnel com o coração.

Sim, ela podia ver suas pegadas na terra. Deixou um suspiro de alívio escapar. Era por ali que ela tinha vindo. Isso fazia sentido, enfim; ela era a Princesa de Copas. Dinah se aventurou no caminho com o símbolo da árvore. Ele era ainda mais tortuoso do que o que ela tinha vindo, e o túnel continuava a diminuir, até que Dinah precisou abaixar para caber nele, sua cabeça roçando o teto sujo. Ele ficou ainda menor, e ela percebeu que estava rastejando. O túnel continuava em uma curva que parecia eterna. Um musgo branco começou a se espalhar pelas paredes, e todos os sons

da vida no palácio pararam. Então Dinah sentiu que ela não poderia se rastejar mais adiante; abriu-se uma grossa parede de pedra, fixa por trincos tão grossos como seus braços. Um beco sem saída.

Dinah parou e se envolveu nos próprios braços, atentando para os tremores de seus ombros. Há quanto tempo ela estava nesses túneis? O tempo havia se tornado, de alguma maneira, irrelevante. Dias? Horas? Um ar fric soprava ao seu redor, girando de cima para baixo e movimentando a terra debaixo de seus pés. Ela levantou as mãos sobre a cabeça e sentiu o ar fresco beijar a ponta de seus dedos. Os olhos de Dinah seguiram os trincos para cima,

até que descansaram em um círculo esboçado levemente sobre sua cabeça, a poeira o fazia pouco visível.

Uma porta. Seus olhos se arregalaram. *Não eram trincos, era uma escada!* Dinah subiu seis trincos antes que seus pés se prendessem no vestido e ela caísse violentamente no chão do túnel, arranhando seus joelhos e a palma das mãos.

Na próxima tentativa, ela deixou seu vestido para trás. Grunhindo e suando com o esforço, e vestindo apenas as roupas de baixo, Dinah se puxou para o trinco superior e empurrou a porta. Uma poeira caiu em cima dela quando a porta rangeu. Usando toda sua força, Dinah inclinou sua cabeça e empurrou com

seus ombros, rezando para que seus pés não escorregarem dos trincos. Uma vez que ela fez isso, a porta se abriu facilmente, lama e grama chovendo em cima dela e de seus cílios.

Com esforço extenuante, Dinah levantou-se para fora, através do buraco. Ela espirrou algumas vezes, e olhou em volta maravilhada, deitando-se no chão e sentindo o contato com suas costelas. Acima dela, as estrelas do País das Maravilhas brilhavam, e se você olhasse de perto, elas se moviam ligeiramente. As constelações do País das Maravilhas nunca eram constantes, e Dinah adorava observar as mudanças dos padrões, de noite para noite – círculos, espirais, linhas, conchas – as

estrelas nunca formavam a mesma coisa duas vezes. E aqui estavam elas, suas estrelas, tão brilhantes que sua luz iluminava todo o País das Maravilhas. Ela estava do lado de fora. Nunca tinha ficado tão feliz em sentir a brisa fria em sua pele. Agora percebia que teve medo dos túneis. Sua raiva a tornou cega. O ar fresco da noite acariciou seu corpo, que estava coberto apenas por suas finas roupas de baixo. A brisa da noite enxugou as lágrimas e limpou sua mente.

Assim que sua respiração voltou ao normal, ela se levantou e absorveu o seu entorno. Ela estava do lado de fora dos portões do palácio, talvez a quase um quilometro do círculo das majestosas muralhas de ferro ornamentadas que

cercavam sua casa. As infames muralhas eram feitas de milhares de corações de ferro, juntos em uma dança de beleza e defesa, e que advertiam os intrusos para que ficassem longe. Ela estava olhando para o leste agora e, se apertasse os olhos, poderia ver o contorno da Floresta Retorcida, muitos e muitos quilômetros de distância do Palácio do País das Maravilhas.

Ela olhou para os dedos dos pés e mexeu-os nas flores silvestres que floresciam em torno deles. Em algum lugar próximo, dentro dos portões, a grande árvore Julla rangia ao vento e depois um gemido agudo percorreu o ar, vivo e intenso, tudo de uma vez. Parecia estar rindo dela. Dinah estava diante do

castelo e fez um esforço para não temer o que estava invisível nos campos abertos atrás dela. Ela começou a caminhar lentamente para longe do túnel.

Nunca havia saído dos portões do castelo do País das Maravilhas e, agora, ela o contemplava. Erguia-se dos campos de flores vermelhas, como um farol de esperança cega. Seus pináculos dourados torciam e perfuravam o céu; as torres e jardins de rosas suspensos adicionavam beleza às suas inúmeras paredes; as pontes brancas conectavam uma torre à próxima. Dinah sabia que, abaixo das torres, estendendo-se para fora dos Aposentos Reais, estava o Gramado de Críquete, uma imensidão de relva verde, perfeita para piqueniques,

Críquete, ou equitação com avestruz. Paralelo ao Gramado de Críquete, do outro lado do castelo, estava o Jardim Xadrez. Esse era o lugar onde os Espadas e Copas se alinhavam para a formação e, quando os traidores eram executados, o sangue era derramando em um bloco de mármore longo e branco.

De onde estava, ela mal conseguia ver, exceto os portões e as alturas imponentes dos Aposentos Reais. Espiou a varanda de seu quarto e acenou, pensando por um momento que talvez Harris pudesse vê-la. Mas ele não podia. Ninguém sabia onde ela estava, e ela certamente não poderia dizer-lhes sobre seu túnel secreto para o lado de fora. Talvez, pensou, talvez Cheshire

não soubesse sobre o túnel de árvores que levava para o exterior. Era só dela. Não havia outras pegadas dentro desse túnel e poeira não se forma durante a noite. *Deve haver um outro túnel lá embaixo*, pensou ela, *que leva aos Aposentos Reais.* Era para lá que Cheshire a estava levando.

Com um sorriso, Dinah demorou na visão do palácio um último momento. Seu castelo era uma beleza, uma fortaleza feroz e formidável, lindo e perigoso ao mesmo tempo. *Um dia*, Dinah pensou, *isso tudo seria dela*.

Eu vou ser a Rainha do País das Maravilhas. Eu vou ser a Rainha e Vittiore só será a Duquesa. Esse pensamento era suficiente.

Seus joelhos sacudiram quando ela olhou para o castelo, e Dinah percebeu que estava exausta. Seus aposentos pareciam muito atraentes, e o gemido que subiu da Floresta Retorcida causou arrepios na espinha. Dinah deu alguns passos para trás para entrar no túnel, só que, dessa vez, ela não conseguia encontrar a abertura. Sabia que tinha sido perto de algumas plantas herbáceas e de um grosso arbusto retorcido, mas ele se fora.

Dinah ficou mais e mais irritada conforme caminhava pela área, brigando com a terra e as flores silvestres ao lado, até que pensou em procurar com os dedos por baixo da grama, iluminada apenas pela luz das estrelas. Por fim,

seus dedos encontraram um sulco anormal na grama, e ela deu um puxão. Nada aconteceu. Usando toda a força que tinha dentro dela, Dinah levantou-se com esforço. A porta não se mexeu. Um traço de medo brilhou no cérebro de Dinah. Alguma coisa estava errada. Ela puxou novamente. Suas unhas racharam e quebraram, a porta estremeceu e bateu de volta no lugar. Ele não se moveu. Estava trancada. Dinah olhou para a porta. O vento parou apenas por um momento, mas foi o suficiente. Ela ouviu um suspiro fraco seguido por uma respiração irregular. A luz de uma tocha queimada escapou entre a porta. Alguém estava lá embaixo. Alguém a havia trancado para fora. Sua respiração ficou

presa em seus pulmões. Alguém estava esperando por ela. A Floresta Retorcida deu outro gemido alto, o som ecoando por centenas de quilômetros. Dinah se afastou da porta devagar e correu o mais rápido que pôde em direção aos portões do palácio.

♥ ♥ ♥ ♥

Dois anos se passaram desde aquela noite sombria, e Rintom e Thatch, Cartas de Copas do serviço do Rei contariam, quando bêbados de vinho, a história daquela noite. A noite em que Dinah, a Futura Rainha de Copas, foi encontrada do lado de fora do castelo apenas com as roupas de baixo. Ela não lembrava de como tinha ido parar lá, não houve

nenhuma resposta de como escapara através das grades do castelo sem ser vista. Ela estava em estado de choque, tremendo e profundamente amedrontada. Era a noite, eles lembravam, em que o Rei tinha apresentado a doce Vittiore, e eles refletiam se era uma coincidência ter sido na mesma noite que Dinah, a Princesa do País das Maravilhas, provou ser um pouco estranha – como o seu irmão, o Chapeleiro Maluco.

Tres

O inverno no País das Maravilhas era a época favorita de Dinah, exceto pela jornada anual de seu pai às Montanhas do Oeste. Flocos de neve rosados caíam do céu cinza e melancólico, enquanto Dinah, em silêncio, atravessava o pátio coberto pela neve. Suas botas feitas de pele deixavam enormes pegadas no chão, enquanto o vento soprava pequenos redemoinhos de neve rosada ao redor de seus tornozelos. Dinah soltou um sopro de ar gelado e o viu congelar e cair no chão, produzindo um

tilintar suave. Uma garota de dezessete anos não deveria se divertir com coisas tão simples, disse a si mesma, mas em seguida repetiu a brincadeira com alegria.

Duas Cartas de Copas curvaram-se diante de Dinah, mas ela percebeu os sorrisos zombateiros estampados em seus rostos. Ela não se importava – não hoje. Sua capa de lã preta estalava com o vento conforme balançava em suas costas. O odor dos cavalos invadia suas narinas e ela começava a cantarolar alegremente.

Os estábulos circulares do País das Maravilhas ficavam entre os muros de ferro e o palácio, na região sudoeste, e abrigavam todo o tipo de corcéis

imagináveis. Mesmo os estábulos sendo impecavelmente limpos, dava para sentir o cheiro de esterco e aparas de madeira quando chegava mais perto. Partindo de um eixo central de baias, amplo e reforçado, circulavam outras baias com um tipo de passagem entre elas. Cavalos e mais cavalos dormiam, comiam e treinavam nesse complexo labirinto de estábulos, ringues internos para cavalgar e salas cheias de armamentos e equipamentos de montaria. Foi arquitetado para evitar que os cavalos fugissem; e o labirinto assegurava grande dificuldade para aqueles que desejassem tentar roubar algum dos seres mimados que ali habitam. Dinah aspirou o ar congelante

mais uma vez enquanto passava pelo labirinto de baias. Homens, feno e cavalos – seus cheiros favoritos, porque a lembravam *dele*. No centro da estrutura do estábulo houve uma mudança palpável no ar, à medida que ela chegava ao estábulo central. Essa era uma baia diferente de todas as outras, com portas de madeira maciça que erguiam-se sobre a cabeça de Dinah.

Ela espiou com um frio na espinha quando passou pelos três Hornhooves que a encaravam com aqueles olhos do tamanho de maçãs, sedentos por morte. Manteve sua cabeça baixa e continuou andando da forma mais silenciosa que podia. Os Hornhooves a assustavam;

assustavam a todos. Eram mais criaturas das profundezas do inferno do que cavalos, e mantinham-se com os ombros e cabeça acima dos demais corcéis, na altura de dois cavalos juntos, com músculos nas pernas mais grossos que a cabeça de um homem. Seus cascos mortais eram cobertos por centenas de ossos afiados, inquebráveis: instrumentos para a morte dolorosa de quem quer que ficasse no caminho deles. Eram o orgulho e a alegria do Rei, especialmente Morte. Morte – o ceifador da vida, era o corcel favorito de seu pai.

Foi Morte quem encarou Dinah enquanto ela passava pela baia, com vapor saindo de suas narinas quente o

suficiente para queimar a pele. Músculos generosos dançavam sob seu dorso de cor preto cintilante – tão preto que era quase azul. Ele era maior que os outros dois Hornhooves brancos e diziam ser um animal particularmente sedento por sangue – incansável e mais cruel que a maioria de sua espécie. A tribo Yurkei domava essa espécie havia gerações e eram criados para serem soldados sem medo algum – os maiores cavalos de guerra, quase imbatíveis e muito raros. Muitos homens morreram sob seus cascos, tanto despedaçados pelos ossos afiados e inquebráveis, como esmagados pelo seu grande peso. Eles eram tão grandes que a mão de Dinah poderia ser engolida por uma das

narinas negras e cavernosas de Morte.

Morte andava até o fim de sua baia enquanto Dinah passava, seus cascos pesados faziam o chão tremer. Os Hornhooves deixavam Dinah nervosa, e ela andou mais depressa em direção aos estábulos onde os cavalos toscos e fracos eram mantidos, úteis para levar cargas e lavrar a terra. Ela estalou a língua e esperou Rajado aparecer na entrada da baia.

Quando criança, Dinah o batizou – seu cavalo com manchas pretas e brancas – de Rajado, pois ele a fazia lembrar dos respingos de chuva sobre sua janela. Era um cavalo doce e gentil. Raramente fazia mais do que trotar alegremente, comer com entusiasmo e

dar beijos babados na mão de Dinah. Ele deu um relincho de alegria quando ela se aproximou, Dinah, por sua vez, sacou uma maçã de dentro da sua capa. Rajado abocanhou rapidamente relinchando novamente, seus lábios macios de cavalo dançando na mão de Dinah.

– Você acha que vim apenas para vê-lo? – ela sussurrou para Rajado, enquanto coçava sua orelha – Bom garoto. – Ela deu um tapinha gentil e dirigiu-se mais a fundo, em direção ao ringue externo. *Pobre Rajado*, ela pensou, *ele definitivamente não era o motivo pelo qual ela visitava os estábulos hoje e em todos os dias*. Um rubor descompensado foi surgindo em

suas bochechas pálidas. Wardley agora passava a maior parte de seu tempo treinando os cavalos e as Cartas; portanto, Dinah também estava passando cada vez mais tempo com os cavalos.

Wardley Ghane estava treinando para ser o próximo Valete de Copas – um belo título para o comandante das Cartas de Copas, mas, para Dinah, ele era muito mais do que isso. Ele era seu melhor amigo… e o rapaz que amava. Alto, com cabelos castanhos, longos e cacheados, que chegavam até o topo de suas sobrancelhas expressivas, Wardley Ghane era tão devastadoramente bonito quanto era habilidoso. Cavalgava em sua sela de ébano como se tivesse nascido em cima de um corcel e sacava

sua espada da cintura com grande facilidade. Ele era um guerreiro temível, carregava com orgulho o brasão do Rei e era uma Carta sagaz, que conseguia transitar pelas politicagens e armadilhas que inevitavelmente surgiam, mantendo sua liderança diante das Cartas de Copas mesmo sendo tão novo. Wardley estava sendo treinado por Xavier Juflee, o atual Valete de Copas, conhecido por ser o melhor espadachim em todo o País das Maravilhas.

Wardley era o favorito do Rei entre suas jovens Cartas e, quem sabe um dia, Dinah desejava, algo mais do que isso. Ela queria fazer de Wardley seu marido, o que faria dele o Rei de Copas ao seu lado. A linhagem de sucessões

estabelecia que, quando um rei e uma rainha reinassem, reinariam até suas mortes ou até que desistissem do trono. Se um rei ou rainha morresse durante o reinado – como aconteceu com Davianna –, então o filho primogênito dessa união, chegando o décimo oitavo aniversário, reinaria junto ao viúvo ou viúva, até que casasse com alguém. Então, o rei ou rainha mais velho cederia seu lugar ao trono, e o recém-formado casal real governaria. Contemplando o rosto de Wardley, Dinah ansiava pelo dia em que seu pai renunciasse e desse lugar ao seu marido. E que fosse Wardley. Para muita surpresa de Dinah, no dia em que completou dezesseis anos, ele começou

a fazer seu coração contorcer-se de desejo em cada sorriso solto, cada abraço amigável. Um dia ela olhou para Wardley e quis mais dele – ela queria tudo. A mudança em seu comportamento geralmente o deixava confuso, por isso tentava mostrar o mínimo de afeto possível quando estavam juntos; mas, ao cair da noite, deitada em sua cama, imaginava seus lábios junto dos dele, o peso do corpo pressionado contra o seu. Seu nome estava sempre na ponta da língua, seu desejo por ele estava descontrolado. Ela o amava e, de certa forma, sempre o amou. Agora, ele esperava por ela, mastigando um punhado de grãos às sombras do palácio, já montado em seu estonteante

corcel branco, quando Dinah surgiu dos estábulos.

Ele ajeitou sua capa e armadura com destreza e já estava pronto para seu treinamento com as Cartas. No peitoral de seu uniforme branco, havia um quadrado vermelho com um coração preto em cima, o brasão do Rei. Corning, seu cavalo de um branco ofuscante, deu um leve pinote quando viu a capa preta de Dinah dançando no vento frio.

– Ôôôaa, calma. – Wardley puxou as rédeas vermelhas antes de sorrir para Dinah – ele vê você quase todos os dias e ainda assim essa capa preta sempre o assusta – ele esticou o braço e passou a mão pelo penteado de Dinah – Você está

bonita hoje!

Ela sentiu um calor passando por todo seu corpo, esquentando-a até a ponta dos dedos do pé. Wardley sempre fazia ela se sentir assim.

– O que faz aqui fora nesta manhã congelante?

Dinah deu de ombros.

– Não está tão frio. Você nunca foi uma pessoa do inverno. Eu gosto. Veja, trouxe umas tortas quentes para você.

Dinah tirou os salgados quentes dos bolsos de sua capa. A geleia de framboesa já havia vazado pela camada de queijo e seu aroma preencheu o pátio.

Wardley lambeu os lábios.

– Oh, Dinah, você é tão boa. Era exatamente disso que precisava. Você é

incrível, sabia? – Pegou a torta de sua mão e enfiou direto na boca em apenas uma mordida lambuzada. O açúcar salpicado em cima ficou todo no seu lábio superior. Dinah sorriu envergonhada enquanto circulava um coração rosado com sua bota na neve. Ver Wardley, às vezes, era o único momento feliz de seu dia todo.

– Meu pai veio me ver esta manhã.

– E ele foi terrível com você, como sempre é?

Enquanto Wardley falava, farelos de torta voavam de sua boca e caiam em Corning. Dinah retribuiu com um sorriso animado.

– Você sempre come como se estivesse faminto?

Ela pegou um lenço de sua manga e entregou a ele. Ele limpou a boca e sorriu.

– Desculpe. E, se quer saber, estou sempre faminto.

– Você conhece meu pai. Ele teria que falar comigo para ser terrível. Ele entrou, trocou algumas palavras agressivas com Harris e saiu abruptamente, mas não sem antes jogar minha bandeja de comida no chão.

Wardley parou de comer e estreitou seus olhos.

– E então você trouxe as tortas para mim?

Dinah sorriu, seus dentes brancos brilhavam em contraste com a neve rosada.

– Não, essas são frescas, vindas da cozinha. Eu joguei aquela comida fora; bem, na verdade, Emily jogou.

Essa era a versão curta da história. Na verdade Dinah se encolheu em um canto enquanto seu pai gritava para Harris sobre todas as coisas que ela estava fazendo errado e o tamanho desapontamento que sentia em relação a Dinah. Ela não era bonita, era estúpida, não era uma dama, gastava seu tempo sonhando acordada e explorando o castelo, era terrível no Críquete, não servia para reinar… Quando o Rei golpeou Harris com sua grande mão aberta, Dinah encolheu-se mais ainda no chão. Assim que o Rei virou em sua direção, ela cobriu o rosto e jogou-se

para o outro lado. Seu pai saiu do quarto com um ar terrivelmente sarcástico. Parecia que seus ataques de raiva estavam ficando mais e mais frequentes. Quando ela era criança, ele sempre havia sido frio e distante, mas educado – ainda que a contragosto. Agora, ele odiava abertamente sua filha na frente dos criados. O Rei de Copas ainda era cordial em público, mas seu desprezo efervescente era como uma corrente preta e subterrânea, sugando a alegria de todas as festas e encontros da Família Real. Dinah o evitava a todo custo, e até Harris e Emily aprenderam a ficar longe do Rei de Copas e seu temperamento inflamado.

De volta aos estábulos, Dinah sentou-

se em um balde de ponta-cabeça, soltando um suspiro.

– Eu o odeio. Ele é terrível.

Wardley desceu do cavalo em apenas um movimento suave de suas pernas e passou o braço livre ao redor de Dinah, enquanto o outro segurava firme sua espada de treinos.

– Eu sei que seu pai não é um bom pai o tempo todo.

– Ou nunca – retrucou Dinah de forma sombria – Ele não é como um pai deveria ser. Ele não é nada parecido com o seu pai.

Wardley sorriu compreensivamente. Diferente de Dinah, ele adorava seu gentil pai.

– Eu sei. Mas o Rei deve te amar.

Tenho certeza de que sim... ainda que seja desse jeito terrível. Reinar o País das Maravilhas não é para os de coração mole, e a coroa pesa, você sabe disso. Você é sua filha, a única herdeira viável, e algum dia ele verá você pela...

Ele pareceu perder as palavras. Acariciou sua bochecha levemente, e Dinah prendeu a respiração.

– Pela mulher forte que irá se tornar. A Rainha de Copas. Uma rainha justa e boa, e uma irmã devota. Eu vejo você ficando mais forte a cada dia e, em algum momento, ele verá isso.

– Algum dia – ela resmungou – não é hoje.

Wardley ficou em pé em um pulo e desembainhou sua espada.

– Então você deveria dizer isso a ele. Hoje! Eu ordeno.

Dinah levantou e pegou o cabo de vassoura encostado na porta do estabulo e jogou para trás sua capa preta. Ela ficou em posição de ataque e avançou com o cabo de vassoura na direção de Wardley. Ele esquivou-se e pulou para o lado.

– Eu irei! Eu irei falar, “Pai! O senhor está ficando devagar e rabugento com a velhice. O senhor já não é o guerreiro que foi um dia. Dê meu reino logo, seu ogro! Então derrotarei os Yurkeis de uma vez por todas!”.

Suas espadas soaram em conjunto, madeira e ferro, pelos estábulos e pelo pátio externo todo. Era uma dança

perfeita e complicada, uma que já fizeram muitas vezes antes. Wardley girava e desviava facilmente de seus golpes, enquanto Dinah o acertava de leve na altura de seus quadris com a parte lateral do cabo de vassoura.

– Uau! Essa foi forte! – ele riu.

Ele se distraiu momentaneamente e Dinah avançou com força em direção à sua cabeça. Wardley agachou e facilmente cortou fora um pedaço do cabo de vassoura com sua espada.

– Você sempre vai na cabeça. Sempre com esses golpes mal planejados – ele ensinou – Deixa você vulnerável. Espere pela oportunidade CERTA e, então, tente golpear. Não ataque no minuto que aparecer qualquer abertura.

Você é muito impulsiva. Xavier vem trabalhando comigo para identificar minhas fraquezas, e essa, minha cara, é a sua. Será a última coisa que fará em uma batalha.

Dinah sorriu e tirou uma mecha de cabelo preto que caíra na frente de seus olhos.

– Eu jamais estarei em uma batalha. Críquete é o mais próximo que chegarei perto disso, imagino.

– Uma rainha deveria saber como se defender – Wardley respondeu, juntando os pedaços do cabo de vassoura do chão. – Mesmo que tudo o que você faça seja ouvir reclamações e engordar comendo tortas quentes em seu trono. O Rei de Copas é um guerreiro experiente.

Pode não ser um bom pai, mas eu o conheço como comandante. Ele é com certeza o homem firme que os habitantes do País das Maravilhas afirmam que é. Não devia ser tão dura com ele. Você deveria desejar ser como ele nesse aspecto.

– Eu sou dura com ele? – Dinah jogou seu pedaço de cabo fora. – Eu sou dura com ELE? Ele olha para mim com nojo e desprezo. Ele trata Harris de forma terrível, e só Deus sabe que tipo de MULHERES ele leva para o aposento das amantes todas as noites…

Wardley fincou sua espada no chão e segurou firme o braço de Dinah. Sentiu um tremor intenso sobre sua pele calejada.

– Dinah, FIQUE QUIETA. – Ele deu um leve chacoalhão. – Você poderia ser colocada nas Torres Negras dizendo tais coisas. Eu sei que você não tem tido os melhores momentos sem sua mãe, mas esse ódio óbvio pelo seu pai pode acabar matando você ou, até pior, ME matando.

A ideia parou o argumento que subia pela garganta de Dinah. Ela jamais faria algo que ferisse Wardley. Nunca. Wardley foi sempre seu companheiro e amigo das brincadeiras, desde que ela mal conseguia andar com suas perninhas roliças pelo castelo. Quando eram mais jovens, Harris e Emily a deixavam com a mãe de Wardley frequentemente, uma senhora da corte, e as duas crianças

saiam perseguindo pássaros e ouriços rechonchudos que percorriam os campos do palácio. Wardley a ensinou a manusear uma espada, cavalgar Rajado, fazer xixi ao ar livre e comer uma torta sem as mãos. Para uma criança, o Palácio do País das Maravilhas era realmente repleto de deslumbres e, explorar seus segredos juntos, trouxe mais alegria para Dinah que qualquer outro momento de sua infância. Wardley era dela e apenas dela, nada que seu pai fizesse poderia mudar isso. Não que importasse muito. O Rei de Copas adorava Wardley e encorajava suas boas habilidades. Ele tolerava a amizade dos dois e quase a encorajava, considerando que não sentia tanta raiva

de Dinah quando Wardley estava por perto. Um dia ele seria o Valete de Copas, o comandante das Cartas de Copas. E, talvez, se tudo corresse como planejado, ele iria se casar com ela e ser seu Rei. Ele iria amá-la.

Dinah guardou esse último desejo em seu coração e franziu as sobrancelhas para ele. Ela não gostava de receber sermões sobre seu pai.

– Estou indo embora – ela retrucou. – Não preciso ouvir o que devo fazer de um garoto com açúcar polvilhado pelo rosto todo.

Wardley achou graça.

– Dinah, por favor…

– NÃO.

Ela cobriu seu vestido cinza claro

com estampas de corações vermelhos com sua capa preta, e sua longa trança preta com o capuz.

– Essa é a última torta que receberá de mim. Quem é você para dar sermão na Princesa do País das Maravilhas? Ninguém, apenas um cavalariço solitário.

Wardley jogou seu cabelo para trás e devolveu um sorriso de cumplicidade.

– Tudo bem, mas eu ainda estarei com fome amanhã.

– Adeus.

– Dinah, espere!

Seu coração palpitou em seu peito enquanto virava para ele. Ele se inclinou contra a lateral de Corning, seu rosto próximo ao dela, e sussurrou:

– Você não pode dizer nada do tipo sobre seu pai novamente, a não ser que estejamos fora do Palácio ou no nosso espaço na Capela de Copas, você compreende? Estou falando sério.

Dinah percebeu um raro sinal de medo em seus olhos cor de chocolate. Ela suspirou.

– Eu não vou, não direi nada que possa encrencar você, prometo.

– Bom. – Wardley deu um apertão amigável em seu ombro – Eu gosto de ter a minha cabeça. Ele puxou Corning pela rédea vermelha e montou.

– Você virá me ver amanhã, após o treino?

– Talvez. Se sobrar tempo, mas provavelmente não. Amanhã é o Jogo

Real de Críquete.

– Ah sim, seu dia favorito do ano.

Dinah fez uma careta. Ela odiava o Jogo Real de Críquete.

– Talvez encontre uma forma de bater em Vittiore com meu bastão.

– Pegue leve com ela. Eu acho que seu pai a assusta. Ela parece amedrontada o tempo todo.

– Ele deveria assustá-la mesmo. Ela é uma bastarda, indigna de um minuto que seja do tempo dele. Espero que morra de pneumonia.

Wardley mirou seu olhar a distância, focando em algo que Dinah não conseguia ver.

– Você não está falando sério. Então, talvez, você venha me visitar após o

críquete? Ou eu irei vê-la no jogo.

É claro, é claro, seu coração cantou, *irei vê-lo todos os dias!* Ela deu de ombros.

– Bom. Antes que eu esqueça, eu tenho algo para Charles. Você pode entregar isso em mãos para o Chapeleiro Maluco?

Ele entregou a Dinah um pequeno cavalo-marinho feito de madeira. Ele mesmo havia talhado; não havia nada que Wardley não conseguisse dominar.

Ela virou o objeto para si em sua mão, admirando o trabalho feito.

– Ele irá amar.

Wardley direcionou Corning para o outro lado e seguiu pelo vento gelado.

– Até amanhã! – ele disse.

Ela sorriu e acenou enquanto ele se juntava ao batalhão de Cartas de Copas, que seguia marchando em silêncio na formação em direção ao campo. Seus passos ecoavam em notas únicas e duras. Xavier Juflee bateu com força no ombro de Wardley, enquanto seguiam galopando para a linha de frente do pelotão.

Dinah foi saindo nas pontas dos pés da área do estábulo, voltando pelo labirinto circular. Enquanto dava voltas pelas curvas infinitas e zigue-zagues das baias, ela permitia um sorriso permanecer em seu rosto. Um ano atrás, sob o sol brilhante do País das Maravilhas, Wardley havia dado o primeiro beijo de Dinah, um leve roçar

dos lábios no lábio superior dela. Eles estavam embaixo da Árvore Julla, um grande esqueleto de galhos vermelhos com folhas sedosas de amoreira e frutas pretas zumbindo, abrindo e fechando a cada hora. Quando crianças, eles subiram na Árvore Julla centenas de vezes para brincar de Tribos e Cartas ou espiar o quarto de banho das damas. Agora, eles escapavam para o abrigo folhento para terem um minuto de tranquilidade juntos – Wardley descansava dos seus treinos intermináveis e Dinah de suas lições e, às vezes, de seu pai.

Era verão na época e Dinah estava com dezesseis anos. As trombetas da hora do almoço haviam soado, e Dinah,

com muita resistência, havia jogado fora a fruta que estava beliscando e descido da árvore. Ela torceu o tornozelo ao bater no chão e caiu, fazendo um corte em sua perna por causa das raízes cheias de espinhos – como dedos gordos que saíam do chão para proteger a árvore. Wardley foi até ela e, gentilmente, limpou o sangue da perna com sua própria mão.

– Você está bem? – ele havia perguntado, segurando a perna com sua mão grande. Dinah sorriu corajosamente, apesar de ter sentido vontade de chorar. Ela não queria que Wardley a visse chorando, mesmo que ele já tivesse visto inúmeras vezes – como quando Vittiore recebeu um baile

de fantasias em sua homenagem, quando Harris começou a ensinar Vittiore ao invés de Dinah durante as noites, ou quando seu pai esqueceu de mandar chá para ela no Dia de Todos os Chás.

Wardley limpou a mão no tronco felpudo da Árvore Julla, olhou profundamente nos olhos negros de Dinah e a beijou. Seus lábios eram frios e macios, e sua boca tinha gosto de limão. Ela inclinou-se, mas ele voltou para trás, colocando suas mãos nas bochechas quentes dela, seus olhos cheios de curiosidade enquanto segurava seu rosto em suas mãos. Ele tentava entender algo; ela podia ver nos olhos dele. Dinah respirou forte, somente por causa do choque ao sentir um calor

repentino subindo por suas veias, e Wardley deu de ombros levemente.

– Apenas queria saber como era. – ele pendurou-se novamente na Árvore Julla rindo, e Dinah seguiu seu caminho, atordoada e confusa, até o castelo.

Um ano havia se passado desde então, e Dinah ainda conseguia sentir o toque dos seus lábios nos dela enquanto tomava seu rumo para fora dos estábulos. Camadas de neve rosada cobriam as lanças douradas e espiraladas do Palácio do País das Maravilhas, e o reino inteiro parecia segurar a respiração com um brilho estático. Um grande grupo de Cartas de Espadas estava parado próximo às portas de vidro vermelho que levavam

até o palácio. Dinah cobriu sua cabeça com a capa, com a esperança de cobrir seu rosto, mas seus lábios estremeceram estranhamente à medida que foi chegando mais perto deles. Eles estavam com um sossego exagerado, gargalhadas escapando de suas bocas enegrecidas. Ela ODIAVA os Espadas.

– Vossa ALTE-za. – eles curvaram-se levemente.

E, quando ela passou, ouviu um deles sussurrando para outro:

– É a filha do Rei, desgraça para o reino. Não parece nada com a mãe.

– Uma carta reenviada – sussurrou o outro.

O coração de Dinah estava batendo forte agora. Um ódio incontrolável

começou na ponta de seus dedos dos pés e foi subindo até seu peito. Ela tropeçou, e o pequeno cavalo-marinho de madeira caiu de sua mão, rolando até parar contra a bota com ponta de aço de um dos Espadas.

– Opa, o que é isso? – ele se curvou e a pegou, uma minúscula escultura perto de sua mão grande – Um brinquedo? Você não é muito velha para brinquedos, princesa?

– É um cavalo-marinho e é MEU. Por favor, devolva. – Dinah olhou para cima para encontrar o olhar dele, esperando que seus lábios trêmulos não revelassem a vergonha que sentia – Por favor.

O Espadas lançou um olhar pesado para Dinah.

– Venha pegar, Vossa Alteza.

Os olhos dele tinham manchas douradas, ela notou surpresa. Era uma cor muito marcante em contraste com seu uniforme preto-com-preto, o cabelo acinzentado e o símbolo de espadas preto tatuado abaixo do olho direito. Os outros Espadas mantiveram-se imóveis, semicurvados, enquanto Dinah dava um passo tímido em direção à Carta. Ela começou a estender sua mão esquerda em direção ao cavalo-marinho, mas então pensou melhor. *Eu sou a Princesa do País das Maravilhas*, disse a si mesma. *Lembre-se do que Harris diz. Algum dia, você será Rainha.*

– Não.

Os Espadas movimentaram suas

cabeças com curiosidade.

– Eu sou a Princesa do País das Maravilhas, e você irá colocá-lo em minha mão.

O Espada de olhos dourados deu um assobio profundo.

– Certo, de fato você é, apesar da outra princesa ter a aparência de uma. Se dependesse de mim, a linda Dama Vittiore é quem deveria receber a coroa…

O ódio acumulado queimava sua espinha. Com um movimento rápido, Dinah esticou o braço e golpeou o Espadas em seu rosto com força. Um de seus anéis de pérola deixou um fino traço de sangue cruzando a face esquerda dele.

Ele, então, precipitou-se em sua direção, mas se segurou, com seu punho a centímetros do rosto dela. Dinah deleitou-se com o choque dele.

– A Dama Vittiore não é uma princesa, é apenas uma duquesa. Agora, você colocará o brinquedo em minha mão.

O Espadas abriu um sorriso jocoso.

– Sem problema, Princesa – disse estendendo a mão.

– Não. Minha outra mão.

Com uma careta, ele olhou para o outro braço firmemente guardado dentro da capa. Ela não fez o menor movimento para estendê-lo para fora. Os outros Espadas assistiam chocados enquanto ele tentava, sem sorte, colocar o cavalo-

marinho em sua mão, sem que fosse necessário pegar em Dinah propriamente, uma atitude punida com morte, com certeza. A princesa assistia à cena em silêncio, como se seu braço estivesse separado de seu corpo, e ela fosse apenas uma espectadora diante desse homem mexendo de forma desajeitada em sua capa. Finalmente, o Espadas, envergonhado, pressionou o brinquedo contra a palma da mão e Dinah fechou-a ao redor do objeto.

O Espadas voltou ao barril em que antes estava sentado e se apoiou nele, encarando Dinah. Um forte interesse agora substituía o que antes era um ar de zombaria em seu rosto.

– Então você tem um pouco do sangue

quente do seu pai, não tem?

Dinah franziu as sobrancelhas.

– Fale comigo novamente e eu mandarei você para as Torres Negras em um caixão. Qual é seu nome?

O homem ficou pálido.

– Estava apenas brincando, Vossa Alteza; por favor, não me delate para o Rei.

– Eu disse, QUAL É O SEU NOME?

Esfregou suas mãos sujas e disse:

– Gorrann. Sr. Gorrann.

– Bem, Sr. Gorrann, não delatarei você ao Rei hoje. Mas se me insultar novamente algum dia, apenas terei sua cabeça. Não será necessário envolver o Rei.

Com um olhar sisudo, ela passou por

eles, sua capa preta esvoaçando atrás. Assim que as portas de vidro vermelho do palácio fecharam atrás dela, Dinah caiu em um corredor vazio do salão principal. Seus lábios se abriram com um choro comedido, mas ela havia se livrado da vergonha.

Vitoriosa, ela agarrou o cavalo-marinho com uma das mãos suadas e limpou as lágrimas de seu rosto com a outra, enquanto seguia em direção ao Chapeleiro Maluco.

Quatro

Os aposentos de Charles estavam localizados na torre oeste dos Aposentos Reais, situados devidamente acima da cozinha do castelo. Seu pai tinha dado em materiais de construção o que ele nunca tinha dado a Charles em vida. O Rei não mostrou nenhum outro sinal de amor, afeição e nem mesmo dever para com o filho. O quarto de Charles, consequentemente, era um dos lugares mais estranhos em todo o palácio. Imensas colunas brancas incrustadas com corações vermelhos

subiam em espiral até o teto, onde encontravam-se com um imenso afresco que apresentava todas as criaturas do País das Maravilhas. Hornhooves, grifos, pássaros de todos os tipos, baleias brancas, ursos de listras brancas e dragões de quatro asas dançavam pelo teto em ricas pinturas.

Seria adorável – uma deslumbrante obra de arte – se chapéus grosseiramente desenhados não tivessem sido rabiscados em cima das criaturas com carvão preto. Os animais agora usavam horrorosos pedaços de penas, cartolas e chapéus fedora em linhas tortas, bagunçadas, que corriam de um para o outro, sem se interromperem. Os chapéus eram ricos em detalhes, mas as

linhas entre eles eram furiosos rabiscos – a arte de um louco.

É triste, Dinah pensou enquanto olhava para o alto, seu capuz caindo para trás na nuca, *que loucura e genialidade tenham sempre se misturado neste quarto.*

O próprio quarto era um testemunho da obsessão de Charles. Prateleiras em cima de prateleiras de chapéus erguiam-se do chão, torcendo-se e circulando em torno de escadarias vacilantes, construídas pela metade, que levavam a nada, a não ser ar. Portas tinham sido colocadas nas prateleiras de chapéus, abrindo-se e fechando-se ao ar frio que soprava de uma ampla janela aberta no topo da escadaria principal. Essa

escadaria era a preferida de Charles, coberta por parafusos e tecidos. Pilhas de neve derretendo se acumulavam no parapeito da janela em pequenos montes. Dinah soltou um suspiro e subiu em uma das vacilantes escadarias, fechando firmemente a janela e passando o trinco. Ela ouviu o som de pequeninos pés abaixo dela.

– Charles. Você não pode deixar a janela aberta quando neva lá fora. Está um frio de congelar aqui dentro, e a neve vai se amontoar toda em cima dos seus novos chapéus. Já conversamos sobre isso. – Ela espanou um imponente chapéu fedora cinza com penas laranjas de canário, ornado com sol e estrelas. – Você tem que tomar cuidado com eles.

Aos seus pés, um emaranhado de cabeça de cabelos loiros e sujos surgiu no espaço entre os pisos dos degraus.

– Neve cor-de-rosa em chapéus cor-de-rosa faz morsa dançar, ela dança no mar, ê ê!

Charles deu um pulo aparecendo debaixo da escada. Dinah soltou uma exclamação quando ele caiu sobre o piso, dando uma cambalhota ao aterrissar e saltando de pé em uma dancinha com chutes.

– Neve no chapéu, neve no chapéu, o gato de Cheshire vai pro beleléu!

Ele deu uma risadinha aguda e Dinah riu com ele.

Charles era apenas dois anos mais novo, mas em sua loucura ele

praticamente não tinha idade. Ele era um gênio, um sábio, um bebê desamparado e uma criança travessa, tudo misturado num só garotinho. Ele tinha nascido louco – um bebê chorão que nunca dormia; depois, ao engatinhar, batia a cabeça na parede, um menino curioso que uma vez comeu caco de vidro e não amava nada mais que olhar para as estrelas. Davianna, a mãe de Dinah, tinha amado intensamente seu filho louco e era a que melhor lidava com ele. Quando passava seus braços ao redor dele, aninhando-o em seu peito como se ela pudesse espremer a loucura até sair dele, ele relaxava e ficava contente, ainda que balbuciasse palavras sem sentido. Com o cuidado e amor intenso

de sua mãe, Charles parecia estar melhorando, pouco a pouco. Quando ela morreu, ele ficou completamente maníaco, e nunca mais retornou.

Frequentemente, ele era encontrado vagando pelo castelo, com um passarinho morto numa mão e um pedaço de torta na outra. Era certo que ele tinha dado uma mordida em um enquanto segurava o outro. Certa vez, ele caiu da galeria do Grande Salão, quebrando as duas pernas nos degraus de mármore abaixo. Depois disso, seu jeito de andar consistia de passinhos curtos e um salto trotado – passos grotescos da loucura permanente.

Então, ele parou de comer por um tempo. Nem mesmo Dinah, sua amada

irmã, poderia fazê-lo comer. Não mais que uma criança de dez anos de idade, ela tinha implorado a ele enquanto tentava enfiar um pedaço de torta, sopa, ave, qualquer coisa dentro de sua boca. Ele se tornou cada vez mais fraco, retirando-se totalmente para seu mundo maravilhoso, e todo o reino vestiu-se de preto, aguardando a morte do pequeno Príncipe de Copas.

No que certamente poderia ter sido uma de suas noites finais, Dinah trouxe um baú cheio de roupas da falecida mãe deles. Ela as enfiou em toda a volta dele, seus vestidos, sapatos e meias, para que ele pudesse ser confortado na sua jornada para outro lugar. Os dedos de Charles tinham encontrado um dos

chapéus cheios de adornos da mãe, aquele que ela tinha usado no Dia de Todos os Chás no ano passado – um deslumbrante chapéu com uma longa pluma, imponente e brilhante em sua pequenina mão. Um sorriso inesperado surgiu por sua pele translúcida enquanto ele virava e revirava o chapéu em suas mãos, uma expressão de fascínio no rosto. Ele então virou-se para Dinah e simplesmente pediu por um biscoito.

– Minha Dinah – ele sussurrou com um sorriso, passando sua pequena mão pelo queixo dela. – Biscoito?

Ela viu nos olhos dele naquele dia – ele tinha decidido ficar, simples assim. Isso foi sete anos atrás. Desde então, Charles nunca deixou seu quarto. Ele

observava o mundo por suas janelas, de onde ocasionalmente lançava seus extravagantes chapéus para o povo da cidade, que ficava em estado de adoração. Um chapéu criado por Charles, o chamado Chapeleiro Maluco, valia mais que qualquer roupa do País das Maravilhas. Suas criações eram obras inspiradas de técnica e insanidade. Descaradamente extravagantes, ricos de toda cor que podia ser encontrada na natureza e, às vezes, também das que não podiam, eles eram um testemunho da loucura de Charles.

Ele raramente dormia ou tomava banho. Seus dois leais criados, Lucy e Quintrell, cuidavam de todas as suas

necessidades. Eles impediam que seus aposentos caíssem no abandono, mas davam à sua mente a liberdade para criar na selvagem demência que a estimulava. Tapeçarias e enormes rolos de tecido cobriam o chão e a maior parte das paredes. Estreitas passagens tinham sido criadas para os criados, mas Charles simplesmente dançava sobre o chão colorido, seus pés tocando os padrões de tecido de ametista, abóbora, cinza-acastanhado e grafite.

Charles levantou o olhar para Dinah, ainda parado na escadaria. Ele deu uma risadinha e cantou:

– No pescoço deles uma fita, um, dois, corações. Fite a fita!

Ela baixou os olhos para a cabeça

amarelada e para os olhos que não combinavam, um azul e outro verde, que a olhavam de volta, selvagens.

– Você se lembra do meu nome hoje?

– Dinah rima com plantar, feijões e mais feijões, crescendo e crescendo, sobre as colinas até o branco pálido, como açúcar sobre uma torta, morta, morta…

Dinah abriu-lhe um sorriso orgulhoso.

– Isso mesmo, Charles, é a Dinah. Sua irmã. Eu trouxe uma coisa pra você hoje.

Seus olhos piscaram duas vezes.

– Uma coisa? Uma coisa como o sol, todo dia cada vez mais próximo. Ele vai queimar a gente, ai ai, vai, sim.

– Não é bem o sol, mas uma coisa muito especial.

Dinah enfiou a mão dentro da sua capa e tirou um pequenino cavalo-marinho de madeira. Os olhos de Charles se arregalaram, e ele pegou o presente em suas pequeninas, femininas mãos. Wardley tinha entalhado redemoinhos em suas costas onduladas e tingido de preto seu longo nariz com carvão.

– Foi o Wardley que fez. Você se lembra dele? O que você acha?

Charles recompensou Dinah com um sorriso enorme, mostrando os dentes que lhe faltavam.

– Cavalo azul, nadando num enorme campo. Camarões saborosos dentro de suas costelas, eu posso saborear, posso sim!

– Fico feliz que tenha gostado.

Charles levantou a escultura para a luz enquanto ele a fazia nadar pelo ar.

– Pássaros do mar, escamas cintilantes, olhos negros…

Ele disparou para longe dela e começou a fuçar pelos tecidos, murmurando para si mesmo. Dinah tinha visto isso centenas de outras vezes. A inspiração para um chapéu tinha se enraizado em seu cérebro embaralhado – uma raiz agressiva e criativa, que espalhava sua alegria e seu veneno por todos e cada um dos caminhos secretos de sua mente. Dinah desceu os degraus da escadaria para falar com os criados, que estavam esperando pacientemente perto da porta.

– Como ele está nessa semana? – perguntou ela.

Lucy fez uma profunda reverência. Ela era a mulher mais gentil que Dinah já conhecera, uma avó de três crianças, de bochechas rosadas e cabelos brancos, que brilhavam num azul pálido sob a luz do duro inverno. Linhas devido à idade surgiam de seus olhos e desciam pelo seu pescoço, escondendo-se dentro de um modesto vestido branco. Em sua cabeça, repousava uma enorme baleia de feltro, enfeitada com um redemoinho de flores rosas. Charles a amava profundamente, à sua própria maneira, e Lucy era a sua criada mais devota.

Quintrell era seu assistente – um rapaz robusto que cuidava do trabalho

físico envolvido nos cuidados com Charles. Ele lutava para pôr Charles dentro da banheira em forma de cisne uma vez por semana, esfregando-o com pele de ouriço enquanto o garoto gritava e se debatia. Ele também era o único que podia forçar Charles a comer quando ele estava em um de seus acessos de inspiração fazendo um chapéu. Charles periodicamente passava por longos períodos em que ele não fazia nada além de tecer e costurar – ataques selvagens, brilhante mania que durariam por dias. Dinah não fazia ideia como Lucy e Quintrell lidavam com Charles um dia após o outro, mas eles pareciam satisfeitos. Além de Dinah, eles eram os únicos que realmente o

amavam.

Apesar de ele ser seu irmão, Dinah sentia que ela flutuava numa estranha bruma emocional com Charles – ela o amava muito, mas seu amor era sempre tingido por confusão. Ela não podia lidar com ele da maneira como Lucy e Quintrell lidavam. Charles a reconhecia na maioria das semanas, mas, quando isso não acontecia, Dinah sentia-se traída, ainda mais solitária que o normal. Dinah assistiu pasma a Lucy enrugando o rosto, ainda mais do que ele já o era, enquanto separava botões. Ela limpou a garganta, preparando-se para responder à pergunta de Dinah.

– Como ele está, Vossa Alteza? Bem, ele criou dois chapéus nos últimos vinte

dias, mais rápido que o normal: a boina fúcsia com ovos de andorinha e a cartola de grifo, que será entregue ao Senhor e à Senhora Clutessa na semana que vem. As duas obras foram inspiradas pelos pássaros que fizeram ninho do lado de fora da janela.

Dinah assentiu. Trabalhar com Charles tinha transformado tanto Lucy quanto Quintrell em chapeleiros também – eles tinham tanta técnica e conhecimento como nenhum outro chapeleiro na cidade jamais poderia ter.

– Parecem ser bonitos. Mas eu estava perguntando sobre o Charles. Ele anda bem?

Quintrell agitou-se nervosamente. Dinah sorriu.

– Bem, contem logo.

– Sua Graça, três noites atrás, eu acordei com o som de uma risada alta vinda do átrio. – Quintrell lançou um olhar nervoso para Lucy. Ela pôs sua mão enrugada sobre o braço dele e assentiu para que ele continuasse. – Quando eu saí do quarto, Charles estava de pé sobre uma das escadarias. Ele… – a voz de Quintrell morreu na garganta. Lucy deu um passo para frente – Charles tinha uma das agulhas de costura enterrada no braço. Ele estava espremendo o sangue, para que saísse, e deixando-o gotejar sobre a seda de amora.

Um arquejo doloroso escapou dos lábios de Dinah.

– Mas por que, por que ele FARIA isso?

Lucy recusou-se a encontrar seu olhar.

– Ele disse que o tingimento não era do tom certo de vermelho. Ele estava *consertando*. Nós tentamos tirar a agulha dele, mas ele estava na beira da escada, então…

– Então vocês deixaram que ele continuasse, não queriam arriscar que ele caísse.

Os dois assentiram. Dinah ficou tentada a se enfurecer com eles, assim como tinha se enfurecido com o Espadas, mas de nada adiantaria. Ela conhecia Charles, e sabia que ele não podia ser controlado, preso ou ensinado. Sua mente trabalhava de maneira

diferente – breves *flashes* de brilhantismo seguidos por mergulhos sombrios em seu macabro mundo imaginário.

– Você tirou todas as agulhas dele?

– Sim, Vossa Alteza. Agora só o deixamos usar as agulhas pequenas, que, aliás, levaram à produção de alguns trabalhos muito elaborados, cheios de detalhes.

Dinah olhou Charles mais ao longe, feliz, rasgando um tecido tafetá verde-maçã em finas fitas com suas longas unhas. Ela foi até ele e o beijou na lateral da cabeça. Seu cabelo sujo, sempre bagunçado e selvagem, sempre cheirava um pouco como sua mãe.

– Tenho que ir agora, mas volto daqui

a alguns dias – disse a ele.

Charles moveu depressa a cabeça para olhar para os animais no teto e começou a cantar:

– Dias e noites, o rei canta. Presas e almíscar e fogo a dançar. Ele canta com uma língua preta, fogo em seus pulmões, seus pulmões.

– Para onde o cavalo-marinho foi? – perguntou Dinah.

Charles abriu a boca e pôs a língua para fora, dando batidinhas lentamente.

– Desceu, desceu, desceu pra toca do coelho! – gabou-se ele.

Dinah fechou os olhos.

– Não se preocupe, Vossa Alteza; nós iremos encontrá-lo – prometeu Lucy, antes de voltar a separar botões.

Charles ainda estava cantando quando Dinah saiu do átrio, seu coração apertando-se a cada passo, conforme a canção, tão adorável e insana, a acompanhava pelos degraus de mármore enquanto ela seguia caminho para seus aposentos.

Diante da sua porta se encontrava um convite elaborado – convocando-a para o Jogo Real de Críquete. Já tinha sido aberto, o selo do rei estava rompido. Com um suspiro, ela desamarrou as setes fitas cor-de-rosa que prendiam o cartão ao seu lugar.

Alguma coisa estava vazando do envelope – tinta? Dinah tirou o cartão e inclinou a elaborada caligrafia para a luz.

Sua presença para o Jogo Real de Críquete é requisitada. A Princesa jogará o jogo final, seus oponentes serão a Duquesa e o Rei de Copas.

Dinah sentiu faltar-lhe o ar nos pulmões. Ela nunca tinha jogado contra seu pai antes, nunca. Ela era sempre colocada para jogar contra alguma dama da corte – alguém que ela podia facilmente vencer, e o Rei era sempre colocado contra Xavier Juflee, o Valete de Copas.

O líquido negro escorreu mais uma vez, dessa vez caindo sobre seu sapato. Dinah virou o envelope de cabeça para baixo com um chacoalhão. A cabeça de um rato branco, cortada no pescoço, caiu do envelope e quicou no chão.

Dinah saltou para trás com um grito. Tremendo, ela revirou o convite de trás para frente, mas não havia nada nele. Ajoelhando-se, ela tocou a cabeça do rato com a ponta de um dedo trêmulo. Um novo sentimento se apossou dela, e sentiu-se muito desperta enquanto olhava os pequeninos lábios do rato, repuxados num sorriso macabro. Dinah estava fascinada e com medo ao mesmo tempo, devastada por haver ainda mais motivos para apreensão no dia seguinte.

Cinco

Com uma colher, Dinah espalhou pudim de ameixa sobre seus biscoitos de figo enquanto Harris pulava para frente e para trás diante dela, o vinho derramando-se de seu grande cálice.

– Você vai se atrasar, se atrasar, se atrasar para o Jogo Real de Críquete. Não podemos nos atrasar, Vossa Alteza.

Harris arrastava-se em torno da mesa, seu longo roupão xadrez agitando-se atrás dele.

– Eu preferiria ser perseguida por Hornhooves do que jogar críquete com

Vittiore hoje – resmungou Dinah, bebendo um copo de suco. A cabeça do rato estava presa em sua mente, e ela não conseguia afastar a imagem dela quicando pelo chão de pedra.

– Pode ser que sim, Princesa, mas, mesmo assim, você ainda precisa comparecer. É o jogo antes do Dia do Chá, e espera-se que a família real não só compareça, como também jogue depois que todo o povo da cidade terminar seus jogos. Essa tradição data de centenas e centenas de anos…

Dinah soltou um gemido e interrompeu a divagação de Harris.

– Começando com o Sétimo Rei de Espadas, Doylan, o Grande, o Jogo Real de Críquete estabeleceu as regras e a

etiqueta do jogo. Fez da Família Real de Copas sinônimo de críquete, para sempre fazendo parte de suas grandes tradições e de tudo que lhes diz respeito – disse Dinah e sorriu timidamente. – Você me faz o mesmo discurso todo ano. Eu lembro. Contrariamente ao que você acredita, eu escuto. Agora, por favor, será que eu posso ler em paz?

Um de seus textos mais longos de histórias, *O grande grou*, repousava aberto diante dela, um grande livro de prata com páginas gastas. Era um livro raro, e uma história ficcional fascinante sobre a religião Yurkei. Harris abriu amplamente as portas que davam para o pátio, deixando uma espiral de neve cor-de-rosa entrar no quarto.

– Por favor, feche isso, estou congelando – resmungou Dinah.

O velho a ignorou.

– Críquete! – exclamou ele – O próprio nome invoca uma visão da excelência, aristocracia e graça do País das Maravilhas.

Dinah deixou escapar um suspiro e gentilmente fechou seu livro, apoiando o rosto nas palmas das mãos.

– O Jogo Real de Críquete estabelece para o ano que vem a tendência da moda, das maneiras, dos chás e de estilo. É uma oportunidade para a Família Real de Copas mostrar sua unidade, seus dotes atléticos…

Dinah lançou a cabeça para trás com uma risada, um pedaço de pudim preso

ao seu lábio inferior.

– Dotes atléticos? Harris, estamos batendo bolas com gravetos. Unidade? Meu pai me ODEIA, e Vittiore…

– É uma garota adorável e inocente – completou Harris.

Dinah disparou um olhar de repulsa para ele.

– …é uma cobra venenosa e traiçoeira – respondeu ela – Só de olhar para ela eu fico enjoada. Ela pode até ser minha irmã pelo sangue infiel do meu pai, mas ela NÃO é uma irmã de verdade. Só Charles é meu irmão de verdade. Que, só para lembrar você, nunca foi convidado a um Jogo Real de Críquete!

Harris ajeitou seus óculos.

– Dinah, você sabe muito bem por que Charles nunca é convidado.

– Por que ele é um constrangimento para meu pai?

– Porque ele não pode ser controlado, e a Linhagem de Copas deve se mostrar forte e sã. A história do Jogo Real de Críquete é cheia de intrigas políticas e grandezas gloriosas, não é lugar para alguém que perdeu a cabeça.

Dinah desceu a faca pelos biscoitos sobre a mesa.

– Ele pode ser louco, mas é meu IRMÃO. E é o filho do Rei. Se ele não fosse louco, seria o herdeiro de direito do País das Maravilhas e cada Carta se curvaria diante dele.

Harris se aproximou e limpou o lábio

de Dinah com seu lenço branco, um pequenino coração bordado no canto.

– Isso certamente é verdade, Princesa. Ninguém lamenta mais a perda da razão do príncipe do que eu. Eu estava lá quando ele nasceu, assim como estava com você. Eu segurei seu corpinho vermelho debatendo-se em minhas mãos, envolvi-o com tecido de pele e o abençoei em nome dos deuses do País das Maravilhas. Eu amo Charles, mas até mesmo eu sei que ele não pode ser incluído em eventos reais. Ele faz a coroa parecer fraca, e isso chama atenção para falhas em sua família.

Dinah esfaqueou seu prato, furiosa.

– Quando eu for rainha, Charles não será escondido em um átrio, lançando

chapéus pelas janelas. Ele vai estar comigo para onde eu for, louco ou não.

Harris puxou a cadeira onde ela estava sentada e Dinah pulou para o chão.

– Esse é meu maior desejo, Princesa. Agora, é hora de se vestir! Nós estamos atrasados, atrasados, atrasados! Emily, traga para ela a veste de críquete!

Havia poucas coisas tão horríveis, Dinah refletiu, quanto estar presa num espartilho como se ela estivesse sendo amarrada às próprias costas. Ela ficou parada, braços esticados, enquanto Emily a vestia. Emily gemia enquanto as costelas fortes e o quadril quadrado de Dinah encolhiam-se numa forma curvilínea de donzela, aperfeiçoada por

grossas fitas.

Conforme a pressão lentamente aumentava, Dinah estudava a si mesma num longo espelho em forma de coração. Cabelos pretos e brilhantes caíam lisos de suas têmporas para seus ombros. Os cabelos eram incrivelmente grossos e pesados, um fardo que, em alguns dias, Dinah mal poderia tolerar. Seu rosto tinha cor clara de creme, tornado ainda mais pálido em contraste com seus lábios de um profundo vermelho. Eles formavam um biquinho perfeito – um pequenino coração num rosto forte. Seus olhos marrom-escuro eram enormes e deles pendiam longos cílios – sem dúvida seu melhor atrativo. *Sim, forte*, ela pensou, girando o corpo. *Forte,*

como meu pai, e escuro, como minha mãe.

Dinah era um pouco mais magra que a média das mulheres do País das Maravilhas. Ela tinha ombros firmes e quadrados, como os de um homem. Na metade do seu corpo, ela era sólida, suas pernas magras e musculosas. Não tinha nenhuma curva do busto à cintura – ela era um sólido quadrado, com um peito amplo, melões mais pequenos que os figos maduros descritos nos romances espalhafatosos que Emily lia. Seu gosto por tortas deu um pouco de flacidez ao seu queixo, com a idade, mas Dinah ainda era atraente, ou, ao menos, era o que ela dizia a si mesma. Não bonita e delicada como Vittiore, mas talvez

bonitona.

Uma Carta certa vez a chamou de bonitona, e Dinah chorou por dias, mas agora ela percebia. Sua mãe tinha sido larga mas voluptuosa e, por esse motivo, sua silhueta de ampulheta ainda agraciava muitas pinturas. Seus longos cabelos negros tinham alcançado o chão, e ela carregava sua coroa com naturalidade e beleza. Davianna tinha sido muito elegante em vestidos e coroas, considerando que Dinah sempre se sentiu mais como um dos pássaros ridículos que Charles tão frequentemente empoleirava em seus chapéus.

– Não acabou AINDA? – ela virou-se para Emily – Para deixar minha cintura menor que isso, só me matando.

Emily encostou-se às costas de Dinah para abraçá-la e dar um puxão final. O osso da costela de Dinah pareceu estalar e ela ofegou com dor.

– Pronto – disse Emily, com um sorriso de autossatisfação. – Agora acabei, Vossa Majestade.

Ela foi pegar o vestido de Dinah e o passou cuidadosamente pela sua cabeça. O tecido grosso de lã cinza caiu ao redor dela como uma cortina, apoiando-se pesadamente em cada centímetro. O vestido era adorável mas sério, com centenas de pequeninas costuras misturando-se num elaborado padrão. Um grande coração debruçava-se sobre seus ombros e descia pela parte de trás do vestido, suas duas extremidades

superiores encontrando-se nas suas clavículas. Fitas brancas percorriam o coração de cima a baixo, em delicadas ondulações. Brilhantes framboesas pontilhavam sua barra.

Emily abotoou o vestido na parte de cima das costas e começou a trabalhar no cabelo de Dinah. Ela o tirou do rosto da princesa, torcendo e torcendo, até que um coque volumoso decorasse a parte de trás de sua cabeça. Grampos longos e prateados foram afixados no coque, que foi, então, coberto com uma rede para cabelos vermelha e cheia de joias. Harris se aproximou, carregando uma caixa de cristal.

– Não – disse Dinah – Não, não, não.

Harris a ignorou e abriu a caixa,

tirando um comprido pincel púrpura. Com um sorriso, ele começou a passar um fino pó branco por seu rosto com as longas cerdas do pincel. Dinah espirrou, e eles foram envolvidos numa nuvem de pó.

– Uma princesa NÃO devia resistir tanto assim – reprimiu Harris. – Você deveria estar encantada em fazer parte dessa honorável tradição. Que presente devia ser jogar na Corte Real. – ele deu um passo para trás com um suspiro e chamou Emily para perto – Traga a coroa.

Emily lentamente ajeitou a fina coroa de Dinah em sua cabeça. A linha ininterrupta de rubis vermelhos em forma de coração tremeluziu como fogo

sobre seus cabelos negros e pele branca maquiada. Harris fez uma profunda reverência, e Dinah viu suas pernas tremerem com o esforço. Ele estava ficando cada vez mais velho, e isso a entristecia.

– Minha futura Rainha. Você é tão linda. Sinto tanto orgulho em ver você mulher.

Dinah segurou sua mão e o levantou, tomando entre as palmas seu gentil rosto redondo.

– Meu querido amigo. Um dia eu serei Rainha e você jamais terá que se curvar de novo. Você vai passar seu dia comendo tortas e repousando em travesseiros, enquanto outros criados irão providenciar o que você precisar.

Harris sorriu timidamente.

– Seu reinado vai ser maravilhoso, estou certo disso, mas esperaria que Vossa Alteza pudesse encontrar melhores utilidades para mim do que ficar descansando em travesseiros. Talvez uma posição no conselho.

– Talvez.

Dinah ouviu o clangor metálico do trompete, do lado de fora da sua sacada. A Família Real estava sendo invocada para o jogo. O Gramado de Críquete localizava-se bem no centro do jardim do palácio – um quadrado bem delineado e verde brilhante, cercado por torres impassíveis do Palácio do País das Maravilhas. Pilhas de neve cor-de-rosa foram varridas em montanhas

gigantes, que contornavam as laterais do verde, e o próprio campo parecia tão exuberante como se fosse um dia quente de verão, em vez de fim de inverno. Firmes degraus de madeira em três lados do campo forneciam amplo assento para as centenas de senhoras e senhores da corte. Nos degraus mais baixos, milhares de pessoas da cidade assistiam aos jogadores. Dali, eles podiam admirar, fofocar e dar o próprio julgamento sobre todo mundo – o passatempo favorito durante o Jogo Real de Críquete.

Dinah esperou num lado do campo, ladeada por Harris e doze Cartas de Copas paradas prontas para dar-lhe qualquer tipo de assistência. O Mestre

dos Jogos curvou-se diante de Dinah e, então, chamou-a adiante. Dinah respirou fundo e murmurou uma oração silenciosa para que tudo isso acabasse logo. Músicos, apinhados um em cima do outro em uma caixa decorada de modo elaborado, erguiam seus compridos trompetes e emitiram três notas em saudação. Dinah levantou seu forte queixo e entrou no campo. Uma educada onda de aplausos soou enquanto ela caminhava pelo verde, seu vestido cinza roçando as lâminas afiadas de grama.

Quando ela chegou ao meio do campo, olhou surpresa ao redor. Se fosse jogar com Vittiore, ela já tinha que estar esperando, na ordem correta de hierarquia. Dinah sentiu um raio de

felicidade invadindo-a; talvez isso significasse que Vittiore não iria se juntar a eles! Seria apenas Dinah e seu pai, jogando sozinhos. Seu coração deu um pulinho de esperança. Talvez seu pai visse que ela era uma filha de valor, sua forte herdeira. Daria seu melhor no jogo, Dinah disse a si mesma, sem choramingar ou se gabar. Ela seria o retrato e a visão perfeita da futura Rainha.

O Mestre dos Jogos aproximou-se solene e entregou a Dinah um comprido bastão de madeira no formato de um flamingo, o pássaro oficial do palácio. Dinah gostava de sentir o pesado bastão na palma da mão. Esses bastões eram talhados das árvores da Floresta

Retorcida. Cristalizadas e antigas, levavam-se meses para cortar essas árvores e, por causa disso, somente uma podia ser derrubada por ano. Sua madeira era vendida a altos preços no País das Maravilhas, valendo cem vezes mais que madeira normal. Soldados a desejavam para o cabo de suas espadas, fazendeiros para seus arados, mulheres para suas colheres de cozinha. A única parte da árvore que não era vendida era usada para os bastões de críquete para a Família Real.

Dinah esperou, batendo impacientemente o bastão contra sua perna, até ouvir os trompetes rugirem pela segunda vez. Mordendo o lábio, Dinah curvou-se numa elaborada

reverência em antecipação ao seu pai. Enquanto seus olhos estavam voltados para o chão, ela ouviu a multidão prender o ar. Seus olhos negros ergueram-se, esperando ver seu pai em toda sua grandeza, mas, em vez disso, ela teve a visão da bela cobra venenosa. Uma onda de desapontamento a tomou. Vittiore vinha flutuando pelo campo. Seu longo vestido era feito de centenas de camadas de fitas tremeluzindo em tons pastéis: pêssego, rosa e limão misturadas de maneira adoravelmente peculiar. Seu cabelo dourado tinha sido cacheado em vários pequeninhos anéis, que desciam em cascata por suas costas. Sobre sua cabeça, um pequeno chapéu adornado com penas brancas de pavão,

feito pelo Chapeleiro Maluco. Elas estavam afixadas com uma grande gema do tamanho e da cor de um pêssego.

A raiva ferveu dentro dela, e o bastão de Dinah caiu de suas mãos. Era o broche da mãe dela. Desde criança, Dinah amava aquele broche, frequentemente fazendo de conta que era um pêssego de verdade, enquanto dava seus primeiros passos no quarto da mãe. Vittiore fez uma reverência educada para Dinah e sussurrou-lhe palavras corteses.

– Vossa Alteza. Você está encantadora de cinza.

Dinah deu um passo ameaçador na direção de Vittiore.

– É uma piada? – perguntou ela, com

os dentes cerrados.

Vittiore pareceu desconcertada.

– Não?

Com um só passo certeiro, Dinah pensou, *eu poderia enterrar meus sapatos de rubi no seu rostinho bonito*.

– Ah, vejo que a Princesa está ansiosa para começar o jogo.

Cheshire, vestido em fascinante púrpura, veio deslizando ao redor dela e de Vittiore, colocando-se entre as duas.

– O Jogo Real de Críquete, Vossas Altezas, deve sempre ser jogado com graça e dignidade. Devo lembrar as duas de que o reino todo está assistindo.

Enquanto ele as repreendia severa e calmamente, seus olhos negros demoraram-se somente em Dinah, que

mordeu o próprio lábio, até que ela sentiu uma gotinha de sangue na língua.

Ela sorriu fervorosamente para ele.

– Claro, Sir Cheshire. Jamais alguém deve se portar com nada além de honestidade e caridade. Um homem virtuoso como você nos faz lembrar disso.

Cheshire a encarou, seus olhos escurecendo-se de raiva, seu largo sorriso no rosto impassível. Dinah sentiu uma punhalada de medo. Vittiore deu a Dinah um sorriso de pêsames e segurou seu bastão.

– Lembraremos disso, Sir Cheshire. Por muito tempo ansiei jogar com minha irmã.

Ela ergueu seus braços esguios e

pálidos e acenou para a multidão, que rugiu selvagem em aprovação, seguida por propostas indecentes de casamento. Era o tipo de recepção que Dinah nunca tinha recebido, nem uma vez sequer.

Cheshire pôs sua mão fina sobre o ombro de Dinah, apertando-o, e sussurrou em seu ouvido:

– Conforte-se com o fato de que ela provavelmente está sentindo muito frio naquele vestidinho fino. Antes de ser bela, uma rainha deve ser sábia.

Então ele partiu, voltando-se à sua posição junto às Cartas de Copas de seu pai, os braços atrás das costas, uma expressão sábia no rosto. Apesar de ainda odiar Cheshire e de se lembrar de quando ele a trancou para fora do

palácio, Dinah permitiu-se sentir confortada pelos arrepios percorrendo os braços e o peito de Vittiore. Ela, de fato, estava confortável no calor do seu vestido de lã cinza, ainda que parecesse uma mulher de meia-idade comparada à radiante duquesa. Ela virou-se para a multidão e identificou Wardley, parado em seu uniforme de Copas na extremidade do campo. Ele ergueu a mão numa saudação silenciosa, mas sua expressão estava torcida por um franzir de cenho enquanto observava Vittiore. Dinah estava aliviada por não ser a única a notar esse desgosto público. Ele parecia incrivelmente descontente para o próprio bem de Dinah, como se alguma comida o tivesse desagradado.

Finalmente, após muitas explosões de trompetes, seu pai pisou no campo, seus passos de ferro ricocheteando para fora do caminho de mármore. Seu cabelo loiro e ondulado foi afastado de seu rosto para trás de sua pesada coroa dourada, e suas bochechas estavam vermelhas, coradas, como se tivesse bebido. Seu pai odiava o Jogo Real de Críquete tanto quanto ela. Ele preferia esportes de caça – matar veados ou cavalos selvagens fora dos muros do castelo, ou perseguir os rastros dos grandes gatos do mar que perambulavam pelo Desfiladeiro Oeste. Ele amava a caça, aquele momento intenso em que os animais lutavam por suas vidas, tudo em vão, pois eles estavam fadados a ser o

jantar do Rei. O Rei limpou a garganta, pigarreando.

– Dê-me meu bastão! – berrou ele.

Seu olhar repousou em Dinah enquanto ele esperava. Ela manteve seus olhos negros grudados no chão, mas ela podia sentir o calor que queimava do seu olhar. Os três jogadores se alinharam e cada um recebeu uma bolsa de veludo que continha suas bolas de madeira, entalhadas na forma de ouriços. As de Dinah eram vermelhas, as do Rei, pretas, e as de Vittiore, brancas. O Mestre dos Jogos caminhou solene até o centro do campo e explicou as regras. Batidas de tambores soaram enquanto os jogadores caminhavam pelo campo. Seu pai gentilmente tomou o

braço de Vittiore e a fez ficar ao seu lado. Um ciúme agudo atingiu o peito de Dinah. Ela lançou um olhar pesaroso na direção de Harris. Ele lhe deu um sorriso gentil e esfregou nervosamente as lentes dos seus óculos em seu lenço. Ela levantou o olhar para observar as nuvens que rapidamente passavam no céu, para fingir que estava em qualquer outro lugar, exceto ali. Quando os jogadores tomaram suas posições, uma única corneta explodiu um som triunfante, e a multidão aplaudiu ruidosamente. Lanternas brancas esvoaçantes foram acesas, contornando o campo, e o Jogo Real de Críquete começou.

Vittiore foi a primeira a bater. Sua

primeira jogada com o bastão fez sua bola branca chocar-se com as duas primeiras metas, mas seus lances seguintes não a deixaram próxima de sua meta seguinte. Dinah era a próxima. Ela nunca tinha sido habilidosa em críquete, apesar das lições semanais que ela desprezava. Sua bola vermelha passou pela primeira portinhola, mas ficou presa na segunda meta. Seu segundo lance deixou sua bola no caminho de seu pai. O Rei de Copas assumiu a jogada seguinte. Sua bola abriu caminho pelas portinholas na primeira tentativa, golpeando a bola de Dinah fora dos limites de curso a ser percorrido.

Vittiore soltou uma risadinha triunfante.

– Excelente lance, papai!

Ele tomou seus lances extras para mandar sua esfera preta direto para a terceira meta. Vittiore assumiu seu segundo turno, o toque gentil de seu bastão fazendo sua bola branca passar pelo obstáculo. Dinah conseguiu que sua bola vermelha voltasse para a direção certa, mas ela não teve a oportunidade de assumir um outro turno antes que as bolas pretas de seu pai estivessem mirando as suas vermelhas. Dinah reconheceu a estratégia dele imediatamente. Isolar o oponente. Atacar com incansável fúria. Dominar. Eliminar.

Ao observar seu pai sorrindo encorajadoramente para Vittiore quando

ela mandou uma de suas bolas brancas para um arbusto, Dinah sentiu sua vergonha nesse evento rapidamente se transformar em raiva. A fúria negra estava crescendo dentro dela, fazendo a ponta de seus dedos comicharem. *Dois podiam jogar esse jogo*, ela pensou – não se permitiria ser humilhada por esse afeto inapropriado. Quando sua vez chegou novamente, ela golpeou com força com o bastão, nada como uma dama. Sua bola vermelha voou passando pela marca e, com um choque, lançou a bola de Vittiore para fora do curso como um perfeito foguete. A multidão soltou um murmúrio de desaprovação. *Pobre Vittiore*. Dinah não se importou.

Outra corneta explodiu e o jogo

ganhou complexidade assim que os pássaros foram soltos. Uma dúzia de pássaros correram à solta pelo curso – flamingos, dodôs, cisnes de um branco pálido e patos. Eles entravam no caminho das bolas, bloqueavam as estacas, ou bicavam os calcanhares dos jogadores. Era o caos. Um dodô enterrou o bico na delicada panturrilha de Vittiore, e ela soltou um grito, o que fez o coração de Dinah dar um pulo de alegria. Ainda assim, mesmo com os caprichos dos pássaros e com o humor leve da multidão, tanto Dinah quanto seu pai pareciam sentir uma mudança no propósito do jogo, enquanto atacavam impiedosamente um ao outro. Bolas vermelhas e pretas chocavam-se umas

contra as outras ininterruptamente, enquanto seus bastões agitavam-se, erguendo-se cada vez mais alto. Vittiore foi quase esquecida, mas quando ela se aproximou da décima primeira marca, Dinah enviou uma bola vermelha em seu caminho, e ela foi empurrada para trás.

O tempo parecia se estender para sempre enquanto os três abriam caminho, aro após aro. A multidão tornou-se silenciosa e tensa ao sentir a rivalidade entre Dinah e seu pai. Círculos escuros de suor tinham se formado debaixo dos braços do Rei e pela testa de Dinah. Seu pesado vestido de lã estava encharcado por dentro, e Dinah fantasiou arremessá-lo na direção da multidão. Sua fina coroa de rubi

repousava desconfortável sobre sua cabeça, suas pontas afiadas, puxando seu cabelo para fora, fio por fio, enquanto ela se curvava e rodopiava, sem se importar com como devia estar parecendo.

Depois que uma hora se passou, Cheshire avançou para o meio do campo e sinalizou para os pegadores dos pássaros. Os pássaros foram agrupados e removidos para a rodada final, marcando o fim do jogo. Faltavam três aros para Vittiore, e ela não venceria. Ela desistiu com um sorriso conformado para a multidão e um aceno de mão. Eles emitiram uma grande saudação quando ela se retirou, seus cachos loiros intocados por quaisquer esforços físicos

dos quais Dinah e seu pai estavam sofrendo. Cheshire a conduziu para o limite do campo, onde ela desmoronou sobre uma grande poltrona em forma de coração. Ela era tão charmosa com aquela falsa modéstia: uma jogada de cabelo, um piscar de seus olhos azuis. Isso fazia Dinah se sentir deprimida e invejosa ao mesmo tempo.

Era sua vez. Suas emoções misturavam-se e ela desceu seu bastão sobre sua bola vermelha vingativa, fazendo-a disparar pelo campo com um sonoro CRACK e chocar-se com a última bola preta do seu pai, que voou para fora da fronteira, indo aterrissar aos pés de uma mortificada Carta de Copas, que deu um passo para trás, sabiamente, pois

o próximo som que Dinah ouviu foi o grito furioso de seu pai. Ele deu três passos na direção de Dinah e a puxou violentamente para perto. Harris e Cheshire pisaram no campo, prontos para interferir. Os dedos enormes do Rei enterraram-se no ombro de Dinah, enquanto um olhar cruel tomava conta da sua expressão. Para a multidão, parecia um momento engraçado entre pai e filha. Mas Dinah podia ver a indignação furiosa nos olhos dele e sentir o cheiro do vinho quando seu hálito soprou no rosto dela.

– Princesa, você VAI me deixar vencer esse jogo. Você não vai me humilhar na frente do meu reino mais do que a sua mera existência já humilha. O

Rei de Copas não vai perder para sua filha patética, ou você vai ter que procurar um novo mentor, e Harris vai se perceber repentinamente um Espadas.

Lágrimas quentes transbordaram dos olhos de Dinah enquanto ele a sacudia. *Ele era o seu pai, como podia fazer isso com ela?* Tentou invocar a mesma ousadia que tomou conta dela quando golpeou sua bola para fora do campo, mas não a encontrou. Ela foi substituída por uma fome devoradora pelo amor de seu pai, tão poderosa e real que a fez perder o fôlego.

– Eu vou – sussurrou ela – Vou fazer qualquer coisa que o senhor pedir, papai. Eu sinto muito.

– Nunca mais se esqueça de novo do

seu lugar. Eu sou seu Rei e Vittiore é sua irmã e você vai honrar nós dois. Depois do jogo, você vai se curvar diante dela para que todo o País das Maravilhas possa ver que você a aceitou como sua irmã de sangue e igual.

Um soluço de choque escapou dos seus lábios cerrados. Ele sorriu e gesticulou para a multidão.

– Ela leva o jogo tão a sério! – anunciou ele – Minha doce filhinha.

Ele a soltou. Dinah deu um passo para trás, seus joelhos ameaçando fraquejar sob ela. O Mestre dos Jogos caminhou até o centro do campo e falou dentro de um chifre de prata feito de alto-falante.

– A partida final do Jogo Real de Críquete vai começar agora. Por favor,

fiquem de pé para o seu Rei.

A multidão se levantou. O Rei tinha a jogada final. Ele desabotoou os quatro broches em forma de cartas que apertavam sua capa e a lançou na direção de Wardley, que a tirou rapidamente do campo e a levou consigo ao seu lugar à borda do gramado, mas não antes de lançar um olhar solidário em direção a Dinah. A bola do Rei rolou tranquilamente através da última marca e atingiu a estaca final. Todos os olhares viraram-se para ela, incluindo o de seu pai. Sua expressão era uma mistura distorcida de orgulho e medo, como um urso numa jaula. Ele pertencia a um campo de batalha, não a um campo de críquete. Ou a um trono.

Dinah ergueu seu bastão. Houve um prender de fôlego e ela olhou para a multidão, expressões tensas ansiando pela vitória do seu Rei. Eles o temiam sem conhecê-lo, idolatravam-no sem prova alguma de sua divindade. Ela entendeu de repente o que era necessário para ser um herói – tinha que estar disposto a ser um testa de ferro, uma mera figura representativa, sem traço nenhum de intimidade. Tinha que ser a projeção dos medos e esperanças até mesmo dos mal nascidos. Ela entendia. Essa multidão necessitava de que seu pai vencesse.

Ela desceu o bico do seu flamingo com força sobre sua bola que voou pelo jardim e quicou na beira da estaca. A

multidão irrompeu numa saudação gloriosa. As mulheres estavam chorando e os homens estavam saudando seu pai – traçando a forma de um coração sobre o próprio coração – e deixando escapar bravos gritos. O Rei ergueu seu bastão sobre a cabeça em sinal de vitória.

Vittiore correu para ele, seu vestido flutuando pela grama verde e bem cortada.

– Papai! Parabéns.

Ele a levantou nos braços para um caloroso abraço. Dinah deixou seu bastão cair e caminhou para fora do campo. Harris seguiu atrás dela, a cabeça caída em mútuo desapontamento. Há muito tempo Harris aprendeu a ler o humor de Dinah e sabia quando

repreender… e quando ficar em silêncio. Dinah caminhou rapidamente pelo palácio, seguindo caminho pelos corredores retorcidos de pedra até seu quarto. Ela tirou seu vestido de lã cinza, cheirando a suor azedo, e caiu sobre seu colchão. Uma mão suave, enrugada e emagrecida pelo tempo, percorreu por seus cabelos e sobre sua fronte. Ela sentiu Harris sentar-se ao seu lado.

– Eu sei que você perdeu aquele lance de propósito. E, um dia, você será uma governante melhor que seu pai por causa disso. O orgulho de um líder nunca deve vir antes do bem do seu povo, algo que seu pai nunca percebeu. A multidão somente torce por ele porque o teme, não porque o ama.

Dinah permaneceu em silêncio.

– Eu a deixarei descansar até o banquete desta noite – murmurou Harris, inclinando-se sobre ela para dar-lhe um beijo na fronte. Um sono furioso violentamente tomou conta dela.

Seis

Dinah sonhou que estava flutuando em tinta preta, sem peso, sem os confinamentos do próprio corpo. Pequeninas faíscas de luz branca pulsavam nas laterais de sua visão. Circulavam e dançavam enquanto ela oscilava entre consciência e letargia. Dinah estava consciente de algo malévolo lentamente nadando pela névoa negra em sua direção. Estava fora de seu alcance, mas era temível e tinha fome. Dinah percebeu assustada que ela estava, na verdade, pendurada de cabeça

para baixo, seus cabelos ondulando nas estrelas brilhantes.

O céu de tinta vibrou e transformou-se num líquido prateado. Dinah girou no ar, agarrando-se para ficar de pé. Relógios e várias peças de móveis passaram flutuando, boiando num rio invisível. O negro vibrou uma segunda vez, e agora ela estava flutuando num espelho. O perseguidor assassino estava perto; ela podia senti-lo agora. Estava quase em cima dela. As unhas frias como gelo cravaram-se em seu estômago e seios. Lutando, Dinah endireitou-se, levantando-se sobre seus pés até que a ponta do seu nariz roçasse o espelho macio. Ele partiu-se como água. Havia outro atrás dela. Seus próprios braços

agarraram-se em seu corpo. Seus olhos negros arregalaram-se enquanto ela olhava o próprio reflexo. *Ela* era a escuridão.

Dinah deu um pulo da cama em sobressalto. Estava encharcada de suor, seus braços agitando-se no ar frio da noite. Emily levantou-se da cadeira de balanço próxima da cama.

– Está tudo bem, Princesa?

– Sim, sim. Obrigada, Emily. Que horas são?

Emily abaixou suas agulhas de costura.

– Provavelmente deveríamos nos aprontar para o banquete. Algo em mente, minha Senhora?

Dinah olhou pela janela para as

estrelas mutáveis do País das Maravilhas, a cabeça ainda no sonho.

– Algo leve. E sem lã nenhuma.

Normalmente Dinah não gostava de banquetes. Depois da pompa infindável e entorpecedora de cérebro que era o ato de sentar-se com senhores e senhoras, das Cartas bem nascidas, dos escudeiros e conselheiros, a família real finalmente se sentava atrás da Mesa do Rei, que não era um pedaço comum de pedra. As extremidades da grossa mesa de obsidiana faziam curva nas pontas, com pontas afiadas de navalha que eram a causa de mais do que alguns braços feridos. O Rei de Copas sentava-se em uma elevada plataforma, próxima ao meio da mesa, sua coroa descansando ao

lado do seu enorme cálice. Seu bigode loiro já estava manchado de vinho de cereja, dando-lhe a aparência de um insano canibal. Dinah sentava-se à sua esquerda e Vittiore, à sua direita, parecendo iluminada, como sempre, num vestido justo da cor de mirtilos maduros. Seus olhos azuis e brilhantes radiavam do seu pequenino rosto, encantando o coração de todo homem do País das Maravilhas. Nenhuma Carta podia passar por ela sem se encantar por sua presença etérea.

O Rei recostou-se em sua poltrona e soltou um sonoro arroto.

– Mais vinho! – ordenou ele.

Cheshire inclinou-se sobre o pai da princesa, flutuando no ar como sempre.

Ele estava sussurrando no ouvido do Rei, auxiliando, enquanto os olhos do monarca fitavam toda a sala, reconhecendo amigos, inimigos e tolos. Os escudeiros derramaram mais vinho em seu imenso cálice, e ele o entornou, sedento, com uma das mãos, a outra sempre repousando em sua Espada de Copas. Seu pai via inimigos em muitos lugares, em cada casa, em cada linhagem distante e visivelmente absurda que levava ao trono. Assassinos Yurkeis estavam por todos os lados, ele acreditava, cada um deles tentando roubar sua coroa. Emily tinha deixado escapar para Dinah que havia inúmeros rumores sobre a paranoia de seu pai. Que ele dormia com sua Espada de

Copas. Que seis guardas faziam vigília enquanto ele dormia. Que ele somente confiava, de verdade, em Cheshire.

Dinah empurrou o oleoso peito de avestruz pelo prato, cobrindo-o com sementes e brotos. Ela estava sem um pingo de fome e, pelos seus cálculos, teria que ficar sentada ali por mais quatro horas, um sorriso congelado colado no rosto. Vittiore soltou uma risada cristalina em resposta a algo que seu pai disse, e Dinah se inclinou sobre a mesa para lançar-lhe um olhar de reprovação. Cheshire a recompensou com um sorriso de orelha a orelha, acima da cabeça do seu pai. Dinah lutou contra o desejo de fazer voar seu prato na direção dele, enquanto a bile subia

por sua garganta. Seu pai sempre a odiou, desde o dia em que nascera, e Dinah estava convencida de que a língua venenosa de Cheshire tinha mais do que um pouco a ver com isso. Ela podia se lembrar de quando era muito nova – antes que sua mãe morresse – e viu Cheshire pela primeira vez. Com cabelos e sobrancelhas negras, Cheshire era jovem, mas com a mesma aparência desonesta. Sua mão tinha descansado sobre o ombro do Rei, tinha o apertado com força quando Dinah aproximou-se deles, com passos incertos de suas perninhas. Ela levantou o olhar para o rosto do Rei em alegre antecipação e não viu nada além de uma raiva fervente. Ele a assustou; ele não era o

seu pai? O homem que amava a sua mãe? Seus olhos azuis percorreram-na, procurando por algo que não encontraram. Sua boca se contorceu primeiro em confusão e, depois, em nojo. Ele a empurrou rudemente para trás.

– Tire-a da minha visão. Não quero que você traga mais ela aqui – disse ele a Harris, e duas Cartas gentilmente a empurraram para longe dele.

Dinah deu um grito e chutou o primeiro deles na canela. A segunda Carta foi agarrá-la, mas ela girou para longe dele também.

Chorando, gritou por seu pai no ar vazio, enquanto Harris passava seus braços em torno dela para segurá-la.

– Dada! DADA! DADA!

O Rei de Copas passou por ela sem um segundo olhar, sua capa preta roçando por seu rosto enquanto ele seguia para longe dela, além dela. Cheshire seguiu atrás, a cabeça curvada. Dinah era pequena o suficiente para ver o sorriso de satisfação que se estendeu no seu rosto comprido. Mesmo sendo uma jovem criança, ela suspeitava que, de algum modo, esse pedaço inteligente de homem tinha virado a cabeça de seu pai contra ela, sua filha, aquela que ele devia amar, mas nunca amou. Ela sorriu para Cheshire, enquanto prometia, do fundo do seu coração, que a primeira coisa que faria como Rainha, depois que seu pai falecesse ou ela se casasse, seria

mandar Cheshire para as Torres Negras para sempre. Claro, ele a tinha ajudado no dia em que Vittiore chegou, mostrando para ela os túneis, mas isso porque ele tinha seus propósitos. Com Cheshire, podia-se estar certo disso. Ele não era um homem para se subestimar.

As horas passavam lentamente, enquanto a multidão tornava-se cada vez mais embriagada pela bebida, e as luzes lentamente diminuíam. Gargalhadas felizes e o cheiro delicioso de tortas abraçavam como amantes aqueles sentados, aproveitando o banquete. Dinah estava entediada. Ela lançou um olhar para seu pai, que ria ruidosamente junto de Xavier Juflee, o Valete de Copas e comandante das Cartas de

Copas. O Rei de Copas não notou Dinah observando, tampouco notou Vittiore observando tristemente a distância, olhando para algo que Dinah não conseguia ver. Ela seguiu o olhar de Vittiore até os fundos do salão, mas havia somente sombra, ninguém. Vittiore baixou o olhar, corando. Havia algum movimento na periferia de sua visão, e Dinah saiu de seu transe e baixou os olhos para mesa.

Seu prato tinha sido levado e, em seu lugar, havia uma fatia ainda soltando fumaça de pão de frutas vermelhas repousando num delicado prato fino. Ela piscou chocada. Não tinha notado o prato extra sendo colocado em sua frente, e isso era alarmante por si só.

Rabiscado em adoráveis letras cursivas, alguém tinha escrito “Coma-me” com geleia de framboesa na lateral do prato. Intrigada, ela olhou ao redor, mas não havia ninguém agindo de modo suspeito, ninguém parecendo malicioso num canto próximo. Havia apenas centenas de pessoas comendo, dançando e se gabando excitadas das partidas de críquete que elas mesmas jogaram naquela tarde. Wardley abria caminho até o outro lado do quarto, bebendo grandes goladas de uma gigante caneca de prata; Harris estavam conversando com o Mestre de Música; e Charles jamais teria sido deixado se aproximar do banquete real.

Ela voltou o olhar para a mensagem

em seu prato: “Coma-me”. Seria um insulto? Uma ameaça? Veneno? Dinah rapidamente esfregou a mensagem com sua colher de prata. Cada respiração sua cheia de curiosidade, ela levantou o garfo e o espetou no pão. Ouviu o clique do metal na louça, e encontrou um minúsculo frasco de vidro, menor que um carretel de costura. Com as mãos trêmulas, ela pegou o frasco, mantendo as mãos baixas sobre o prato. A rolha saiu facilmente e um pedacinho de papel escorreu para seus dedos ansiosos. Ela olhou ao redor mais uma vez.

A festa continuava a se intensificar. Gordos pássaros brancos corriam acima e abaixo das mesas, sendo alimentados por divertidos convidados. Como

sempre, ninguém se importava com a estranha filha de cabelos negros do Rei. Suas mãos tremiam enquanto ela desenrolava o papel, perguntando-se de quem ele poderia ter vindo. Cinco palavras, escritas numa caligrafia cadenciada, agraciavam o pedaço de pergaminho: *Faina Baker, as Torres Negras*. Rabiscado ao lado das palavras estava o pequeno desenho de um triângulo com uma onda sob ele. O símbolo era vagamente familiar, embora Dinah não conseguisse se lembrar de onde e não tivesse tempo de pensar sobre isso neste momento. Ela virou o papel. Nada. As batidas do seu coração eram tão altas que ela tinha certeza de que todo o salão podia ouvi-las, ainda

que ninguém sequer olhasse em sua direção. Dinah fechou os olhos, gravando o nome, o símbolo e as palavras na memória. Então, ela fez como seu prato a instruiu e comeu as palavras, o papel pastoso e sem gosto na língua.

Sete

As estrelas estavam radiantes – brilhavam pelo norte, sobre o Todren e também pelo sul, de onde se viam linhas verticais sobre as Terras Escuras. Dinah ficou sozinha na sacada, embrulhada em grossos cobertores de lã.

– Sua Graça, você vai congelar aqui fora! – Emily disse preocupada, de dentro de seu quarto. Dinah virou os olhos e a silenciou levantando sua mão.

– Emily, eu estou bem! Estou aquecida o suficiente, o inverno está quase no fim. – Emily fez uma expressão

de consentimento e se retirou silenciosamente. Dinah voltou seu olhar de volta para o céu.

– Faina Baker, as Torres Negras. – ela murmurou essas palavras para si repetidamente. Não conseguia imaginar o que significavam, apenas o que sentia – *não, ela sabia* – que era algo de grande significado e consequência. Havia esperado toda sua vida por esse pequeno desenrolar, sem saber disso. O fio mudo de inquietação que acompanhou cada passo seu neste palácio tinha origens. Era um presente no jogo de críquete, nos banquetes, nos sussurros das Cartas e na corte, especialmente desde que Vittiore chegou. Será que este minúsculo papel

era talvez sua resposta, algo para colocá-la à frente da situação?

Quem era Faina Baker? O que ela sabia? E, mais importante, por que ela estava nas Torres Negras? Dinah mordeu seus lábios, um hábito de nervosismo. Ao contrário do que ela tinha dito a Emily, o ar de fim de inverno estava um pouco frio; a friagem entrou por seus cobertores, como se eles fossem finos como linho. Ela se arrepiou. Era hora. Dinah puxou um longo cachecol borgonha, com pequenas flores bordadas em rosa, de sob o cobertor. Ela chegou até a beira da sacada e girou em torno de um pequeno degrau de ferro, na beira da balaustrada. O cachecol se desdobrou com o vento

cortante, uma faixa vermelha em contraste com o céu escuro.

Ela entrou, pegou seu chá e tomou banho em silêncio, observando o vapor subindo pela sala de vestir. Harris e Emily se retiraram para seus quartos de dormir separados, e Dinah ficou andando de um lado para o outro em frente à sua janela. Paciência nunca foi sua virtude, e quando ela não conseguiu mais esperar, saiu da sacada e fixou seu olhar para a beirada dela. Ela envesgou até ver: o escudo com vieiras prata de Wardley, tendo Corning ajoelhado, apoiado contra um cocho de água fora do estábulo.

A pele de Dinah se agitou de felicidade – Wardley estava chegando!

Eles se comunicavam dessa maneira desde que ela era uma garotinha. Wardley sempre estava nos estábulos, enquanto Dinah estava confinada em suas lições, dentro de seu Aposento Real, por isso arrumaram a mais simples forma de mensagem: um escudo ou um cachecol significam: “Eu preciso te ver”. O outro montava sua resposta e a mensagem estava completa. Dinah vestiu uma simples camisola cor de ameixa sobre sua fina túnica e amarrou sua capa sobre ela. Encostando sua orelha contra a porta, ela ouviu as Cartas de Copas descendo até o fim da ala. Seus passos de metal foram se dissipando até desaparecerem completamente. Dinah soube que era uma questão de minutos

até que elas voltassem. Andando silenciosamente, ela saiu da porta e correu até a entrada, o mármore gelando seus pés descalços. Ela seguiu para baixo, atrás dos passos do servo, no final da ala, onde começou a ventar pelos diferentes corredores, em direção à Capela de Copas.

No começo de seu reinado, seu pai ordenou a construção de uma pequena alcova que tivesse visão para a Capela de Copas. Enquanto a maioria achava desconcertante que ele fizesse qualquer mudança nessa sala antiga, uma que irradiava com luz e arquitetura caprichosa, o Rei de Copas pressionou, apesar da construção incluir a demolição de um magnífico alaúde

antigo, que foi selado na parede externa. A alcova foi apelida de “A Caixa”. Seu propósito era iluminar e mudar os corações dos camponeses, abençoando-os com o presente de cultuar dentro da capela, enquanto os mantinha longe dos membros da corte e da Família Real. O Rei acreditava que, concedendo aos camponeses indesejados e órfãos audiências com a realeza inspiraria, um dia, grandeza nas pessoas de classes sociais mais baixas.

Todo domingo, camponeses eram rodeados pelas Cartas e levados até A Caixa. Eles eram forçados a participar da cerimônia na Capela de Copas, recebiam pão e sopa, e eram mandados para seguir caminho. Após a partida, a

Capela recebia uma limpeza meticulosa, antes da chegada do próximo grupo de trabalhadores do campo, açougueiros, damas da noite e peixeiros. Dinah pensou na mais terrível e convincente ideia – as pessoas do vilarejo realmente desejavam ser arrancadas de seus trabalhos para adorar aqueles que eram tão privilegiados? Ainda assim, ela era grata que seu pai tivesse providenciado um local privado para que ela se encontrasse com Wardley dentro do castelo.

Como uma princesa, Dinah nunca ficava sozinha por muito tempo, e ela raramente conseguia ir a algum lugar do palácio sem que dezenas de pessoas reparassem. Só nas últimas semanas,

cartas de Copas começaram a acompanhá-la a lugares que ela normalmente ficava sozinha: a biblioteca, as cozinhas e o átrio. Harris disse que era porque sua coroação estava próxima e, dessa maneira, seu pai ordenou proteção extra para ela. Para Dinah, era uma chateação ter que aprender a tolerar isso.

Com sua respiração presa na garganta, Dinah abriu as imensas portas da Capela de Copas. Ela estava com sorte essa noite – normalmente havia uma vigília, mas eles deveriam estar pelos arredores. Ela adentrou a capela. Tinha alguma coisa de horripilante naquele lugar vasto e sombrio, vazio como uma tumba e tão frio quanto.

Paredes em mosaico brilhavam na escuridão, e ela conseguia distinguir estátuas de pedra com mantos brigando, abraçando e ordenando: os deuses do País das Maravilhas. A grandeza da capela a fazia se sentir pequena e exposta. Seus passos quicavam pelo chão como tiros de canhão à medida que ricocheteavam pelas colunas e paredes afora. Dinah parou de prender a respiração e se viu encarando a parede vermelha, em forma de coração, que decorava os fundos da capela. Finos pássaros dourados foram enfileirados de ponta a ponta, atrás do coração, de modo que ele os engolia inteiros, fazendo suas asas serem apenas um ponto em sua massa.

Dinah permaneceu sozinha na escuridão, sentindo-se como os pássaros, engolida por completo por essa sala, pelo trono, por seu pai e pelo palácio. Ela ansiava por reinar – sentar-se ao lado de seu pai e ela, Rainha de Copas, reinaria sobre eles com força e coragem – mas ela temia o que custaria para chegar lá. Era seu direito sentar-se no trono. Quando ela se casasse, seu pai não cederia o trono para seu marido com facilidade. Seus olhos negros se envesgaram enquanto ela encarava a brilhante janela vermelha, as luzes vermelhas refletiam em seu rosto. O altar parecia pulsar em carmim. *Quando eu for rainha*, ela dizia a si mesma, *todas as minhas dúvidas*

desaparecerão, e meu pai vai me abraçar novamente. Ele vai ver que eu nasci para ser rainha, e que eu serei uma rainha melhor que o rei que ele era.

Dinah ouviu o suave ruído de passos e alguma coisa mudou no ar. Um tremular suave moveu as bandeiras e a tapeçaria que envolvia a parede, e Dinah, de repente, foi tomada por uma sensação terrível de estar sendo vigiada. Ela se virou, mas havia apenas escuridão ao seu redor – um buraco, um espaço vazio, e apenas os olhos dos deuses acima dela. Ela fungou. O ar estava com um cheiro estranho – uma mistura inebriante de terra e carne de porco. Atrás dela, uma porta se fechou e

ela ouviu passos em movimento, ecoando pela capela. *Wardley.* Ela suspirou com alívio, virou de costas relutante para o altar e andou o longo caminho do corredor, até que ela estivesse paralela à porta. Com apenas a luz do luar, que era filtrada pela janela vermelha, suas mãos fortes encontraram a escadaria de madeira que conduzia ao topo d'A Caixa. Dinah soltou um leve gemido e se levantou ao topo do último degrau. Wardley mostrou seu rosto de cima da escadaria.

– Depressa! Você é mais devagar que uma lesma.

Dinah lançou-lhe um olhar de raiva e continuou a escalar cuidadosamente, estilhaços machucando seus pés

descalços. Assim que ela alcançou o topo, foi recebida com o fedor de lixo, óleo e vegetais podres – o cheiro da pobreza. Quem deveria limpar A Caixa após o último evento não o fez. De pé, ela passou os dedos pelo cabelo emaranhado e ajeitou sua capa. Wardley ficou parado na frente dela, vestido em suas roupas de treino – uma larga camisa branca de linho, calças vermelho-escuras e botas vermelhas de montagem. Sua camisa estava aberta no peito, e Dinah pôde ver o brilho do luar sobre sua pele suada. Seu coração bateu traiçoeiro no peito, e ela se forçou a virar o olhar.

Wardley deu um abraço rápido:

– Urgh, você está com um cheiro

horrível.

Dinah socou seu braço:

– É A Caixa. Pare com isso.

– Isso parece uma leve brisa em meu braço. – ele ralhou sorrindo. Dinah sentiu a terra tremer – Tente de novo.

Ele soltou seu braço. Dinah deu um soco com toda sua força. Ele recuou.

– Ok, tudo bem, doeu de verdade. Continue trabalhando seu braço de espada. Um dia, seu pai te treinará para usar a Espada de Copas.

– Duvido, mas parece um bom sentimento.

Eles se sentaram juntos num banco de madeira esfarrapado que fedia a peixe.

– Então, o que você precisa me contar? – Wardley perguntou. – Você

precisa de alguma coisa? Está com problemas? Deveria ter vindo para os estábulos dentro de alguns dias. É muito mais fácil que ficar andando por aqui sorrateiramente. Notou que agora há Cartas de Copas em todos os lugares por aí? Está ficando ridículo, todos os homens usam uniforme agora. Seu pai não se importa mais se eles são qualificados ou se são homens de bem; só quer corpos vestidos em capas. – Wardley fez um som de desgosto. A constante queda nos requisitos para se tornar uma Carta de Copas era algo que ele frequentemente lamentava.

– Ao menos eles não são de Espadas.

Ele olhou-a por completo e viu a seriedade em seus olhos. Seu sorriso se

desmanchou:

– Dinah, o que foi?

Dinah aproximou seu rosto do ouvido de Wardley. O simples fato de estar tão próxima dele fazia com que ela perdesse o fôlego, mas tinham muito sobre o que conversar. Para qualquer observador, eles se pareciam com dois jovens amantes, sussurrando palavras de ternura.

– Ontem alguém me deu um bilhete. Foi durante o banquete, e estava embaixo do meu pão de frutas vermelhas. Dizia: “me coma”.

Wardley deu um passo para trás, seu rosto tomou uma expressão de preocupação. Ele pegou o rosto dela em suas mãos e se inclinou para olhá-la

claramente.

– Você não comeu, não é mesmo? Dinah, aquilo poderia ser venenoso.

Dinah balançou a cabeça.

– Não, não, claro que não. Eu não comi. Mas abri o pão. E tinha isso dentro dele. – ela relutantemente se afastou dele e tirou um pequeno frasco do bolso de sua capa – Tinha um pedaço de papel dentro dele. Eu li, e depois o comi.

Warldey arregalou os olhos.

Ela continuou:

– No bilhete estava escrito, “Faina Baker, As Torres Negras”. E tinha um símbolo triangular.

Wardley olhou para o telhado, pensativo:

– Faina Baker, eu nunca ouvi falar nesse nome antes. Você já?

Dinah balançou a cabeça.

– Nunca. Eu estive pensando nesse nome por toda a tarde, mas não. Eu também nunca ouvi falar.

Wardley pegou o pequeno frasco e colocou-o contra a luz da lua.

– O que você acha que isso significa? – Dinah apertou suas mãos uma contra a outra.

– Eu, sinceramente, não sei, mas eu tenho um sentimento de que é alguma coisa importante.

– Não tem como você saber, Dinah. Pode ser uma armadilha. Alguém pode estar tramando contra o rei, alguém pode estrar tramando contra VOCÊ. Seu pai

tem muitos inimigos. Pode ser um assassino Yurkei.

– Eu sei disso. Eu sei. – ela se aproximou dele, pressionando sua pele contra a dele, com sua boca contra sua orelha – Eu não consigo explicar, mas preciso encontrá-la. Faina. Esse bilhete não foi entregue só por malícia, eu SINTO isso.

Warldey pegou a mão dela na sua e um milhão de estrelas luziram sob a pele de Dinah.

– Dinah, eu sei que você quer acreditar nisso, só não sei se é uma ideia sábia. Sua coroação está ficando cada vez mais próxima, e talvez isso seja apenas nervosismo seu por estar assumindo o trono.

Dinah levantou seus olhos negros e o encarou.

– Você confia em mim?

– Claro. Você é minha melhor amiga. – ele a assegurou, dando uma risada nervosa, que fugiu do controle por sua intensidade.

– Então me ajude a fazer isso. Wardley, tem alguma coisa errada. Eu sinto isso. Tem uma emboscada, uma presença, um perigo, alguma coisa RUIM está acontecendo. E alguém está tentando nos ajudar. Eu PRECISO falar com Faina Baker e preciso de sua ajuda para fazer isto.

Warldey balançou a cabeça.

– Entrar nas Torres Negras será impossível. Você é a Princesa; eles

rastreiam cada movimento seu. E, mesmo que não o fizessem, você não pode simplesmente entrar nas Torres Negras. Elas estão infestadas de Paus. – ele baixou sua voz – E os deuses sabem que tipo de perversidade nós encontraremos lá. Você ouviu as histórias. Algumas coisas nunca podem ser apagadas da memória. As Torres Negras são um lugar de violência. Tortura. Doença. A depravação do reino se encontra lá, e você está disposta a arriscar tudo isso só por um nome. Um nome que pode significar nada; nada além de um traidor esperando no escuro, com um punhal atrás de si. Você realmente acredita que essa mulher tem todas as respostas? Que respostas você

procura? E se ela realmente tiver, por que ela está nas Torres Negras?

Eles suspiraram

- Dinah, me ouça. Criminosos vão para as Torres Negras. Criminosos, mentirosos, assassinos e pessoas com quem seu pai precisa desaparecer. Não é um lugar para uma princesa. – ele beijou as mãos dela de maneira casta – Minha cara amiga e futura rainha, por favor, abandone isso.

Dinah sentiu sua cabeça girando. Ela não considerou todas as coisas que Wardley tinha dito, mas não importava. Ela sabia do arrepio que deslizava sua espinha acima, dia a dia.

– Como a Princesa do País das Maravilhas eu ordeno que você me

ajude.

Wardley lhe deu um olhar exasperado:

– Você não faria isso. Além disso, eu não tenho que te ouvir. Você ainda não é a rainha.

– Mas eu serei um dia.

– E eu não te darei ouvidos.

Pela fraca luz do luar, Dinah olhou para ele – seu amigo, aquele com quem ela brincava. Talvez seu amante, algum dia.

– Eu não consigo fazer isto sem você, Wardley. Nós sempre sonhamos e imaginamos como seriam as Torres Negras; bem, aí está a nossa chance.

Wardley se levantou abruptamente, agarrando-a pelo ombro com

ferocidade.

– Isso não é um jogo, Dinah. Isso nãc é uma brincadeira nossa de Torres Negras no Jardim de Rosas, nos agachando atrás dos arbustos. Podem existir sérias consequências. Você quer perder sua coroa? Você quer que eu perca a cabeça?

Dinah deixou sua cabeça cair e sussurrou:

– Eu sei que estou pedindo demais de você. Mas isso é algo que eu preciso fazer, com ou sem você. Há algo a mais. O símbolo do bilhete, o triângulo feito de ondas? Eu já vi isso.

Com um dedo, Dinah desenhou o símbolo no chão empoeirado. Wardley olhou inexpressivo:

– O que é isso?

– Levou a noite toda para que eu me lembrasse, mas eu sei onde eu já vi esse símbolo. Está registrado nos túneis debaixo do palácio. Eu lembro, haviam três túneis escondidos. Um levava ao salão principal, outro apenas levava para fora dos portões do lado leste, e tinha mais um marcado com esse emblema. – ela o apontou.

– Antes eu pensava ser a imagem de uma montanha, as Montanhas Yurkeis, um símbolo que marcava que o túnel ia naquela direção. Mas eu estava errada. É o símbolo das Torres Negras. Eu acho que aquele túnel nos levaria às Torres Negras.

Wardley coçou seu queixo, sentindo a

barba começar a crescer de volta depois de barbeá-la de manhã.

– Mas como podemos ter certeza?

– Não podemos.

– E nós não saberíamos em qual torre Faina Banker está, só para começar.

– Está certo.

Agora Wardley andava de um lado para o outro com raiva, suas botas levantavam uma pequena nuvem de poeira. Dinah conseguiu ver que ele estava lutando veementemente com sua própria curiosidade.

– Como a gente poderia chegar ao Salão Principal? Ele está guardado ac redor do relógio. Só por diversão, digamos que nós conseguimos entrar e usamos o túnel para chegar lá. E aí? Nós

não podemos simplesmente ficar passeando ao redor das Torres Negras, a princesa e eu, saindo para um passeio.

– Nós conseguimos dar conta disso. – Dinah respirou fundo – Eu tenho um plano.

– Digamos apenas que a gente consiga entrar. Nós encontramos Faina Baker em uma das SETE torres. Nós conversamos com ela, tomamos um chá, ela nos conta um monte de segredos. E aí? Nós só ficamos passeando por dentro da Teia de Ferro? Tomamos nosso caminho de volta para os túneis?

Dinah deu de ombros.

– Nós temos muito o que planejar; não estou dizendo que será fácil.

– Fácil? É loucura. É uma missão

suicida. E para quê?

Dinah se levantou do banco e pegou o braço dele gentilmente.

– Para que a futura rainha tenha alguma vantagem antes da sua coroação. Para não restar dúvidas. "E se?" Para respostas que nunca me foram dadas, e nunca serão. Pela possibilidade de entender *alguma coisa* sobre esse lugar.

– E se eu perder a cabeça? – perguntou Wardley.

– Aí, eu sentirei muito – ela disse – É uma linda cabeça.

Dinah pousou a mão nas bochechas de Wardley. Ela se sentiu tão próxima dele; sua presença física era devastadora. Sentiu um calor subindo em seu rosto, um suor brotando em sua fronte, o

cabelo chocolate encaracolado dele casualmente caindo da sua testa. Sem pensar, pressionou seus lábios contra os dele. Luzes brancas explodiram dentro das pálpebras de Dinah e ela abriu a boca suavemente sob a dele. Seus lábios se mantiveram parados enquanto ele puxou-a para trás surpreso, com suas mãos nos ombros dela.

–Dinah, eu… – Ele não teve tempo para terminar. Alguma coisa se moveu na escuridão abaixo. Eles ouviram o barulho de pés, um repentino sibilo no ar. A escadaria deu um estalo seco. Num rápido movimento, Wardley tirou sua espada e puxou Dinah de forma protetora atrás de si. Sua lâmina brilhava na luz da lua.

– Tem alguém aqui – ele sussurrou – Não se mova. Fique atrás de mim.

O medo os congelou enquanto um calafrio subiu sob a pele de Dinah, um suspiro preso em sua garganta. Nenhum deles se moveu por vários minutos, mal conseguindo respirar. Da escuridão, sons de longos e fracos suspiros subiram a escadaria. E, então, apenas no momento em que o som do coração de Dinah disparado estava tão alto que ela tinha certeza que ressoava por todo o lugar, a presença sumiu. O ar de maledicência foi sugado para fora da sala, no entanto, aquela sensação de estarem sendo observados perdurar. Dinah perguntava a si mesma se essa sensação estivera lá o tempo inteiro.

Wardley guardou sua espada.

– Eles se foram. Eles não podem ter nos escutado, podem?

Dinah balançou sua cabeça. De repente, houve um estalo e ambos pularam um no outro, enquanto as portas da Capela de Copas se abriram abruptamente, e três Cartas adentraram para seus turnos da noite. Dinah e Wardley entraram n'A Caixa para evitar serem vistos. Ela sentiu uma onda de alívio com a presença das Cartas, apesar de estar deitada no chão imundo para evitar o olhar deles. Wardley olhou por cima dela com seus olhos arregalados.

– Havia alguém aqui. – ele suspirou – Eu ouvi.

Dinah fez um aceno. Wardley deu uma olhada de defesa, seu rosto estava coberto com uma fina camada de poeira marrom.

– Tudo bem – ele sussurrou – Eu irei às Torres Negras com você, mas não vou gostar disto. Você está certa, tem alguma coisa estranha. Eu ouvi sussurros nos estábulos, e entre as Cartas. Um Espadas me disse que o Rei teme por sua vida e está reunindo todas as suas Cartas ao seu redor. Mas por quê?

– Então você vem comigo?

Wardley assentiu com a cabeça, sua orelha inclinou para ouvir o relógio. Dinah estava feliz ao vê-los irem, mas a mortificação de beijá-lo devagar voltou, agora que o perigo tinha ido embora.

– Wardley, me desculpe pelo…

Ele a cortou.

– Não se preocupe com isso.

Eles ouviram as portas da capela batendo e, de repente, estavam sozinhos novamente. Wardley pegou a mão dela e puxou Dinah.

– É hora de partir. Agora. – eles desceram a escadaria rapidamente, Wardley envolvendo seus braços na cintura de Dinah no último degrau e a colocando no chão.

– Vá, vá agora. Volte para os seus aposentos. Use os corredores dos empregados. Nós falaremos disto mais tarde. Venha me ver nos estábulos amanhã. Nós não vamos nos encontrar aqui novamente. Nunca. Eu não acredito

que vou fazer isso.

Dinah não precisou ouvir duas vezes, mas ela não queria deixá-lo, não agora, não enquanto ele estava tão irritado.

– Wardley, você não tem que ir às Torres Negras. Eu vejo agora que não devia ter te pedido. Mas preciso ir. Eu não sou mais criança e preciso saber o que está acontecendo com o meu reino. Você entende?

Wardley deu uma olhada para ela, como se ela estivesse louca.

– Se você vai ser a Rainha de Copas – ele disse, inexpressivo –, você deveria tentar deixar de ser tão estúpida. Eu não tenho escolha. Se você for, eu vou. Você não é tão boa com uma espada como pensa. Além disso, se você

morrer, seu pai corta minha cabeça de uma forma ou de outra. Que seja então por ter feito algo honroso.

Dinah lhe deu um sorriso rápido.

- Honroso? Ou um erro tolo?

Dinah estava jogando com Wardley – ela sabia que ele nunca resistiria a uma aventura. Wardley deu uma olhada ao redor da sala vazia. Estava quieto.

– Nós faremos um plano mais tarde, mas tiraremos um tempo para planejar isso. Agora, VÃ.

Ela quis beijá-lo novamente, beijá-lo todos os dias, para sempre. Mas não aconteceu nesta noite, então ela pegou sua saia e correu o mais rápido que pôde para seu dormitório. Até ela se deitar em sua cama naquela noite,

repensando no beijo e em sua estranha beleza, com a brisa fria do País das Maravilhas dançando sob sua pele, ela não havia percebido que eles tinham deixado o frasco n'A Caixa, junto do desenho do triângulo de ondas na poeira. Estava lá, sozinho no escuro, querendo ser encontrado.

Oito

Exatamente um mês desde aquela conversa sussurrada n'A Caixa, Dinah esfregou os olhos, espantando o sono, enquanto espiava o tic-tac do relógio em sua estante. *Hoje é o dia*, pensou se apoiando nos cotovelos, *hoje eu verei as Torres Negras e descobrirei quem é Faina Baker.* Sentou-se na cama, tocando suas bochechas quentes com as palmas das mãos geladas e se permitindo respirar profundamente. *Eu preciso estar calma ou isso nunca dará certo,* pensou. *Tem que parecer ser um*

dia comum para todo mundo, exceto para Wardley e eu. Soltou um bocejo exagerado enquanto Emily se aproximava de maneira espalhafatosa com suas toalhas de banho felpudas.

– Como você está, Sua Graça?

– Estou bem, obrigada.

A manhã se arrastou como de costume: um banho elaborado, vestir-se e conversar ociosamente com Harris e Emily. Enquanto Emily amarrava o laço da parte de trás de seu vestido, Dinah limpou a garganta:

– Fui convidada para tomar chá com a Vittiore hoje, acho que vou comparecer na parte da tarde.

Emily parou:

– Com Vittiore? Mas…? – Emily

sabia bem do ódio profundo de Dinah em relação a Vittiore.

– Pode não ser uma ideia terrível conhecê-la melhor. Logo serei a Rainha e eu deveria fazer as pazes com ela. Não posso renegá-la para sempre. Ela é minha súdita.

Dinah sentiu sua voz tremer quando a mentira pareceu tão azeda em sua língua. Harris a encarava do outro lado do quarto, em choque.

– Me certificarei de dispensar Palma e Nanda. – Emily mordeu os lábios com raiva. Ela odiava as duas damas de companhia estúpidas e bobas de Vittiore, Palma e Nanda; algo que fazia Dinah amá-la ainda mais. Elas nunca trocaram uma palavra sequer, nem nos

arredores do palácio juntando lençóis, vestidos e roupas de cama. Dinah não compreendia o ódio profundo que as mulheres tinham umas pelas outras, mas, no dia de hoje, pelo menos, era maravilhoso que elas não iriam nem se olhar nos olhos. Harris pulou alegremente do outro quarto.

– Eu ouvi que você vai tomar chá com Vittiore hoje? Dinah, essa ideia é magnífica, que maravilha! Está mais do que na hora de vocês duas colocarem suas diferenças de lado. Você pode até perceber que ela é a irmã que você sempre quis.

Laços se apertaram ao redor das costelas de Dinah.

– Um pouco mais fraco Emily, não

quero parecer tensa no chá hoje à tarde.

Emily franziu as sobrancelhas.

– Eu não havia pensado nisso, Sua Graça; minhas desculpas. – houve um segundo de silêncio e, em seguida, a tensão foi dissolvida – Por que não deixamos o espartilho de lado hoje, especialmente se você vai ficar sentada por um bom tempo? Mas então vamos usar um vestido brilhante, algo que lembre à Duquesa que você é a futura Rainha. – abriu o guarda-roupa branco e puxou um vestido de seda magenta cheio de florões e camadas.

– Isso fará seus cabelos pretos ficarem radiantes.

Dinah fez uma cara feia, se fizesse diferente não seria ela mesma.

– Não se zangue, Princesa, só coloque-o.

Assim que o vestido escorregou por sua cabeça, Dinah limpou a garganta:

– Estarei na biblioteca toda a manhã, estudando coisas particulares com o Monsenhor Wol-vore.

Wol-vore era o seu professor de línguas. Dinah passava muitos dias da semana com ele, aprendendo a mimetizar a língua das tribos das Montanhas Yurkeis e a cantarolar os estranhos sons cadentes das Montanhas Ocidentais. Para Dinah, isso era terrivelmente inútil, entediante e mentalmente confuso. Nesse dia, em particular, porém, Monsenhor Wol-vore iria visitar sua amante, uma doce dama

da corte que vivia pertinho do palácio. Wardley estava descobrindo que ouro e pedras compravam uma boa quantidade de informações sobre os vícios sombrios da corte.

– Isso parece ótimo Dinah, simplesmente ótimo, estou orgulhoso de você. – Harris parecia tão feliz, todo corado e emplumado. Uma punhalada de culpa atravessou-a. Dinah encarou-se no espelho. *Olhos negros, e muitas mentiras,* ela pensou. Limpou a garganta novamente.

– Eu oficialmente libero vocês dois por hoje. Emily, você deveria ir visitar sua família e, Harris, que momento seria melhor do que este para passar no Jardim de Rosas, ou jogar críquete?

Ouvi que nossas rosas brancas de vendela estão começando a florescer.

Os olhos de Harris se iluminaram:

– Eu acho que deveria sim. Um pouco de natureza é como um tônico para a alma.

Essa foi fácil, ela pensou. Emily terminou de vestir Dinah, que comeu seu café da manhã rapidamente, certificando-se de ter porções duplas de ovos e pão doce de pêssego. Ela precisaria. Enquanto caminhava para a porta, Dinah pegou uma pequenina bolsa de tecido.

– Meus livros – murmurou.

Emily e Harris nem olharam para cima. Dinah podia perceber como eles estavam animados com a ideia de um dia

sem responsabilidades, o que era raro para servos e guardiões. *Dois já foram*, Dinah pensou enquanto decidiu andar em seu próprio ritmo até o Grande Salão, cumprimentando as Cartas, enquanto passava, e qualquer membro da corte que estivesse vagabundeando no corredor sem propósito. Hoje, ela seria vista usando esse vestido ridículo e sendo estranhamente amigável. Dinah passeou pelo Grande Salão e notou as três Cartas de Copas que estavam paradas na porta da frente. Fellen, Roxs e Tatcher, exatamente como ela e Wardley haviam calculado. Dinah os saudou gentilmente enquanto passava.

Ser guardião do Grande Salão era uma posição baixa entre as Cartas de

Copas. Os mais habilidosos e leais protegiam o Rei, depois Cheshire, então Dinah e seguindo abaixo na linhagem da Corte. Aqueles que eram Cartas novas ou que tinham um histórico de serviço questionável protegiam as muitas portas e quartos do castelo. Nada acontecia no Grande Salão a maior parte do ano no País das Maravilhas, portanto as Cartas de Copas enviadas para proteger suas portas eram impiedosamente ridicularizadas. Quando Dinah passou por eles, eles a cumprimentaram preguiçosamente. Ela removeu uma pequena bolsa de sua mochila, e tropeçou, fazendo a bolsa voar na sua frente. Um valor de moedas de ouro – mais do que o suficiente para alimentar

a família das Cartas por um ano – esparramou-se na frente deles. A bolsa de pano continuava imóvel em seus ombros. Ela viu os olhos de Roxs brilharem. Claro que brilhariam: ele não tinha apenas uma, mas duas famílias para alimentar; ele se abaixou para ajudá-la a pegar as moedas e Dinah viu-o colocando maliciosamente algumas em seu bolso. *Perfeito*, ela pensou.

– Me desculpe, sou tão desastrada.

– Nenhum problema, Senhora.

Dinah pegou as moedas restantes rapidamente, certificando-se de que os homens conseguiram ver todas as moedas dentro da bolsa. *O preço de um colar,* pensou se sentindo culpada, *só uma das muitas joias que ficam ociosas*

na minha gaveta, mais do que o suficiente para alimentar uma família. Ela geralmente se sentia envergonhada com essas coisas. Acenou com a cabeça para Roxs e, então, para as outras Cartas.

– Muito obrigada. Um bom dia. – abaixando os olhos, estava inquieta e sem fôlego na frente deles. Hesitou por um segundo e, então, inclinou-se, deixando o cabelo balançar em frente ao seu rosto, sua voz baixando para um tom sussurrante urgente – Você poderia me informar onde fica a sala dos casacos?

Roxs respondeu:

– Não estou certo por que você precisaria dela, Alteza; você nem está usando um casaco.

Dinah colocou as mãos nos quadris.

– Isso não é da sua conta, e a pergunta está acima da sua posição.

Os olhos de Roxs se estreitaram. Nenhuma Carta de Copas gostava de ser repreendida por alguém da Família Real; era uma vergonha absoluta para aqueles que juraram os proteger.

– Perdoe-me, Alteza. Eu te acompanho até lá.

– Não. Apenas me diga o caminho. Eu posso ir sozinha. O tempo é muito importante.

Dinah podia ver a confusão em suas expressões. *Por que ela estaria com pressa para chegar à sala dos casacos?*

– Siga esse corredor, passe pelo oratório e vire na esquina. É uma

pequena porta à direita, em frente à sala dos empregados. Há uma janela de vidro e ferro na frente da porta.

Dinah agarrou, com força, sua bolsa perto do peito e permitiu que um rubor subisse por sua bochecha.

– Muito obrigada. – apressou-se ao passar pelas Cartas. A sala dos casacos era fácil de se encontrar; Dinah esteve lá muitas vezes durante a infância, buscando uma capa de inverno para ela e Charles. Era uma sala comprida, cheia de casacos de inverno, do chão ao teto, e todos os tipos de cores, todos para a Família Real e seus distintos convidados. Um vapor saía de uma fonte no meio da sala, uma baleia de porcelana expelia uma névoa

periodicamente, garantindo que os casacos estivessem sempre quentinhos e macios, independente da estação do ano. Dinah rapidamente encontrou um casaco simples marrom e com capuz.

Colocou sua bolsa de pano no chão, abrindo-a. Dentro dela havia um vestido de algodão cinza com um pequeno coração costurado na manga. Era o tipo de vestido que uma criada ou serva usaria em seu dia de folga. Dinah o havia roubado de Emily há um tempo. Rapidamente, ela tirou a roupa magenta superelaborada, os babados nadando ao seu redor como nuvens fofas. Cuidadosamente a dobrou e a colocou dentro da bolsa. A porta da sala dos casacos se abriu e ela se arrepiou, pois

estava de pé com apenas uma fina roupa de baixo branca.

– Sou eu – Wardley sussurrou.

Dinah virou-se de costas e começou a colocar o vestido cinza pela cabeça. Wardley atravessou a sala.

– Não, espera, não coloca.

Ela sentiu como se seu coração mergulhasse em uma água congelante.

– Eles estarão aqui a qualquer momento. Eu vi a expressão no rosto deles quando perguntei sobre a sala dos casacos.

Ele balançou a cabeça e começou a resmungar.

– O Rei não devia ter homens assim a seu serviço. Em sua tentativa de construir um conjunto forte de Cartas,

ele aceitou até os piores homens. Seus parâmetros cada vez menores estão enfraquecendo o reino.

– Shhhh. – Dinah ouviu pegadas pesadas e o tilintar de metal do lado de fora da porta. Rapidamente Wardley envolveu suas mãos na cintura de Dinah e a puxou contra ele. Seus lábios descendo em seu pescoço e sua respiração estava quente ao passar por sua pele macia. Ela fechou os olhos e se entregou, consciente de como cada curva de seu corpo estava à mostra através do fino tecido, tão próxima dele, tão próximo de ser apenas sua pele pressionada contra a dele.

Wardley tomou todo seu cabelo negro e grosso em suas mãos:

– Não exagere – ele murmurou.

A porta abriu de repente. As três Cartas estavam paradas na frente deles, rindo como imbecis. Roxs deu um passo adiante.

– Muito bem, Princesa; parece que você adquiriu um gosto pelo garoto do estábulo.

– Saia! – grunhiu Wardley – Não se aproxime da Princesa.

– Você deveria ter seguido esse conselho. Parece que você tem as mãos cheias por aí. Ela não faz muito o meu tipo, gosto mais do tipo da senhorita Vittiore e seus cachos loiros, mas com certeza tem um certo apelo. Ouvi dizer que ela é esquentada como o pai e louca como o irmão. Ela tem fogo em seu

sangue.

Roxs circulou ao redor de Dinah, seus olhos lascivos absorvendo-a um pouco demais:

– Então você está depenando a Princesa. Esse encontro secreto de vocês, o que ele vale?

Dinah engoliu em seco.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer, quanto ouro havia naquela sua bolsa? Duzentos? Trezentos? Com isso eu compraria uma terra, garota, e comida para as minhas famílias.

Wardley colocou as mãos em sua espada.

– Não chantageie a Princesa. O Rei irá cortar a sua cabeça no Dia da

Execução por causa disso.

– Bom, então vamos contar a ele, sim? – Roxs se direcionou à porta, seus dois capangas grunhindo como idiotas atrás dele.

– Espere – Dinah disse, quase silenciosamente – Quanto você quer?

– Tudo que está nessa bolsa, senhorita, e nada menos comprará o nosso silêncio.

– Isso é uma fortuna – Dinah bufou raivosamente.

– E é isso que estou pedindo.

Dinah alcançou a bolsa.

Wardley deu um passo adiante.

– Deixe-me discutir isso com a dama e, então, conversaremos.

– E que dama – rosnou Fellen, mas as

Cartas saíram, fechando a porta atrás delas. Ela podia ouvir a risada gananciosa dos três do lado de fora da sala.

– Fomos muito bem – sussurrou Wardley. Ele puxou Dinah para perto e pressionou seus lábios nos dela.

As Cartas invadiram a sala novamente, sem conseguirem esperar.

– Não conseguem ficar com as mãos longe um do outro, hein!? Eu me lembro de quando era jovem e cheio de luxúria, você não consegue segurar sua masculinidade.

As Cartas se acotovelavam com alegria. Wardley levantou as mãos e eles ficaram em silêncio. Mesmo quando eles presumiam que ele era só um garoto

do estábulo, ele demandava atenção:

– A nossa proposta é a seguinte: a Princesa e eu nunca temos tempo para, digamos, sermos nós mesmos. Nós lhes daremos todo o ouro da bolsa junto…

Dinah tirou um grande anel de ametista. Os olhos das Cartas se iluminaram.

– …disso, se vocês permitirem que fiquemos nessa sala o tempo que quisermos e se certificarem de que ninguém, ninguém, entre. E isso inclui vocês. Se alguém perguntar onde está a Princesa hoje, vocês irão dizer que ela está tomando chá com a senhorita Vittiore e estudando na biblioteca. Vocês nunca nos viram. Entenderam? Nós lhe daremos as moedas agora, mas

o anel só depois que nós… terminarmos. – Wardley deixou um sorriso maroto escapar em seu rosto – E precisaremos do dia todo.

Roxs deu um passo adiante.

– E por que eu faria isso por você?

– Em quem será que o Rei acreditaria, uma Carta bêbada acusada de roubar o ouro da Princesa ou em sua filha?

Roxs refletiu por um momento.

– Combinado.

Wardley entregou a bolsa para ele.

– Lembre: ninguém entra ou sai. Nós queremos ficar juntos pelo menos até o pôr do sol. Quando sairmos, vocês terão o anel.

Fellen fungou.

– Você acha que consegue durar tanto,

filho?

Wardley se igualou com um olhar.

– Sem dúvida.

As três Cartas trocaram um olhar invejoso e se afastaram.

– Nós precisamos ficar de olho no Grande Salão, mas nós ouviremos se vocês tentarem escapar. Não trapaceie, garoto!

– Está bem – Dinah respondeu – Mantenham a promessa de vocês que manteremos a nossa e eu NÃO irei cortar suas cabeças pelo seu silêncio.

As Cartas saíram. Wardley olhou para Dinah com um sorriso confuso.

– Sempre podemos confiar em homens de caráter questionável em situações que envolvem ouro.

Dinah não tinha tempo para brincadeiras.

– Você trouxe o escudo? E o uniforme?

– Sim.

Wardley também tinha uma bolsa. Dela, ele tirou um escudo branco com o símbolo cinza de Paus cravado. Ele deslizou a armadura sobre a túnica cinza e abotoou a capa preta com um pequenino broche brilhante de Paus em seu ombro direito.

– Como estou? – ele sussurrou.

– Como uma Carta de Paus – Dinah respondeu – E eu?

– Como uma serva, só que mais limpinha.

Dinah escovou o cabelo rapidamente,

e então começou a empurrar os casacos para o canto da sala. Eles moveram os casacos, um por um, até que encontraram: uma pequena porta de madeira, camuflada estrategicamente na madeira à sua volta.

– Eu ainda não consigo acreditar que isso está aqui – Dinah sussurrou, passando suas mãos sobre as pequeninas frestas.

Wardley concordou.

– Foi assim que seu tataravô escapou do Grande Salão para encontrar sua amante Yurkei, uma serva do Rei. Os túneis do castelo são bem conhecidos entre as Cartas de Copas.

– Exceto entre as minhas – Dinah disse suavemente.

– Exceto as suas – Wardley respirou profundamente e empurrou a porta – Solte um gemido.

– O quê?

– Solte um gemido, bem alto.

Dinah fez como ele pediu.

– Isso irá satisfazê-los por um tempo. – Wardley riu – Vamos.

E eles entraram debaixo da porta.

A passagem, um tipo de corredor entre frestas das paredes de madeira, os levava diretamente até a pedra que daria no Grande Salão. Checando se o enorme salão estava vazio, eles passaram rapidamente pelos degraus até o trono. Dinah guiou Wardley para o estreito espaço na latrina de seu pai.

– É esse o caminho para os túneis?

Através da latrina?

Dinah não respondeu. Ela estava ocupada demais virando a tapeçaria. A última, um trabalho de arte elaborado representando a vitória de seu pai sobre Mundoo, o chefe dos Yurkeis, os encheu de sujeira e aranhas mortas, quando Dinah a recolocou no lugar. Ali, ali estava a porta, aquela que ela se lembrava daquele dia terrível quando Vittiore chegou e seu pai a apresentou com orgulho, como se fosse um prêmio. O dia em que Cheshire mostrou a ela o túnel e ela acidentalmente mudou seu caminho para além das grades do palácio.

A porta se abriu com um barulho alto. Eles escorregaram por ela, certificando-

se de que ela estaria destrancada. Dinah guiou Wardley para os túneis úmidos de pedra que corriam paralelos ao Grande Salão e, então, com uma queda repentina, para baixo dele. Os túneis estavam escuros e gelados, muito mais desagradáveis do que da última vez em que Dinah havia estado lá. A neve do inverno do País das Maravilhas transformou os túneis em longas e úmidas placas de pedra e lama congelada. Dinah observou sua respiração congelar e cair no chão, na frente deles, provocando um alto tilintar.

Wardley agarrou uma tocha da parede e a acendeu com seu isqueiro de pedra. Uma chama rosa dançou diante dele.

– Nós precisamos nos apressar. Você

poderia cair no sono aqui em baixo e nunca mais acordar. Esse frio é o suficiente… – sua voz foi sumindo, seus lábios ficando azuis.

Eles correram. O túnel se aprofundava e ficava cada vez mais frio, quanto mais longe eles iam na terra congelada. Em vários momentos, Dinah teve que voltar, tentando se lembrar de todas as voltas e reviravoltas que ela havia dado como uma garota histérica de quinze anos. Isso era quase impossível; ela estava tão profundamente magoada naquele dia, correndo cegamente pelas catacumbas ondulantes. Ela virou aqui, no estranho gato entalhado na parede? Ou foi ali, quando o túnel se separava em quatro corredores e depois voltava

para o mesmo lugar? Ela estava toda arrepiada dentro da capa.

– Nós deveríamos ter pegado mais camadas de roupa – Wardley sussurrou.

Eles estavam lá embaixo nos túneis há quase uma hora, de acordo com o relógio de bolso de Dinah, surrupiado de Harris facilmente no dia anterior.

– Já estamos chegando? Talvez devêssemos voltar.

Parecia estar mais escuro do que antes e, de repente, uma onda de pânico envolveu Dinah.

– Não tenho certeza. Está tão escuro aqui embaixo.

– E frio – Wardley acrescentou –, não se esqueça do frio.

Dinah mordeu os lábios enquanto

observava tudo ao seu redor.

– Está assim tão mais escuro porque estamos mais fundo embaixo da terra; a mesma razão de estar ficando mais frio. Segure a tocha mais perto do teto.

Ela olhou para cima e tracejou seus dedos na sujeira. Wardley segurou a tocha acima dela. A luz tremeluzia e pulava contra as raízes pretas brilhantes que corriam pelo comprimento do túnel. Vez ou outra, elas pulsavam discretamente, como se estivessem vivas, e pareciam se mover cada vez mais perto.

Dinah sorriu na escuridão.

– Raízes! Isso aconteceu na primeira vez: eu me lembro de pensar que elas se pareciam com ossos negros. Estamos

quase lá!

– Rezo para que esteja certa – Wardley murmurou, seus dentes batiam – Ou então vamos voltar e vou passar o resto do meu dia aquecendo meus dedos dos pés em uma fogueira, enquanto você me alimenta com tortas.

As paredes de pedra começaram a se estreitar; Dinah e Wardley ficaram de lado enquanto se espremiam através dela, seus rostos mergulhados em suor. Viraram uma esquina, e então outra, um labirinto de parede e terra praticamente invisíveis. Havia um declive e, de repente, eles estavam lá. O círculo de terra. A colisão das três passagens.

Wardley deixou um longo suspiro escapar e passou a tocha pelos

desenhos.

– Incrível. Isso é antigo, Dinah. Muito antigo. Ancestral.

Dinah passou os dedos pelo triângulo ondulado.

– Quando eu estava aqui embaixo da última vez, eu pensei que esse era um símbolo das Montanhas Yurkeis, mas está bem claro agora que são as Torres Negras.

Wardley envolveu suas mãos ao redor dos dedos dela com um aperto amigável.

– Você queria escapar do que seu pai tinha feito. Faz sentido que você quisesse que fosse das Montanhas Yurkeis, era qualquer lugar em que ele não estivesse.

Os olhos negros de Dinah brilharam

na escuridão.

– Você está com as correntes?

Wardley sacudiu sua bolsa. Dinah ouviu o ruído do metal contra o metal.

– Vamos, Princesa.

– Você não pode mais me chamar assim – Dinah respondeu enquanto se agachava sobre suas mãos e joelhos, e começava a rastejar através do túnel – Assim que entrarmos você pode me chamar de qualquer coisa além disso. Seja o mais cruel possível. – ela fez uma pausa para recuperar o fôlego – Reze para que esse seja o caminho das Torres Negras.

Wardley resmungou atrás dela:

– Estou rezando para que não seja.

O túnel inclinou para cima muito

íngreme, o ar se tornava estranhamente sufocante, quase úmido. A terra quente parecia gostosa debaixo das palmas das mãos congeladas de Dinah, quando eles começaram a subir.

Nove

Os joelhos de Dinah doeram quando ela se levantou novamente; subir uma encosta íngreme foi muito mais difícil do que ela havia imaginado. Lá na frente, uma luz vinha de um buraco estreito, no fim do túnel. Dinah colocou a cabeça para fora e deu um suspiro de alívio. O menor raio de luz de sol vazava de uma única janela velha, que parecia estar quilômetros acima dela. Eles haviam chegado a algum tipo de cilindro de pedra, e o túnel acabava ali. Ela olhou para baixo. O eixo quase

vertical acabava abruptamente, com uma queda acentuada em uma grande piscina de gelo. Wardley empurrou-a por trás.

– Pare, pare! Nós podemos cair! – Dinah sussurrou freneticamente. Ela deu uma olhada ao seu redor e encontrou o que estava procurando. Escadas irregulares levavam para cima e para longe da queda: dentes deformados que se espiralavam até o alto da parede, em um anel côncavo.

Wardley limpou seu rosto

– Aqui está mais quente.

Dinah olhou para o gelo:

– Não o suficiente; nós devemos estar em um buraco no chão. Há muitos deles no entorno das Torres.

Wardley foi primeiro, escalando por

cima de Dinah e se empurrando por sobre a parede.

– Fique perto da parede. Parte por parte. Eu vejo uma porta lá em cima. – ele fez um gesto para cima com o rosto. Dinah engoliu seco. Uma queda não o mataria, mas com certeza o deixaria bem machucado.

– Não olhe para baixo – ele instruiu Dinah. Ela olhou, seus olhos seguiram uma rachadura no gelo. Estava lá, enterrado até a cintura, congelado para sempre, um esqueleto. Seus dedos ossudos cavando o gelo, as marcas da garra em centímetros de profundidade. O grito em sua face estava marcado ali para todo o sempre, a mandíbula pendurada grotescamente de seu crânio.

Dinah se arrepiou toda.

– O que foi…?

Wardley pressionou seu corpo contra a parede:

– Feito de propósito? Sim. Eu te disse que as Torres Negras eram um lugar brutal. As Cartas de Paus encontram muitas maneiras de obter informações, e a maioria delas por meio da tortura.

– Então, esse homem…

– Então, esse homem provavelmente foi colocado aqui embaixo, na água, antes da neve chegar e foi forçado a observar enquanto tudo congelava ao seu redor. Eu posso adivinhar que ele está acorrentado lá em baixo, nos calcanhares.

Dinah o encarou, deixando a repulsa

passar pelo seu corpo. Ela estremeceu.

– Como pode ser que seja úmido e frio ao mesmo tempo aqui?

– São as Torres Negras.

Dinah encarou o esqueleto. Wardley, sempre muito cuidadoso, colocou os dedos no rosto de Dinah e virou sua cabeça.

– Olhe para o outro lado.

A excitação de terem encontrado o caminho através dos túneis diminuía com cada passo pensativo em direção à porta, sempre conscientes do chão congelado. Dinah ouviu o barulho dos enormes morcegos do País das Maravilhas, conhecidos por atacar os cavalos algumas vezes. *Não olhe para cima*, ela disse para si mesma,

pressionando-se mais fortemente contra a parede. *Não olhe para cima e não olhe para baixo, só fique parada.* Eles subiram em silêncio, até que alcançaram uma porta escurecida e em ruínas, corroída por mofo e fezes de morcego.

Wardley virou-se para Dinah, a chama rosa colorindo sua aparência sombria.

– É isso. Nós podemos voltar agora, mas, assim que passarmos por essa porta, teremos que terminar o que começamos.

Dinah olhou para a porta com um olhar férreo, seu estômago espumando de medo. O arrependimento começava a trilhar um caminho em sua mente. Mas, então, ela viu o bilhete, desenrolado em

seu pequeno frasco, e se lembrou do sentimento que tomou conta dela quando o leu, que a conspiração que se embrenhava no palácio do País das Maravilhas chegaria até ela em algum momento, independentemente do que fosse e se ela queria isso ou não. Ela olhou para Wardley, que tinha uma mecha de cabelo castanho solta em seu rosto suado.

– Faina Baker, as Torres Negras. É para lá que estamos indo.

O rosto dele mostrou-se desconcertado quando ele compreendeu que eles não voltariam.

– Como vossa Alteza desejar. Fique atrás de mim e, independentemente do que faça, pelo amor dos deuses do País

das Maravilhas, NÃO FALE. Você pode disfarçar seu rosto e suas vestes, mas você fala como a realeza, e isso não pode ser desfeito.

Wardley vasculhou sua mochila e prendeu as algemas de ferro nos pulsos de Dinah. Elas eram mais pesadas do que ela imaginara.

– Você está com aparência péssima. – ele a informou. Dinah tinha sido propositadamente descuidada enquanto caminhava e se arrastava pelos túneis. Seu vestido estava cheio de lama. Ela tinha fuligem da tocha em seu rosto e deixara seu cabelo limpo se arrastar pelas paredes dos túneis. Ela parecia uma plebeia, mais que uma plebeia, uma criminosa. Eles não estavam sozinhos

nos túneis, Wardley identificou fezes de rato e mangusto, e mais algumas coisas que ele não conhecia.

Dinah tremeu com o ar frio e úmido.

– Estou pronta.

Wardley pousou os olhos em seu rosto e Dinah viu o medo que era compatível com o dela.

– Nós permaneceremos juntos, não importa o que aconteça. Você trouxe sua coroa?

Dinah concordou e tocou sua bolsa.

– Só para o caso de as coisas darem errado. – ela envolveu suas mãos congelantes nas dele. As correntes deram uma leve balançada.

– Aqui vamos nós – disse Wardley. Ele deu um pesado grunhido, e a

corrente em seu pulso quebrou o antigo cadeado da porta. Caiu no chão com um som pesado e estridente. Juntos, eles respiraram fundo e entraram.

A mudança de temperatura foi imediata e severa. Se antes eles estavam congelando, agora Dinah estava coberta de suor. O ar era grosso, úmido e sujo. Pilares de fumaça negra subiam do chão abaixo deles. Eles pareciam estar em um grande casulo, uma torre negra espiralada, mais larga na base e se estreitando de forma consistente até o topo. Eles olhavam para fora e viam um largo abismo, cheio de correntes pesadas, que balançavam e se enrolavam a partir do cone. Dos dois lados, celas infinitas se esticavam,

embutidas na circunferência da torre, uma depois da outra, cada vez menores conforme iam mais alto. O cheiro não era humano, e Dinah arrotou bem alto, não conseguindo controlar-se, e outro seguiu-se, e outro. Urina, suor, dejetos humanos e sangue, tudo misturado no ar grosso.

Wardley se inclinou.

– Você vai ficar bem?

– Eu sou sua prisioneira! – Dinah o lembrou silenciosamente entre os dentes.

Wardley se endireitou.

– Certo! Então vamos! – ele deu um puxão em sua corrente e Dinah o seguiu, enquanto eles circulavam o caminho cada vez para mais alto na torre. Gritos altos de dor ecoavam de baixo, e Dinah

lutou contra o anseio de tapar as orelhas com as mãos. Wardley puxou sua corrente para que ela andasse mais perto dele.

– Eles torturam os prisioneiros no chão da torre, mas as celas menores estão no topo. Os piores criminosos ficam nas celas do topo, para que, no fim de suas sessões de tortura, eles tenham que se arrastar nas espirais até que possam descansar. – ele balançou a cabeça – A subida já é, sozinha, uma forma de tortura.

Os olhos de Dinah pousaram com pena em um homem velho em uma cela pela qual passaram, sentado no chão em sua própria sujeira, lambendo a parede preta e pegajosa. Ele se virou quando

eles passaram. Dinah deu um sorriso triste para ele por baixo do capuz. E, sem aviso, o homem pulou em sua direção de dentro da cela, conseguindo agarrar a ponta de sua capa. Ele a puxou violentamente contra as barras da grade, balançando sua cabeça para frente e para trás, enquanto a alcançava para apalpá-la.

– Copas, Copas, eu amo minhas Copas!

Dinah sentiu seu bafo apodrecido tomar seu rosto e lutou contra uma nova onda de náusea que subia. Wardley empunhou sua espada e a levantou sobre a mão retorcida do homem.

– Você a deixará ir ou perderá um membro hoje.

O prisioneiro riu na cara de Dinah:

– Perder um membro, perder um membro, todos iremos perder nossos membros e a cabeça hoje…

– Quizzer, solte esse prisioneiro! – uma voz bem alta explodiu atrás deles. O homem soltou Dinah com uma última sacudida de cabeça e mergulhou de volta em sua caverna, sussurrando:

– Eu a estarei observando, minha Rainha de olhos negros, eu estarei!

Dinah de um passo para trás, em choque. Eles viraram. Um homem gordo, maior do que seu pai, apareceu na frente deles. Seu uniforme de Paus, uma túnica pequena e branca sobreposta por um escudo cinza e uma capa de lã, mantida no lugar por um fecho de paus esticado

para caber sua enorme circunferência. O símbolo de Paus, em cima de seu escudo, estava rodeado por uma caveira muito maior. Ela havia visto esse símbolo em um livro uma vez ou duas; esse homem era um torturador. Dinah olhou para o chão. Ela sentiu um pequeno espasmo de medo passar pela mão de Wardley e através de suas correntes.

– Muito obrigado pela ajuda. Eu tenho que levar essa prostituta imunda para a Torre das Mulheres, mas acho que nós pegamos o caminho errado. Peço desculpas.

O grito arrepiante de um homem subiu circulando, seguido de uma súplica chorona. Uma lágrima caiu do olho de

Dinah, traçando uma linha limpa através da poeira em seu rosto. Sem nenhum aviso, o homem a alcançou e acertou seu rosto com força. O soco tirou o ar de Dinah e ela caiu no chão. Wardley parecia estarrecido, sem saber o que fazer.

– Quem é você para ter compaixão pelo homem? Ele não é mais um homem. Assim que você entra nas Torres Negras, se torna parte delas. Você pertence à torre e às Cartas de Paus. Você é a terra embaixo dos nossos pés, a sujeira em nossa privada, um escravo d a *árvore.* Não chore por aquele homem, pois ele merece o que tem. Seus gritos dizem que ele é grato pela justiça do Rei, grato por pagar sua dívida com

o País das Maravilhas. Logo os seus gritos dirão a mesma coisa.

Dinah encarou o chão.

– Aonde você disse que a estava levando, garoto?

– Para a Torre das Mulheres, sou novo aqui, acabei de ser transferido das Cartas de Copas.

O homem deu uma fungada cheia e cuspiu no chão.

– Você parece uma Carta de Copas com um rosto bonito. Fico feliz que tenha saído. Eles são um bando de bastardos fracos e ignorantes que amam se vangloriar por protegerem o Rei. E, em vez disso, passam suas vidas protegendo corredores de câmaras vazias e observando a família da corte

contando suas joias.

No chão, Dinah limpou o sangue de sua boca e pensou sobre o anel escondido no bolso de seu casaco. Contando, de fato.

– Bem, pelo menos você se juntou a um conjunto real de Cartas aqui. – ele deu um tapa nas costas – Você é jovem e forte. Vai se dar bem aqui, se você aprender a digerir o cheiro e os gritos. Eu sou Yoous, o torturador-chefe dessa torre.

Um som baixo, de pura agonia, flutuou do chão para cima. O guarda de Paus se inclinou para trás e fechou os olhos:

– Ah, eu me delicio com os gritos. Esse som significa que a justiça foi aceita e que o País das Maravilhas está

de volta em seu caminho, para o equilíbrio e a harmonia. Aprenda a amar os gritos, garoto.

Wardley concordou com seu rosto pálido. Dinah manteve a cabeça voltada para o chão. O prisioneiro que a tinha assustado tanto a encarava de dentro de sua cela, lambendo os lábios.

– Minha Rainha…

– Então, para onde eu levo essa aqui… esse prejuízo para a sociedade? – Wardley puxou suas correntes com força.

O Paus deu uma gargalhada:

– Você deve ser novo. Erinsten te mandou?

Wardley levantou os lábios com um ar de zombaria:

– E o Erinsten lá faz alguma coisa?

O homem riu e acariciou seu longo bigode.

– Isso é mesmo verdade. Ele não faz. Bem, ele devia ter te avisado que não há uma Torre das Mulheres. Todos os prisioneiros são presos de acordo com o crime cometido, e não o gênero. Essa é a ala dos assassinos. – o Paus começou a andar ao redor de Dinah – Você é uma assassina, minha pequena torta de amora? Quem você matou? Seu amante? Seus filhos? – ele empurrou o capuz de Dinah para trás e passou a mão por sua grossa trança negra – Cabelo brilhante para uma plebeia. Será que você era uma prostituta? Uma das prostitutas do Rei?

Wardley pressionou o dedo em sua testa e esfregou, como se estivesse se lembrando de algo.

– Erinsten disse que ela deve ficar alojada com Feena Boker, sim, acho que é esse o nome dela. Ou Fina?

O homem se afastou de Dinah com cuidado.

– Faina Baker?

Wardley estralou os dedos.

– Ah, sim, é isso, Faina.

– Faina Baker está aqui pelo crime de alta traição. Ela está na cela do topo da Sétima Torre. – ele espiou Dinah – Isso a torna pior do que qualquer homem nessa cela. Eu me manterei distante. – e inclinou-se para frente e passou os dedos pelo queixo de Dinah – O que

eles fazem naquela torre é pior do que a morte, pior do que qualquer tortura que praticamos aqui. Eu tenho pena de você, minha linda.

Wardley deu um puxão em Dinah e eles começaram a fazer o caminho de volta para baixo na espiral.

– Eu não iria por aí se fosse você. Nós acabamos de esfaquear um homem lá embaixo e você não quer ficar com as botas cheias de sangue. Peguem a Teia de Ferro. É melhor você se acostumar com isso. Paus usam a teia, ou então nós nunca veríamos o sol.

Yoous pegou em seus dentes com os grandes dedos pretos. Wardley deixou escapar um grunhido e começou a andar novamente para cima na espiral,

arrastando Dinah.

– Vocês estão indo pelo caminho errado. Oh, deuses. Aqui; entre por essa porta.

Ele andou por entre as duas celas, e um corredor pequeno e estreito se abriu diante deles. Levava para uma fina porta de metal.

– Não há cadeado? – Wardley perguntou desacreditando.

Yoous riu.

– Você acha que um prisioneiro tentaria escapar das Torres Negras? Sabendo que há ainda mais tortura se ele for pego? Não, ninguém tenta escapar. Além disso, eles escapariam somente para a Teia de Ferro, onde há sempre dúzias de Cartas passando ao longo do

dia. Isso ou caem para a morte. Eles não têm o sonho de escapar. Suas mentes se esgotam pelas próprias torres. – ele passou as mãos pela parede, preta e grossa, coberta com uma seiva grudenta – Você conhece a lenda das Torres Negras, menino?

Wardley conhecia, e Dinah também, mas ele apenas balançou a cabeça.

Yoous sentou-se no banco decrépito, suas pernas abertas na direção de Dinah, ela desviou o olhar.

– Eles dizem que as torres estavam aqui antes de qualquer um de nós, antes da propriedade do País das Maravilhas, antes mesmo das tribos Yurkeis chegarem. Elas sempre estiveram aqui, grandes raízes negras, torcidas em

espiral, exatamente sete delas. Quando os Yurkeis chegaram nessa terra, eles adoravam as torres e construíram casas ao redor delas. O tempo passou e as torres ficaram cada vez mais grossas até que se tornaram uma corpulenta árvore negra, mais forte do que aço, imune ao fogo e a machadadas. Nós esculpimos as portas onde haviam frestas nas raízes. Os Yurkeis a chamavam de *Meis'Yur* , que significa "A Velha Raiz". Eles a adoravam, mas, quando os primeiros habitantes do País das Maravilhas chegaram, eles viram a verdade, as Torres Negras eram malignas. Havia uma presença sinistra nelas, que os deixava doente, os enlouquecia, os deixava loucos para tocar sua seiva…

Você sabe o resto. Eventualmente, os habitantes do País das Maravilhas empurraram os Yurkeis de volta às montanhas, onde era o lugar deles, e construíram o palácio do País das Maravilhas e seus municípios. As Torres Negras são como um aviso para todos os habitantes daqui: quebre as leis, entre nas Torres. Séculos se passaram e o primeiro conjunto de Cartas de Paus construiu a Teia de Ferro.

– Mas se a madeira não pode ser penetrada… – Wardley começou.

– Sim, ela não pode ser. Os corredores de ferro são completamente autossuspensos. Eles foram feitos pelo Jackrey, o melhor arquiteto que o País

das Maravilhas já viu. Todos os corredores estão conectados, mas nenhum deles toca as torres. É como os Paus chegam de uma torre à outra, de cima a baixo. A menos que estejamos dentro, nesse caso, nós estaremos lá por outros… – ele olhou para Dinah. Ela manteve os olhos no chão. – Propósitos.

– E vocês não se preocupam se alguém escapar?

Yoous levantou e se esticou.

– Você se sente bem desde que está aqui garoto?

Wardley se encolheu, derrotado:

– Eu acho que não, eu me sinto… – Dinah podia vê-lo procurando pela palavra. Ele limpou a garganta – Desconfortável.

– São as torres. Está dentro de suas raízes; algum tipo de droga que esfumaça os sentidos e confunde a mente. A maioria dos prisioneiros aqui é louca, mas eles não chegaram assim. As raízes garantem que isso aconteça. – ele aumentou o tom – Eu não devo mais falar. O prisioneiro precisa ser lembrado do que são boas maneiras.

Ele começou a destrancar a cela de Quizzer. O pequeno homem deu um uivo e se afundou no fundo de sua cela, seus dedos cavavam a parede preta. Ela pingava uma mistura escura.

– Dê-me a árvore para a Rainha, dê-a para mim! – ele uivava.

Yoous o estapeou e ele caiu no chão com pouco esforço.

– Eu acho que um dedo ou dois vão te lembrar de não tocar em outro prisioneiro.

Dinah estremeceu e, sem pensar, virou-se para os ombros de Wardley. Ele era mais esperto e a empurrou para longe.

– Não encoste em mim – ele vociferou.

Yoous apontou para Dinah.

– Não sinta pena dele. Em uma semana você o estará invejando. As casas da Torre de Alta Traição são as piores. Perder alguns dedos não vai ser nada comparado com o que está guardado para você. Agora vá. Eu preciso derrubá-lo. – ele empurrou Quizzer para seus pés – ANDNDE! – ele

gritou.

Wardley não precisou que ele falasse duas vezes. Puxou a corrente de Dinah na direção da porta:

– Ééé, muito obrigado! – ele disse, sem conseguir esconder suas boas maneiras. – tudo que ele ouviu em resposta foi um grito sanguinário.

Sair das Torres Negras foi a coisa mais próxima do paraíso que Dinah já havia experimentado. O ar estava seco e gelado em seu rosto, e ela podia respirar sem ter medo de vomitar. Havia uma fresta de sessenta centímetros entre a porta e a passarela de ferro. Wardley a ajudou a passar pelo espaço. *Isso era bom,* Dinah pensou, já que se caísse ela morreria em seus braços fortes. Andar

pela Teia de Ferro era tão incrível e assustador quanto ela havia imaginado da varanda de seu quarto todos esses anos. Pedaços de ferro se curvando, pulando e se torcendo para diversas portas diferentes em cada torre. Os corredores iam para cima e para baixo, em espirais gentis, que, de repente, atiravam-se a céu aberto, antes de retornarem para o chão. Elas não o tocavam propriamente, mas subiam e, entre as torres, um corredor ia para o céu. Dinah lembrava vagamente de suas lições da infância sobre a Teia de Ferro – ela era feita de um único pedaço sólido de ferro, perfeitamente equilibrado ao redor das torres.

Se Dinah mantivesse os olhos

semicerrados, ela poderia ver todo o caminho para a primeira torre. Daqui, ela podia ver que a Teia de Ferro estava coberta pelos Paus em seus uniformes cinza-e-branco, cuidando de suas vidas. Eles pareciam insetos, verificando o chão e tudo ao redor, movendo-se sem medo a muitos quilômetros de altura no ar. Alguns carregavam uma papelada; outros, pilhas quentes de comida nem um pouco apetitosas ou penicos. Todos tinham o mesmo olhar depressivo e focado em suas faces. Dinah e Wardley observavam fascinados a facilidade que eles navegavam no que pareciam labirintos da teia.

– Vamos, nós estamos parados aqui há muito tempo. Vamos acabar

chamando a atenção das pessoas. – Wardley começou a guiá-la cuidadosamente para baixo, na direção da porta da torre – Rápido – ele disse firmemente.

Andando o mais rápido que podiam, amarrados pela corrente, eles saíram em um fino corredor de ferro, arqueado entre as duas torres. O chão ficava cada vez mais longe conforme eles seguiam o caminho tortuoso no céu aberto entre as grandes torres negras, cantarolando como urticária no sol inabalável de inverno. Eles escalaram em silêncio, vários Paus lançavam-lhes olhares estranhos quando eles passavam. Wardley pingava de suor, de tão nervoso que estava.

Estar do lado de fora das torres deu a Dinah a oportunidade de realmente conseguir olhá-las. A casca preta era brilhante na superfície; brilhava na luz do sol. Pequenas estrias marcavam cada faixa que ascendia para o céu e o contorno das raízes grossas entrelaçadas era praticamente invisível. *Posso imaginar porque os Yurkeis adoravam essas torres,* ela pensou, *elas realmente são uma maravilha colossal e terrível.* Também havia uma vista fantástica do corredor do Castelo do País das Maravilhas e eles pararam para olhar para seus aposentos.

– Nós estamos quase lá – Wardley sussurrou, trazendo-a de volta para a realidade – Vamos encontrar Faina

Baker, conseguir as respostas de que precisamos e, então, SAIR. Estou começando a me sentir mal com isso.

Dinah tentou esboçar um sorriso:

– Você sempre se sentiu mal com isso.

– Não sorria. – ele disse enfaticamente – Eu vou acabar ficando aqui por causa desse sorriso nessa sua cara boba.

Eles continuaram o caminho pelo ferro retorcido, até chegarem à Sétima Torre. Os dois pararam do lado de fora da porta: um enorme buraco nas raízes que alguém tinha preenchido com ferro.

– Respire o ar puro pela última vez – Dinah sussurrou.

Eles respiraram fundo e Wardley

empurrou a porta. A Sétima Torre não tinha um cheiro tão forte quanto o da Torre dos Assassinos, e Dinah estava grata por isso. Porém havia uma sensação completamente diferente nessa espiral negra – era sinistra, como se eles tivessem entrado nas profundidades do mal. A outra torre estava cheia de gritos e sangue, enquanto essa estava em um silêncio profundo. Havia uma malícia no ar, uma desesperança que permeava cada respiração. Eles haviam entrado na torre mais perto do chão dessa vez e, assim que seus olhos se acostumaram com a luz, Dinah percebeu a enorme sombra parada atrás deles. Ela se encolheu atrás de Wardley quando a sombra deu um passo adiante.

– O que vocês estão fazendo aqui na Torre da Traição? – ele perguntou, sem nenhum pingo de humor ou cordialidade. De repente Dinah sentiu falta de Yoous.

Wardley empurrou Dinah para frente.

– Nós fomos enviados para cá por Yoous, da Torre dos Assassinos. Temos negócios a tratar com a traidora Faina Baker. Minha prisioneira está aqui para extrair informações dela.

A Carta deu um passo adiante, na luz. Seu uniforme cinza-e-branco de Paus estava intocado e limpo, muito diferente das roupas e mãos escuras de Yoous. Esse guarda usava o capacete pontudo de Paus, suas pontas negras pairando como espinhos sobre suas bochechas. Havia uma espada monstruosa presa em

suas costas. Wardley, esguio e musculoso, de repente parecia uma criança magricela diante daquela enorme sombra.

O Paus concordou:

– Vocês não são os primeiros a tentarem extrair informações da Sra. Baker. Uma outra pessoa esteve aqui no começo da semana, rapaz magrelo.

Wardley limpou a garganta:

– Sim, isso foi esclarecido com Erinsten previamente.

O homem soltou um grunhido e começou a caminhar em direção ao meio da espiral. Ele girou.

– Vocês não vêm? Eu não tenho o dia todo para andar por aí com traidores e Cartas amadoras que não conhecem

como as coisas funcionam.

Wardley e Dinah o seguiram silenciosamente. Suspensa no meio da espiral mais alta estava uma plataforma, feita do mesmo ferro enrolado que a Teia de Ferro. Não havia nenhum anexo nos lados, por isso era completamente plana, exceto por algumas engrenagens e uma alavanca pulando para fora, no meio. Wardley segurou rapidamente nas correntes de Dinah enquanto eles pulavam para a plataforma. Ela balançou a céu aberto e Dinah agarrou o ombro de Wardley, para evitar ser lançada no vazio.

– Você parece próximo dessa prisioneira – reparou o guarda – Você está se aproveitando desse lado? Não há

nada de errado com isso. Há algumas garotas na Torre dos Ladrões que eu visito semanalmente. No começo elas reclamavam, mas agora elas gostam. Tira a mente delas da tortura, não que ela seja muito terrível naquela torre. Somente um dedo da mão ou do pé, de vez em quando. Mas elas não precisam de dedos para abrirem as pernas, não é?

Dinah podia ver a raiva inundando o rosto de Wardley. Ele se distraiu encarando o chão da torre. Estava descoberto.

– Aqui vocês não torturam?

O guarda os encarou irritado.

– O quanto familiarizado você está com essas torres? – seu olhar se estreitou – Eu nunca ouvi falar de você.

Wardley lhe deu um olhar exasperado.

– Eu também nunca ouvi falar de você. Mas tenho certeza de que Erinster ficaria feliz de saber dos seus prazeres saidinhos na Torre dos Ladrões.

Dinah podia ver uma incredulidade crescente nos olhos do guarda enquanto ele olhava para ela e para Wardley. Algo havia mudado. Ela moldou uma feição insana em seu rosto e, sem pensar, se lançou para cima do guarda. A plataforma tremeu violentamente. Ela conseguiu envolver os dois braços ao redor de seu pescoço antes que ele a empurrasse com uma força tremenda. Ela voou pelo ar e pousou no ferro, rolando para o lado, evitando

simplesmente cair na escuridão. A plataforma oscilou e balançou. Dinah se esgueirou nela e soltou um grunhido feroz baixinho, deixando saliva rolar em seus lábios vermelhos. Ela voou no guarda novamente. Wardley agarrou as correntes em sua cintura e a afundou no chão com força. Sangue jorrou dos cotovelos de Dinah, um borrifo vermelho brilhante contra o ferro negro. Ela se contorcia ao redor dos pés de Wardley,

– Controle-a! – a Carta de Paus gritou – Ela é louca! Ela vai derrubar a plataforma!

Wardley puxou Dinah para cima. Seus olhos castanhos encontraram os dela e Dinah viu um espanto desconcertado

dançar através de seu lindo rosto. O homem olhou para o outro lado enquanto seguia na direção do centro da plataforma, murmurando consigo mesmo sobre Cartas e prostitutas.

– Louca, como Faina Baker. Com alguma sorte elas vão se matar e nós não teremos que aturar esse constante fluxo de visitantes. – ele grunhiu para Wardley enquanto pegava uma corrente de metal muito grossa que estava pendurada no centro da plataforma – Segure em algo sólido.

Dinah envolveu seus dedos ao redor das espirais de ferro da plataforma. Wardley manteve uma de suas mãos segurando firmemente a corrente dela e a outra ao redor do punho de sua espada.

O homem soltou um grunhido alto e puxou a alavanca enferrujada para baixo, ela era mais grossa que o braço de Dinah. A plataforma estremeceu e, de repente, eles estavam girando para o topo da torre, as correntes chacoalhavam acima deles. Dinah viu flashes de luz e os corredores de dezenas de celas enquanto eles subiam, as paredes se estreitando cada vez mais conforme eles iam mais alto. Rodas de ferro gemiam contra as correntes de metal enquanto eles se aproximavam do alto.

O guarda usou seus pés para empurrar uma alavanca que estava parada contra o chão, e a plataforma parou com um salto violento. A náusea subiu do estômago de

Dinah e ela engasgou com o amargo da bile.

– A cela de Faina é a número 10/6. – ele olhou para Dinah novamente. Ela mordiscou seus dedos e o olhou com cautela – Seja breve. Assim que Cray a soltar de sua raiz, há somente um curto período de tempo durante o qual ela poderá falar antes que…

– Antes que…? – Wardley deu um bom pulo para fora da plataforma arrastando Dinah com ele. A plataforma balançou no ar vazio.

– Você verá, eu não quero estragar a surpresa. Cray! Faina tem mais visitas.

Um garoto magrelo saiu correndo de um túnel estreito, seus pés estavam pretos e descalços. Um antigo broche de

Carta estava abotoado em sua antiga túnica de Carta. O tecido estava tão gasto que Dinah podia ver as costelas do garoto enquanto ele respirava. Ele lhes deu um sorriso desdentado, antes de se inclinar na frente de Dinah.

Primeiro ela pensou que ele estava curvando-se, e uma onda de pânico a paralisou, mas então ele começou a tocar suas botas:

– Que belas botas nós temos aqui. Eu acredito que vou colocar minhas mãos nelas mais cedo ou mais tarde, se elas não forem roubadas.

Ela deu uma olhada em seu vestido e em suas botas marrons. Elas eram de uma classe baixa para os seus parâmetros, mas agora ela percebeu, em

uma onda de vergonha, que as roupas que ela havia escolhido para parecer pobre ainda eram mais ricas do que qualquer coisa que aquele garoto jamais tinha visto. Ele ficou parado e a encarou com curiosidade.

– Siga-me, moça. Não andem muito perto das celas. – ele deu uma risada – Claro, você conhecerá essas celas de perto o bastante, então provavelmente não importa se seus companheiros de torre a conhecerem um pouco melhor.

Wardley olhou para ele severamente.

– Leve-nos até Faina, Cray.

A espiral que os levava para cima ficava cada vez mais apertada, a ponto de Dinah sentir que ela estava girando em círculos. Olhar para baixo a deixava

tonta, mas olhar para cima era ainda pior. Conforme o teto pontudo da torre parecia estar cada vez mais perto, a madeira negra e brilhante roçava o topo do capuz de Dinah. Quando parecia que eles não poderiam ir mais alto, Cray pareceu dar um passo à direita na parede.

– Vocês, mendigos, não vêm?

Dinah percebeu que estava sendo guiada por Wardley através de uma pequena abertura na madeira. Raízes enroladas sobre suas cabeças, essa parte da torre parecia ter a estrutura menos sólida de todas. De vez em quando, um pequeno floco de neve encontrava o seu caminho, através das rachaduras na madeira. *É tão bonito*, Dinah pensou,

observando-o dissolver contra o chão preto. *Uma beleza tão delicada em um lugar tão terrível.* O cheiro não era tão forte aqui em cima, uma proeza auxiliada pelas lâminas finas de luz ofuscante que passavam sorrateiramente pela grossa madeira preta.

Cray puxou um enorme molho de chaves da parede.

– Ela está aqui em cima, eu só tenho que puxá-la para fora da árvore.

Diferentemente das celas mais baixas, essa, em particular, tinha uma grossa porta de ferro, entrelaçada com raízes negras oleosas. Alguém tinha pressionado tão forte e durante tanto tempo, que a imagem permaneceu. O estômago de Dinah deu um pulo violento

e as correntes que a prendiam sacudiram e saltaram. Cray encarou suas mãos por um momento e, então, voltou-se para a porta.

– Fiquem dentro dessa porta. Levará apenas alguns segundos para livrá-la da raiz.

Dez

Era bem difícil definir exatamente o que eles estavam vendo naquela luz sombria. A cela de Faina era escura, mas assim que os olhos de Dinah se acostumaram, ela podia ver uma pedra plana para dormir, um penico, e um tapete surrado no chão. Dali, os olhos de Dinah viajaram da parede para o rosto de Faina, enquanto ela lutava contra o horror que crescia dentro dela.

Faina estava pressionada contra a parede, firmemente segura por faixas de couro que passavam por seu abdômen e

peito. Ela girou contra eles, seus pés escorregavam em um fluido negro que pingava de cima. Pequeninos ramos de raízes negras se esgueiravam para fora da parede e para dentro da boca aberta de Faina, seu nariz e orelhas. Sobre todo seu corpo, as raízes negras circulavam e se enrolavam, movendo-se lentamente, deixando uma fina camada negra enquanto serpenteavam por toda parte. Dinah agarrou os braços de Wardley quando os ramos escorregaram pelo rosto de Faina.

Seus olhos estavam abertos, congelados de pânico, um pequeno gemido saiu de sua boca cheia de raízes negras. Cray caminhou devagar até ela e soltou as faixas de couro de seu corpo,

evitando, por pouco, as raízes que procuravam cuidadosamente sua mão.

A boca de Wardley se contorceu de raiva.

– O que você está fazendo com ela? Como você pode permitir isso? O que é...? – ele deu um passo adiante, esquecendo-se de si mesmo. Dinah podia ver que ele estava transtornado, com as mãos em sua espada. Esquecer o cavalheirismo e a honra não era uma coisa fácil. Dinah pulou para trás em sua corrente, e ele se lembrou de onde estavam.

Cray desacorrentou Faina e ela despencou para frente. As raízes se afastaram de seu corpo, saindo de seu nariz, boca e orelhas com um som úmido

nojento. Finalmente, as raízes se soltaram, e Faina Baker rolou como uma boneca velha em um chão sujo.

– Vocês a amarram na torre! Essa é a tortura para alta traição?

Cray deu um sorriso sujo e sem dentes.

– Ei! O que poderia ser pior do que estar conectado na fonte de veneno que corrompe as torres? As raízes se juntam à pele e, como você pôde ver, elas adoram uma abertura. Chega uma hora que o veneno cai diretamente no cérebro. Ele provoca alucinações, febre e, alguns dizem, a habilidade de ver além das torres. O futuro e o passado, e tudo que está no meio disso. As raízes fazem você se esquecer de quem é, e o

fazem esquecer que é humano. O que poderíamos fazer com esses criminosos que seria pior do que se esquecerem de quem são?

Ele riu e Dinah se imaginou silenciando-o com a palma de sua mão. Havia um leve contorno na parede onde Faina estava presa, uma raiz se contorcendo de volta para seu lugar. Uma névoa oleosa condensada na área em que estava a cabeça.

– Sejam rápidos – Cray disse.

Dinah deu um passo adiante. Faina Baker estava acabada. Seus braços estavam finos como palitos, e veias grossas e cinzas corriam por seu comprimento. As raízes deixaram uma sujeira preta por onde estavam passando

em seu rosto e corpo, como se ela tivesse sido queimada. O que antes eram olhos azuis e amáveis, agora estavam mergulhados em buracos obscuros numa face encovada.

– Meus deuses – Wardley murmurou para Cray –, como você consegue viver consigo mesmo?

Faina Baker era um esqueleto andante. Seu cabelo, um dia amarelo como o mel, agora estava tomado de branco, e seus lábios estavam pretos de sangue e marcas de mordidas. Faina Baker estava no chão, olhou para cima e viu Dinah, um fio de saliva escapava de sua boca e pingava no chão. Ela começou a cantar com uma voz incrivelmente bela, aguda e adorável,

suas lágrimas misturavam-se com o vibrar de sua cantoria.

– Vocês têm poucos minutos e só. – Cray andou em direção à porta.

Wardley deu uma cutucada que empurrou Dinah para frente, quando Cray bateu a porta da cela atrás deles. *Eu poderia ficar presa aqui para sempre,* pensou Dinah, em uma onda de pânico. *Eu nunca deveria ter vindo até aqui.* Ela se ajoelhou na lama na frente de Faina. A mulher continuava imóvel no chão, traçando corações partidos na terra com os dedos das mãos.

– Olá, Faina, meu nome é Dinah. Eu acho que ainda não nos conhecemos, mas, de alguma maneira, eu acredito que você tenha informações para mim.

Faina estendeu a mão e roçou os dedos escurecidos pelo rosto de Dinah, deixando duas trilhas. Seus olhos vagos olharam através dela.

– Eu te conheço – ela sussurrou – a Rainha, a Rainha. Você não é a Rainha, ainda não. Não perca a cabeça.

– Sou eu, eu recebi um bilhete para vir aqui e encontrá-la, vim conversar com VOCÊ. Quem é você?

Faina piscou algumas vezes e olhou diretamente para Dinah. Um momento de claridade acendeu seus olhos e as marcas negras deixadas pelas raízes desapareceram de sua pele. Estendeu os braços e agarrou os dedos de Dinah fortemente.

– Ela não é quem você pensa, ela é

uma boa garota, seja piedosa, por favor… aquela que você chama de Duquesa…

Vittiore? O coração de Dinah parou por um momento. *Isso tudo tinha a ver com Vittiore?*

– Você está falando de Vittiore?

– Ele veio durante a noite, com o cavalo do diabo e muitos homens. Ele estava procurando alguma coisa, procurando pelo amarelo e pelo azul, por algo que ele nunca teria novamente, algo que ele teve apenas uma vez. – sua voz se elevou em uma canção: – Ela era loira, loira como o sol na costa da praia – seus olhos se arregalaram –, a coroa errada espera por ela. As correntes irão se apertar em volta de seus braços e ela

irá dançar, ah, ela irá dançar por sua cabeça, correntes ao redor de seus pulsos, como raízes. Cachos em sangue, cachos em sangue…

A mulher não fazia nenhum sentido. Dinah lembrou-se de todas as vezes que teve de conversar com Charles. Ela pegou as mãos de Faina nas suas.

– Por favor tente não falar em enigmas, eu preciso que você lembre o que sabe.

Faina piscou:

– Você viu o meu bebê? Ela esteve aqui um dia, dentro de mim. Agora não há nada além de escuridão, as raízes; elas me mostram as coisas. Eu sei de coisas. Ela encontrará a morte embaixo das Copas, esmagada embaixo do

cavalo do diabo, assim como eu. O palácio da história dele irá quebrá-la.

– Ela está louca – Wardley sussurrou.

Faina levantou a cabeça para olhar para Wardley e lambeu os próprios lábios.

– Você deve ter enlouquecido – ela disse –, ou você não teria vindo até aqui.

Dinah puxou Faina, colocou-a de pé e a fez descansar na plataforma de pedra que servia como sua cama.

– O que você sabe? Eu preciso que me diga. Pense. Como você chegou até aqui?

O lábio inferior de Faina tremeu e lágrimas negras, que pareciam tinta, começaram a rolar pelo seu rosto.

– Nós não fizemos nada além de servir o País das Maravilhas, a nossa vida toda. Pegando mariscos e ostras para a mesa e o prazer do Rei. Eu vi a beleza de um pôr do sol impetuoso no Mar Ocidental nas conchas nas mãos de meu bebê. E então tudo se foi, em um *flash* de uma lâmina de prata. Tudo por causa de *você*. A cama fria da Rainha foi em vão, mas ela irá, ah sim, ela irá levantar como o sol, meu próprio solzinho… ela possuirá tudo o que você deseja.

Ela se inclinou contra Dinah, que segurou a respiração por conta da onda de náusea que a atravessava. Faina tinha o cheiro de algo que ela nunca conseguiria descrever, o cheiro da

própria torre, um mal ancestral, sujeira e morte.

– Por favor, Alteza! Não deixe que eles me amarrem na árvore. As raízes me mostram coisas, coisas horríveis, coisas maravilhosas… – começou a murmurar incoerentemente.

– Isso é Yurkei – Wardley sussurrou – Ela está falando em Yurkei!

Dinah ouviu com muita atenção, mas todas suas aulas de língua foram inúteis. O Yurkei que Faina estava falando era uma estranha mistura de sons e palavras aleatórias. O corpo de Faina deu um solavanco, e depois outro. Dinah segurou gentilmente a cabeça de Faina com suas mãos, enquanto ela se debatia na escuridão.

– Eu sei – murmurou –, eu sei que dói. Eu sei que é horrível não ter controle.

Ela se lembrou de Charles, como a sua mente era uma coisa selvagem e desconhecida, sempre vendo, mas nunca compartilhando, tentando, mas nunca conseguindo fazer uma conexão humana. Com um grito alto, o choque de Faina passou e ela deitou a cabeça no colo de Dinah. Seus olhos azuis brilhantes com uma nova claridade, sua voz estava firme, a loucura tinha recuado:

– Você tem que ir – sussurrou – Equilibre o mal. E, quando o momento chegar, não abra a porta marcada. Por favor! – ela agarrou os braços de Dinah, as longas unhas rasgando sua pele pálida – Por favor! Não preste atenção no

sangue dos segredos.

– O que você quer dizer? – Dinah ouviu um som fraco de marcha vindo de baixo. Os Paus estavam mudando de turno.

– É hora de sair, agora, nós temos que ir! – Wardley insistiu – Não teremos tanta sorte com os Paus que estão chegando.

Dinah pulou.

– Nós não podemos deixá-la aqui assim, eles irão amarrá-la na torre novamente.

– O que você achou que acontecia aqui nas torres? Chá e tortas? Essa não é uma escolha nossa! Ela é uma prisioneira aqui e você é a Princesa. Nós precisamos sair, não conseguiremos

mais nenhuma informação com ela.

Ele estava certo. Faina estava caminhando para o fundo da cela. Wardley enfiou a mão em seu cinturão e puxou uma pequena adaga, quase da largura de um dedo. Ele a colocou no chão e chutou-a na direção da mão escurecida de Faina.

– O que você está fazendo? – Dinah questionou.

– Uma boa ação – Wardley retrucou. Ele puxou Dinah pelos pés.

Ela se afastou dele e ajoelhou ao lado de Faina, cobrindo-a com uma capa.

– Eu voltarei por você – ela insistiu.

Faina fechou os olhos.

– Não dessa vez. Haverá um fim sanguinário para Faina, nenhum bebê em

seu seio. – ela olhou para cima para Dinah e um contentamento pacífico passou por suas feições – Oh, minha pobre Rainha. Seu coração vai influenciar suas decisões.

– CRAY! – Wardley gritou, batendo sua espada na fechadura – Abra essa cela de uma vez por todas.

Cray trotou, surgindo da escuridão e destrancando a porta com um sorriso.

– Conseguiram o que estavam querendo? Ela era bem bonita quando chegou aqui, não é muito mais agora que a árvore a pegou…

Wardley deu um tapa em seu rosto com a mão bem aberta.

– Um homem de verdade nunca precisa usar a força para conseguir isso.

Cray encarou Wardley com assombro enquanto passava.

– Vou te amarrar novamente, vamos, Faina.

– Você não pode deixá-la sozinha? – Dinah disparou.

– Não. Estamos seguindo ordens do próprio Rei para deixá-la amarrada do nascer ao pôr do sol. – Ele escorou Faina na parede com facilidade e colocou as faixas de couro sobre seu peito. As raízes começaram a se agitar e pulsar na parede.

– Até eu acho que é cruel. O máximo de tempo que vi um prisioneiro amarrado na torre foi uma hora por dia. E isso foi para Gray Vira-Casaca.

Gray Vira-Casaca era um assassino

mandado pelos Yurkeis. Ele chegou muito perto de matar o rei, mas sua falha mortal foi subestimar Cheshire. Depois de sua tentativa frustrada de envenená-lo, ele passou um mês nas torres, antes de ter sua cabeça cortada, que foi mandada, a cavalo, de volta para os Yurkeis. Cray apertou a bochecha magra de Faina entre seus dedos grudentos:

– Essa aqui deve ter feito algo além de horrível, mas faz sentido por causa do que ela estava falando quando chegou.

Dinah deu um passo para se aproximar mais um pouco de Cray.

– E o que era? – perguntou, com a voz baixa.

– Depende do que você pode me

oferecer, *Vossa Alteza*.

Dinah recuou como se tivesse levado um soco no peito.

– Eu posso ter sido criado nas Torres, mas eu não sou bobo – ele passou um braço ao redor do ombro de Dinah – ouvi dizer que a princesa era sem graça, mas você não é nem um pouco sem graça. Eu te acho bem impressionante. Olhe para esse queixo forte e esses olhos perigosos.

Dinah ouviu o barulho metálico de Wardley sacando sua espada. Cray sorriu e apontou o dedo para Wardley atrás de Dinah.

– Vocês nunca vão sair destas torres sem mim – ele riu – E tempo é essencial. O turno da noite está chegando e aqueles

Paus são duas vezes mais brutais e desconfiados. Eles vão sacar vocês em segundos.

Dinah agarrou o anel de ametista no bolso de seu vestido. A pedra era do tamanho de um ovo de codorna, ela o retirou devagar.

– Eu lhe ofereço isso se você me disser o que Faina dizia quando chegou aqui. E se nos tirar daqui vivos. Ele também comprará o seu silêncio. Ele vale cerca de dez anos do seu salário ou o suficiente para comprar um chalé na vila.

Os olhos de Cray se iluminaram, o reflexo da pedra brilhava em suas pupilas gananciosas.

– Sim, sim, eu lhe direi e vocês sairão

da torre inteiros, com certeza. Mas nós temos que sair agora. – ele leu os pensamentos de Dinah antes que ela pudesse abrir a boca – Nós não podemos levá-la. Não há esperanças para ela, as raízes envenenaram sua mente e seu corpo, e ela é mais árvore do que ela mesma nesse mundo. Além disso, todos os prisioneiros merecem sua punição.

Antes que Dinah pudesse se opor, Wardley a pegou pelos cotovelos e a arrastou em direção à porta. Cray bateu a porta da cela depois que eles saíram e a trancou. Dinah olhava triste para a cela enquanto Wardley a arrastava para o corredor. Faina olhou em seus olhos e, por um momento, ela viu o olhar

pacífico de exaustão que passava em seu rosto. Então, ela soltou um gemido de dor e se entregou para as raízes enroladas através de seu rosto. Uma risada maligna escapou de sua boca e os seguiu conforme eles corriam. Lágrimas quentes caíam pelo rosto de Dinah enquanto ela caminhava confusa atrás de Wardley. As correntes continuavam presas em seus pulsos e ela tentava duramente manter o equilíbrio enquanto eles seguiam Cray por um corredor escuro atrás do outro.

– Qual é o caminho mais rápido para a Teia de Ferro?

Cray apontou para dois níveis abaixo:

– Vê aquele atiçador de ferro pendurado ali? Entre as duas celas há

uma porta para a teia.

Os pés de Dinah voavam conforme ela descia as plataformas, espiralando cada vez mais para baixo. Os prisioneiros gritavam de suas celas, esticando suas mãos negras para agarrar Dinah. Cray apontou para uma corda esfarrapada no chão entre duas celas:

– Sigam a corda até saírem na Teia de Ferro, de lá vocês podem seguir sozinhos. Eu tenho que voltar para a cela de Faina antes que percebam que eu estive fora.

Com o canto do olho, Dinah viu Wardley girar, sua capa de Paus preta girando atrás dele. E, em um segundo, ele estava atrás de Cray com sua espada no pescoço pálido dele.

– Você nos dirá o que Faina disse, ou morrerá aqui, e eu posso lhe garantir que ninguém irá investigar como um covarde fraco perdeu todo o seu sangue.

Cray soltou um guincho:

– Ela não disse muita coisa, a maioria era loucura. Quando ela chegou, estava amordaçada, sim, estava! Quando tiramos ela só chorava e dizia: "Ela usará a coroa para manter sua cabeça! Ela usará a coroa para manter sua cabeça!".

Cray começou a choramingar em um tom alto. Alto demais. Wardley bateu o punho de sua espada na têmpora dele, e ele caiu no chão como um saco vazio.

– Coloque o anel no bolso dele. É mais seguro. Ele nunca irá dizer a

ninguém que foi tão facilmente vencido em sua própria prisão ou que foi chantageado. Covarde. – Wardley cuspiu em seu rosto e pegou o fim da corda. Felizmente Cray estava dizendo a verdade e a corda os guiou até a porta disforme, que se abria para o céu brilhante do País das Maravilhas. Movendo-se o mais rápido que podiam sem atrair atenção, Dinah e Wardley navegaram no caminho de volta à Torre dos Assassinos. Voltar pelo caminho que vieram demandava bastante escalada e recuos; muitas vezes, eles acabaram em um corredor de ferro que levava a uma torre diferente ou para o céu aberto.

– Uma armadilha para fujões –

Wardley murmurou enquanto eles se afastavam de uma enorme queda que acabava em um afloramento rochoso dentro das grades do castelo.

– Não, vamos por ali novamente.

Levou uma hora, mas eles finalmente conseguiram encontrar o caminho correto no labirinto e seguiram para uma porta baixa, que se abria para a Torre dos Assassinos. O cheiro dominou os sentidos de Dinah mais uma vez. Mas ela não teve tempo para vomitar. Eles estavam correndo para cima na espiral, para onde a porta esquecida os levaria até a piscina de gelo.

Eles podiam ouviu os Paus caminhando para cima na espiral, logo atrás deles. O próximo turno de Paus

estava chegando e, se eles não se apressassem, teriam que se explicar para um conjunto inteiro de Cartas. Dinah pensou na coroa em sua bolsa. Ela a usaria se precisasse.

– Ali, ali está a porta! – Wardley gritou, enquanto eles passavam voando pelas celas e penicos rançosos.

A mão de um prisioneiro agarrou o vestido de Dinah através das grades da cela e ela foi puxada e caiu. Caiu no chão, e o prisioneiro a puxou na direção da cela. Dinah deu um chute bem forte em suas mãos machucadas com o salto de sua bota.

Ela libertou o vestido, e o prisioneiro começou a gritar. Eles estavam praticamente na porta, quando Wardley

parou bruscamente e pulou para o lado em uma pequena fresta na parede, puxando Dinah com ele. Não era uma porta, na verdade era um depósito impossivelmente estreito para correntes e grampos. Os dois quase não cambiam ali e Dinah se encontrou pressionada contra a parede, com Wardley a envolvendo.

– Yoous – Wardley sussurrou no ouvido de Dinah – ele não pode nos ver, ou estamos perdidos. Nem sequer respire.

Não importava o alerta, Dinah não conseguia respirar de qualquer maneira. Uma única raiz negra, percebendo uma presença aberta, estava se enrolando na direção do tronco de Dinah, seus seios e

seu rosto. Algo na árvore a paralisou e ela podia apenas observar com horror como o delicado tentáculo alcançava sua boca e arranhava seu caminho para dentro dela, sufocando-a. Uma segunda raiz brotou e começou a entrar em suas narinas. Ela queria gritar para Wardley mas não conseguia. Dinah agora era parte da árvore e seria assim para sempre. Visões passaram por sua mente: cabeças decapitadas, crânios brancos, uma fumaça azul, florestas queimando, cogumelos pulsantes e sangue vermelho-vivo. E, então, ela estava caindo, caindo para frente, caindo em uma escuridão que era quente e reconfortante. O braço forte de Wardley a agarrou quando ela caía pra frente.

– Dinah, Dinah?

Ela abriu os olhos, ainda estava nas torres, ainda no espaço entre as celas. Wardley tinha uma raiz partida em uma das mãos e a espada em outra. Eles a observaram enquanto ela se enrolava e contorcia antes de desaparecer em cinzas. Wardley limpou suas mãos na túnica com nojo.

– A árvore… – ela murmurou.

– Você se escorou nela – Wardley repreendeu –, você a deixou tocar sua pele, o que estava pensando?

Dinah balançou a cabeça. As visões tinham ido embora, recuando em sua mente, já esquecidas.

– Yoous? – ela perguntou enquanto Wardley a observava.

– Ele passou, nós estamos somente um nível abaixo de onde precisamos estar. Você consegue andar?

Dinah esticou um pé para frente.

– Estou bem. – o desejo de escapar dessas torres da morte era demais. – Nós nunca deveríamos ter vindo até aqui, Wardley, eu sinto muito.

– Você deve mesmo sentir. – Wardley respondeu. Eles seguiram o caminho até a porta sem mais problemas, e Dinah ficou maravilhada em como ela estava escondida mesmo estando tão à vista, virtualmente indistinguível das raízes ao seu redor. A saída de emergência os esperou calmamente, a porta torta derramava um ar congelante na umidade das torres. Dinah nunca tivera uma visão

tão bem-vinda. Eles caminharam até a pedra, seus olhos treinados no esqueleto sentinela, para sempre congelado no gelo, para sempre observando as torres que o seguravam. Dinah deixou seus olhos brincarem nos buracos brancos em que um dia estiveram os olhos dele, e sobre os pedaços de pele cinza presos no gelo. Ela podia sentir a terrível visão sendo filtrada em sua memória, gravando seu olhar cego para sempre.

O pensamento a encheu de horror enquanto eles se moviam na direção do castelo pelos túneis embaixo da terra, escorregando através do túnel inclinado pelo qual haviam subido horas antes. Ela mal se lembrava do frio e da escuridão, Wardley guiava o caminho

com a tocha rosa brilhante, curva depois de curva. Eles correram silenciosamente pelo Grande Salão, encontrando o caminho de volta para a sala dos casacos, sem trocar uma palavra. Foi só quando Wardley começou a tirar seu vestido que Dinah piscou e percebeu onde eles estavam… e que eles estavam seguros.

Os lábios dela tremeram.

– Wardley, sinto muitíssimo, eu não sabia…

– Não sabia – Wardley retrucou –, mas eu tentei te dizer. Ninguém consegue te dizer nada, Dinah, nunca, porque você é a Princesa e você faz o que quer. Você não é diferente de seu pai nesse sentido.

Dinah rangeu os dentes.

– Isso não é verdade, né?

– Sim, obviamente. – ele tirou seu escudo de Cartas imundo e o colocou em sua bolsa – Nós dois estamos imundos, limpe seu rosto com as mãos.

Ele se afastou dela e Dinah sabia que a conversa tinha terminado. Ela limpou a sujeira, uma grossa camada, em um casaco vermelho-vivo no fundo da sala. O vermelho a lembrou a boca manchada de sangue de Faina, e de suas palavras enigmáticas. *Ela usará a coroa para manter sua cabeça.* Pena e vergonha correram por ela com tanta força que ela estremeceu enquanto colocava seu caro vestido de seda e seus sapatos cheios de joias, completamente perdida em seus pensamentos. As torres eram uma

mancha no País das Maravilhas, uma mancha de sangue, que se espalhava de suas terríveis raízes negras, e durante séculos a Família Real de Copas a usara para o mal. Elas não eram uma prisão normal, eram instrumentos de tortura, horror e maldições.

Enquanto ela levantava suas mãos para colocar a coroa vermelha de volta em sua cabeça, sentiu a primeira sensação de reconhecimento de *dever*. Ser a Rainha significava proteger seus súditos, mesmo que fossem de práticas da própria Família Real. As Torres eram o segredo terrível do País das Maravilhas, uma monstruosidade para todo o reino ver e nunca compreender.

E, quando ela se tornasse Rainha, iria

destruí-las, raiz por raiz.

Seus pensamentos foram interrompidos por Wardley, seu cabelo castanho espetado em todas as direções, e um vestígio de terra que permanecia em sua bochecha. Dinah abaixou a cabeça na frente dele.

– Me desculpe por pedir isso para você. Eu realmente não compreendia o que eu estava pedindo. – ela lambeu o dedo e o esfregou levemente em seu rosto forte, limpando a sujeira. – Eu nunca vou esquecer o que vi hoje.

Wardley balançou a cabeça.

– As Torres são uma monstruosidade. Eu ouvi rumores e histórias sobre elas toda a minha vida, mas nenhuma era tão terrível quanto… – ele pausou, e Dinah

viu seus olhos se encherem de lágrimas – Nós deveríamos tê-la trazido… Faina.

– Não podíamos – ela respondeu de maneira simples – Não teríamos conseguido sair a tempo e eles ficariam sabendo que estivemos lá. – Estava aprendendo rapidamente que, o que era certo e o que precisava acontecer, nem sempre eram a mesma coisa.

Dinah ouviu um barulho baixinho do lado de fora da porta, as Cartas com certeza estavam curiosas sobre a paixão suspeita que estava acontecendo dentro da sala dos casacos.

– Está na hora – ela disse.

– Nós não temos mais o anel – Wardley disse. Dinah virou a maçaneta da porta da sala dos casacos consciente

de que ela nunca mais seria a garota inocente que havia entrado ali horas antes.

Seus olhos estavam escuros quando ela virou.

– Eu cuidarei disso. Tenho um broche de safira que é duas vezes maior que o anel, nas minhas coisas. – seu rosto brilhava com determinação. A respiração de Wardley estava alta atrás dela quando a porta abriu, e ela viu o sorriso deformado aparecer no canto da boa de Roxs.

– Se divertiram, então?

Dinah limpou a garganta e seu sorriso desapareceu rapidamente.

Onze

Harris ficava insuportável quando encucava com a ideia de que Dinah tinha que aprender algo.

– Não, você está atrasada. Você está atrasada de novo. Você continua chegando atrasada.

Dinah empurrou seus livros da mesa com raiva. Eles caíram com um baque nos pés de Harris.

– Há coisas mais importantes para fazer do que ficar aqui sentada repetindo literalmente todas as maravilhas do País das Maravilhas. – ela cruzou os braços

magoada – Esse reino está desmoronando e eu estou olhando para fotos e recitando rimas, como uma criança.

Harris empurrou seus óculos.

– O que a leva a dizer que o reino está desmoronando, minha querida? A linhagem de Copas nunca esteve tão forte. Os súditos do reino amam o Rei, e...

Dinah o interrompeu:

– Eles não o amam, eles o temem. Há uma diferença nisso.

– O medo nem sempre é uma coisa ruim. Quando você for a Rainha deve buscar os dois. Essas são as coisas sobre as quais você deveria pensar. Logo você irá se tornar Rainha.

Dinah ajudou, a contragosto, o seu guardião a guardar os livros do chão e observou-o sentando de frente para ela, com suas espessas sobrancelhas brancas balançando com uma alegria enlouquecedora:

– Dinah, posso dizer uma coisa?

Dinah assentiu:

– Sim.

– Fazem parte de ser um bom governante a constante educação e o aprimoramento da mente. O passado deve determinar como você dará forma ao seu governo. Aprenda com os erros de seus antecessores, reúna conhecimento sobre a história da linhagem Real de Copas e conheça o terreno de suas terras, e como ele se

tornou o que é hoje. Agora diga-me, as maravilhas do País das Maravilhas são…

– Cortina do Céu, Floresta Retorcida Nono Oceano, Palácio do País das Maravilhas e as Montanhas Yurkeis. – Harris sentou-se, satisfeito – Você os conhece muito bem.

Dinah realmente os conhecia bem. Na verdade, ela estava estudando sobre a sua terra toda noite ao deitar. Nos dois meses passados desde sua aventura na prisão depravada do País das Maravilhas, Dinah estava lendo mais do que nunca, e noite adentro. Ela fazia de tudo para manter afastados os sonhos e as memórias das Torres Negras. Ainda assim, não importava o quão

mentalmente exausta ela ficava, seus últimos pensamentos, antes de dormir, eram o rosto sombrio de Faina Baker quando a raiz negra se enrolou na direção de sua boca.

Com mais frequência do que nunca, seus sonhos eram sombrios e loucos, não diferentes da própria torre, e ela acordava ensopada de suor e inundada de pânico, mordendo sua própria boca.

Embora seu estudo e aprendizado tivessem aumentado em dez vezes, sua paciência com as lições e a rotina diária deixou de existir. De repente, ela não conseguia suportar as longas apresentações, a formalidade da corte, as rotinas ridículas e as práticas que ocupavam mais da metade do dia. *Pelo*

amor dos deuses, ela pensava, tomando um gole de chá, *eu demoro mais ou menos duas horas para tomar café e me vestir. Tanta coisa poderia ser feita nesse tempo.*

E, como se Harris tivesse ouvido seus pensamentos, ele começou a recolher os livros e colocá-los novamente nas prateleiras alinhadas nas paredes de Dinah.

– Percebo que Vossa Majestade não está com humor para as lições hoje. Tem certeza de que não tem nada te incomodando? Você anda rabugenta e evasiva ultimamente, e esse não é um comportamento de princesa, especialmente com a sua coroação chegando nas próximas semanas.

Dinah simplesmente balançou a cabeça. Ela não podia contar para ninguém sobre o que tinha visto. Esse tipo de notícia com certeza mataria Harris, que havia diminuído o ritmo nos últimos anos. E ao mesmo tempo em que confiava em seu tutor, ela o amava também, e nunca poderia arrastá-lo para algo obscuro.

– Muito obrigada, Harris. Eu só estou cansada. E estou ansiosa para começar a governar.

– Não deseje isso antecipadamente, Majestade. Uma vez que você começar, irá ansiar pelos seus dias de criança novamente.

Eu nunca terei isso de novo, pensou Dinah, *não agora que eu já sei o que*

existe além do palácio. Dinah se levantou e esfregou a poeira para fora de seu vestido listrado de marrom.

– Acho que vou visitar o Charles essa manhã. Por favor, peça que os servos passem essa mensagem.

Harris bateu palmas.

– Essa parece ser uma ideia brilhante. Por favor, diga para Lucy e Quintrell que envio meus cumprimentos.

Dinah assentiu distraidamente enquanto brincava com um pequeno pássaro em seu cabelo. Emily andou para trás dela e prendeu-o firmemente na lateral de sua cabeça.

– Parece adorável, Minha Senhora.

Dinah fez um som estrondoso com sua garganta. Não importava o quanto ela

tentasse, nada poderia fazê-la se importar com a moda do País das Maravilhas.

Ela andava depressa pelo palácio. Em todo lugar que ia, seu ritmo agora era rápido, já que ela tinha duas Cartas de Copas seguindo todos os seus movimentos. *É assim que uma Rainha se sente*, ela disse para si mesma, *então é melhor eu me acostumar.* O clique-claque das botas atrás dela a lembrava, em cada passo, que ela nunca estava realmente sozinha.

Quintrell a estava esperando do lado de fora da porta de Charles.

– Minha Rainha – ele curvou-se.

– Ainda não – sorriu Dinah – Como ele está hoje? – perguntou.

– Estranhamente melancólico – ele respondeu, liberando as Cartas e conduzindo Dinah para dentro – Ele não tem sido ele mesmo na última semana. Ele está sempre sentindo-se desesperado, e Lucy o encontra, na maior parte do tempo, choramingando pelos cantos ou gritando com as paredes. Ele parece estar fascinado com escadas e sombras, embora seu trabalho seja focado somente no conceito de sombras, tudo em preto e com tons de cinza. É difícil para nós o vermos assim. Mas está resultando nos chapéus mais bonitos que eu já vi. – ele deixou um suspiro derrotado sair – O Chapeleiro Maluco nunca foi mais excepcional em seu talento, mas o nosso Charles está

estranhamente desconectado.

Dinah descansou sua mão em seus ombros.

– Obrigada por me contar. Eu sou muito grata por Charles ter servos tão amorosos.

– Espere até você ver o que ele fez para a sua coroação.

Um mês, Dinah pensou, *só mais um mês até que eu governe ao lado de meu pai.*

Os aposentos tortuosos de Charles estavam mais desarrumados do que o normal. Dinah caminhou por entre os chapéus no chão, chegando até os tornozelos, para alcançar a escada em que Charles sentava precariamente. Uma perna balançando no nada e ele parecia

intensamente focado em um dente que segurava em uma das mãos.

Dinah estremeceu.

– Olá, Charles, esse dente é seu?

Charles piscou várias vezes, seu olho verde encarando-a, enquanto o azul vagava na direita. Havia sangue em sua boca. Ela limpou gentilmente seus lábios com a manga de seu vestido e ele sorriu para ela.

– Dois dentes, demais para morder.

Ela balançou a cabeça. Ele deu um pulo e Dinah se firmou em uma grade de vime trançado, que estava acima dela.

Com os olhos bem abertos, ele a encarou:

– Você sabe o que as montanhas sussurrantes gritam? Elas clamam por

liberdade! E então é boa noite, boa noite, boa noite, todo o País das Maravilhas em uma pilha fumegante. – Charles arremessou seu dente e dançou escada abaixo na frente dela. Quando alcançaram o último degrau, seu rosto mudou de encantamento para histeria – O dente! Eu preciso dele, eu preciso dele, maldição, dente por dente.

Ele começou a procurá-lo freneticamente em uma pilha de chapéus, que voavam sobre suas cabeças, enquanto ele se jogava embaixo deles.

– Está aqui, Charles. – Dinah havia visto o dente pousar em uma pilha de penas. Ela o pegou e o esfregou com um tecido de seda da cor do nascer do sol.

Ele o arrebatou das mãos dela e o

segurou na frente da luz.

– Marfim. Osso. Textura preto no preto com dentes de diferentes animais. Um chapéu para uma horda. Um chapéu para um… – ele deu uma leve corridinha – Um guerreiro! Um homem que carrega cabeças em uma bolsa!

Ele envolveu suas mãos ao redor de Dinah. Isso a surpreendeu um pouco. Charles a deixava tocá-lo muito relutantemente às vezes, mas ele nunca tomava a iniciativa. Seus olhos perdidos encontraram os dela.

– Venha ver. Venha ver. – ele sussurrou, repetindo a frase várias vezes. Ele a guiou para baixo do labirinto das escadas em um pequeno quarto dos fundos. Aqui era onde ele

geralmente guardava botões de todos os tamanhos e formas, mas o quarto tinha sido limpo, e estava vazio. *Vazio, exceto por uma coroa.*

Estava em um banquinho de madeira e uma janela aberta filtrava exatamente luz suficiente para que ela brilhasse e cintilasse no sol. Dinah sentiu o ar desaparecer de seus pulmões. Era magnífico, uma peça de arte da mais alta qualidade, diferente de tudo que ela já havia visto. A base grossa era de prata, escovada com milhares de pequeninos diamantes brancos encrustados, todos em forma de coração. Ramos de árvores individuais nasciam dos corações, caindo e se enrolando em um segundo círculo sólido, que acabava no topo da

coroa. Os detalhes ficavam mais incríveis conforme Dinah olhava mais de perto. Os ramos, quando investigados, eram modelados em rostos pequenos, com suas bocas floridas abertas em um grito. Estrelas, cintilando na luz, pendiam das finas faixas de prata entre os ramos rastejantes. Os quatro símbolos das Cartas ligavam as vinhas dos lados da coroa com o topo, onde um coração de diamante estava encrustado com um pássaro levantando voo e brilhando na luz. O coração, ela podia ver, tinha sido cortado no meio e depois remontado, então ele estava um pouco oblíquo.

Ela perdeu a fala. Ela não era só dez vezes maior que a sua coroa, mas

também era dez vezes maior que a coroa de seu pai. Nada assim havia sido feito antes no País das Maravilhas, nunca. Era a coroa mais impressionante que ela já havia visto, uma combinação verdadeira de arte e habilidade. Ela resplandecia na luz do sol.

– Charles eu não posso aceitar. Isso é…

Ela olhou para seu irmão, ele estava parado, por um momento, e observando-a com uma tristeza curiosa. Ela lhe deu um beijo na testa. Ele fez uma careta.

– Muito obrigada. Eu irei usá-la todos os dias quando for Rainha.

Sua própria coroa, um pequeno anel de rubi, parecia patético em comparação com ela. Dinah se esticou para alcançar

o coração de diamante.

– Não! – Charles gritou, jogando-se no chão, onde começou a se debater. Seu corpo se contraiu e um espasmo percorreu suas pernas. Dinah ajoelhou no chão ao se lado, envolvendo seus braços em sua figura sofrida.

– Charles, respire. Charles, se acalme. Eu não irei tocá-la, ainda não.

Ela chamou Lucy e Quintrell voou do corredor. Seu rosto dissolvido em medo pelo pequeno príncipe.

– Segure-o bem apertado. Aqui, coloque isso em sua boca. – ele deu um pequeno bastão de madeira maciça a ela – Eu não quero que ele morda sua própria língua.

Dinah colocou gentilmente o bastão

na boca de Charles e o segurou até que o ataque passasse.

– Eu cuido dele – ela disse a Quintrell.

Ele deu um sorriso gentil.

– O que você achou de sua coroa?

Dinah olhou para ela novamente. Era muito bonita, mesmo vista de baixo.

– Eu não acredito que ele fez isso. Eu sabia que ele fazia alguns trabalhos com metal e pedras algumas vezes, mas isso…

– Ele está trabalhando nela há anos – Quintrell sussurrou – Nós não queríamos estragar a surpresa. O dia em que estiver em sua cabeça será um dia glorioso para nós, para Charles e para o País da Maravilhas. Eu tenho fé de que você

será uma ótima Rainha.

Dinah olhou para baixo e viu seu pequenino irmão, seu corpo tremendo debaixo de suas mãos. O braço de Dinah era pesado embaixo de sua espinha trêmula. *Duas crianças perdidas,* ela pensou, *esperando por uma mãe que nunca vai voltar.* Ela olhou dentro dos olhos de Charles e acariciou seus cabelos. Seu corpo se afrouxou no colo de Dinah, e ele finalmente ficou parado e quieto.

– A coroa devia ir para a cabeça dele – ela respondeu – Se ele não fosse louco, Charles seria o herdeiro, o Rei de Copas.

Quintrell derrubou sua enorme mão nos cabelos negros dela.

– Não era pra ser assim, Alteza. Posso pegá-lo?

Dinah balançou a cabeça.

– Não, eu vou ficar. Você se importaria de me trazer alguns travesseiros?

A pequena boca de Charles se abriu e fechou, enquanto seus olhos brilhavam sob as pálpebras pálidas. Sonhando com chapéus, ele suplicou. Chapéus, árvores e tortas. Ela aconchegou-se ao lado dele, sua cabeça oleosa descansando em seu ombro. Eles descansaram juntos, irmão e irmã; Charles finalmente dormiu profundamente depois que seu ataque passou, e Dinah observava a coroa, maravilhada, observando como a mudança de luz transformava a sua

aparência. Ela ficou com ele por algumas horas, até que Lucy entrou, colocando seu avental rendado.

– Dinah, Charles tem que ir para cama agora. Quintrell pode carregá-lo até lá. Após esses ataques, ele geralmente dorme durante dois dias. É quando ele realmente dorme, então nós nos aproveitamos disso, e tentamos organizar e limpar seus materiais e a sala. – ela olhou para a sala pequena e vazia – Pelo menos não temos mais que limpar esse quarto.

Dinah cuidadosamente tirou Charles de seu colo e deixou Quintrell o levar. Charles era tão magro que Quintrell podia niná-lo como uma criança.

– Eu voltarei no fim dessa semana –

Dinah disse, deslizando os seus pés nos chinelos de joias. Ela se inclinou para Charles e deu um beijo leve em sua testa, demorando-se em seu cheiro de pele não lavada, sol e tecido – E vejo você em breve – ela sussurrou. No caminho da saída ela roubou outra rápida olhada na coroa. O sol da tarde estava pesado, e os raios de luz radiante do País das Maravilhas ondulavam sua preciosa superfície. *Eu voltarei para você,* ela pensou.

Dinah caminhou depressa pelo corredor de pedra que serpenteava em torno dos Aposentos Reais. Um pássaro branco a seguia. Essas pequenas criaturas de bicos perfeitos corriam desenfreadas pelo castelo. Ela se virou

e o pegou em suas mãos. O pássaro deu um chiado surpreso e, então, se esfregou contra suas costelas. Dinah deixou seus dedos brincarem levemente em suas penas felpudas e macias enquanto caminhava. Sua mente vagava e pulava, relembrando de tudo o que Faina Baker disse e fez. Não era difícil. Dinah não esqueceria o que vira e ouvira nas Torres Negras, nunca, a beleza encovada de Faina, as intrigas infantis de Cray, a preguiça brutal de Yoous. Wardley não havia falado com Dinah desde então, e Dinah tinha medo do que ele poderia dizer. Com certeza, ele estava ressentido por ela o ter levado até lá, um lugar de pesadelos.

Sua mente continuava dando voltas

nas palavras de Faina. "*Ela irá usar a coroa para manter sua cabeça*". Ela estava, obviamente, falando de Dinah. Mas por que ela perderia sua cabeça? Ninguém ousaria matar alguém da Família Real, a não ser que fosse um assassino Yurkei, ou o próximo a assumir o trono na linhagem da família, mas seu pai tinha erradicado todos eles.

"*Ele veio no cavalo do diabo, procurando por algo que ele nunca teria nova*mente." Isso também não fazia sentido. Faina falou sobre o mar, mas seu pai lutou com os Yurkeis no leste, no alto das montanhas. Foi lá que ele concebeu Vittiore. E Cheshire, o sussurrador de segredos, ele também estava envolvido nisso, não que fosse

uma surpresa. Dinah sempre o detestou, e agora mais do que nunca ela tinha mais razões para certificar-se de que seus primeiros dias como Rainha de Copas fossem os últimos dias dele como conselheiro do Rei.

O pássaro soltou um outro chiado alto e se revirou nas mãos de Dinah. Ela olhou ao redor, surpresa. Ela estava caminhando sem destino há um tempo, perdida em seus próprios pensamentos. Agora ela estava na parte do Rei do castelo, o lado oeste dos Aposentos Reais. Dinah raramente se aventurava por ali, por medo de encontrar seu pai. Ela olhou para trás. Suas Cartas de Copas estavam atrás, parecendo entediados e irritados por ela ter andado

durante tanto tempo. Ela começou a andar novamente. *Deixe eles a seguirem*, ela pensou, *é o trabalho deles*. A luz de fim de tarde banhava o castelo com um adorável brilho dourado. Seus olhos se ergueram para uma janela de vidro vermelha, do tamanho de uma parede, e feita de centenas de pequeninos corações vermelhos. Quando o sol irradiava através das grandes nuvens, os corações pareciam estar vivos, um órgão pulsante com milhares de partes se movimentando. Ela suspirou. O palácio do País das Maravilhas era tão lindo, tão antigo. Algumas vezes ela esquecia como ele era adorável e como ela o amava.

– Dinah?

O som era tão suave que ela deu um pulo e derrubou o passarinho. Ele deu uma bicadinha irritada na canela de Dinah antes de sair pelo corredor. Vittiore estava parada atrás dela, com um vestido pêssego cheio de camadas em sua figura magrela. Seus cachos loiros estavam presos de um lado com uma rosa rosa-claro. As suas duas damas de companhia ao seu lado, como sempre. Elas usavam vestidos combinando, listras vermelhas e brancas e uma cobertura azul, como a cobertura de um bolo. Elas eram gêmeas idênticas, nascidas da Sra. Dee, uma senhora marcante da corte, que tinha grandes favores, grandes demais, Dinah

suspeitava, com o rei.

Os olhos de Dinah se estreitaram.

– Essa rosa era o grampo da minha mãe.

Vittiore levou as mãos até a cabeça, afobada.

– Sinto muito. Eu não…

Palma, a gêmea mais quieta, deu um passo adiante.

– O que a Duquesa usa não é do seu interesse. – ela deu um riso bobo que fez Dinah ranger os dentes – Não é como se você se importasse com a moda do País das Maravilhas. Sua mãe tinha uma noção de moda muito melhor do que você jamais terá.

Nanda, a segunda dama de companhia e a gêmea mais maldosa deu uma risada

irônica:

– Não culpe a Princesa, não é culpa dela. Emily não tem noção de como vestir as pessoas, ou do que uma dama deveria usar. Ela é baixa de nascimento, todos sabem.

Dinah cerrou os dentes.

– Não fale da Emily, ela é uma serva leal e uma dama de companhia mais do que boa. Eu demando mais dos meus servos do que simplesmente me vestirem como um pássaro felpudo.

Palma estreitou os olhos.

– Emily não é tão leal como você pensa.

– Quieta, Palma – Nanda disse bruscamente.

– Vocês duas, quietas agora. Vocês se

esquecem dos seus lugares. – Vittiore ordenou tranquilamente – Voltem para os meus aposentos e preparem um chá para mim e a princesa. Agora.

Palma e Nanda curvaram-se irritadas e correram para os aposentos de Vittiore, seus passos em perfeita sincronia. Dinah colocou as mãos nos quadris de suas vestes listradas, sentindo-se de repente bem franca.

– Eu não tenho nenhuma vontade de tomar chá. Eu lhe dou permissão para apreciá-lo com suas damas de companhia inúteis e fofoqueira. Adeus. – ela se virou para ir embora.

– Não, espere. Só uma xícara.

Dinah balançou a cabeça e encarou sua meia-irmã, a Duquesa do País das

Maravilhas. Elas nunca estiveram juntas sem o Rei, nenhuma vez desde que Vittiore tinha chegado. Dinah a evitava a todo custo, e ela presumiu que Vittiore fazia a mesma coisa. Elas nunca tinham as mesmas atividades agendadas, nem as refeições, nem as lições. Elas se encontravam ocasionalmente em bailes reais, jogos de críquete e mais assuntos tediosos do País das Maravilhas, como reuniões de conselho, mas somente algumas vezes no ano. Nesses momentos, Vittiore parecia tão entediada quanto Dinah, mas com uma insinuação de medo. Ela sempre foi delicada e amável, o que fazia Dinah se sentir muito dura e desajeitada, como um gigante perto da meira-irmã, mesmo nos

corredores cavernosos.

Vittiore gesticulou novamente atrás dela.

– Por favor, Alteza. Somente uma xícara comigo. Eu peço desculpas por Nanda e Palma. Eu prometo que a vista da minha varanda é muito bela.

Quando a rejeição se alinhou em sua língua, Dinah a mordeu de volta. Talvez ela tivesse alguma compreensão de o que Faina Baker estava murmurando sobre Vittiore. Ela, obviamente, tinha segredos a esconder. As divagações de Faina ainda estavam cheias de mistério e loucura enigmática, elas ainda eram um quebra-cabeças obscuro. Dinah teria que ser criativa para desvendar seu significado.

– Eu tomarei uma xícara de chá.

Vittiore tropeçou na ponta de seu vestido ao se virar.

– Hunf, eles são sempre tão compridos. Eu a levarei até lá.

– Eu sei muito bem onde é o seu aposento – Dinah retrucou – Era o da minha mãe.

Elas andaram em silêncio, os passos pesados das Cartas de Copas estavam atrás delas.

– Está um dia adorável lá fora, não é mesmo? Fico feliz em ver que a primavera finalmente chegou. – Vittiore sussurrou.

– Eu prefiro o inverno – Dinah respondeu secamente – Eu saboreio o ar fresco vindo de Troden.

Os cachos de Vittiore se estremeceram quando ela abriu a porta de seu aposento. O corredor de pedra dava para um lindo quarto iluminado. As janelas de Vittiore eram viradas para as Montanhas Ocidentais, que, ao longe, alcançavam o oceano. Diversas cidades pequenas do País das Maravilhas podiam ser vistas dessa janela. Dinah se maravilhou em silêncio com o quão diferente o quarto de Vittiore era do dela. O aposento de Dinah era cheio de estantes com livros do chão até o teto. Era largo e decorado com tesouros ancestrais, globos e pequenos modelos de navios, mas ela nunca o chamaria de adorável. Ele tinha sido feito para um homem, para o herdeiro de seu pai, o

que ele um dia sonhou ter.

O quarto de Vittiore era a exata definição de adorável. Era arejado e iluminado, bem diferente da última vez que Dinah o tinha visto, quando estava tudo sombrio, e envolvido em tecido preto, um sinal do luto por sua mãe. Agora, tecidos de tom pastel envolviam as paredes, movendo-se suavemente com a brisa. Toda a mobília era pintada de azul-claro, e os estofados eram de espirais brilhantes e cores bonitas. Um pavão branco desfilava orgulhosamente pelo quarto, bicando o pé de Dinah. Vittiore o pegou no colo.

– Esse é Gryphon. – ela acariciou o pássaro na cabeça. Ele tremeu de felicidade – Minha sala de chá é aqui,

perto da janela.

Sua mesa de chá rosa era pequenina, Dinah notou. Ela quase não tinha espaço para sentar na frente de Vittiore sem que seus cotovelos se tocassem. *Ela sempre deve tomar chá sozinha,* pensou, que bom que sua mesa de chá tinha espaço suficiente para caber Harris e Emily ao lado dela. Palma e Nanda rodeavam a mesa, observando todos os movimentos de Dinah, com suas sobrancelhas meticulosamente desenhadas e rostos pintados com cores vivas.

Vittiore notou a feição fechada de Dinah quando Palma colocou uma xícara transparente de chá.

– Eu e a Princesa tomaremos nosso chá sozinhas. Saiam.

– Mas… Alteza… – Palma insistiu – Nós sempre ficamos para o chá, e se a senhora precisar de alguma coisa?

– Está tudo bem, Palma.

– Mas, Alteza, e se a água acabar ou as tortas precisarem ser repostas, como nós a ouviremos? Eu realmente acho que é melhor ficarmos.

Dinah podia perceber pela interação que Vittiore tinha pouco controle sobre suas damas de companhia, era mais o contrário. Ela parecia temê-las. Dinah não estava surpresa. A família Dee era feita de escaladores sociais implacáveis, sua lealdade mudava com o vento.

Dinah estalou os dedos.

– Deixe-nos, AGORA. Se vocês não

vão ouvir a Duquesa, ouvirão a MIM, sua futura Rainha. Apressem-se.

Palma fez uma reverência e saiu da sala suspirando alto.

– Me desculpe, elas são muito superprotetoras. – Vittiore se desculpou.

– Isso não é da minha conta. – Dinah encolheu os ombros.

Houve uns momentos de silêncio. Dinah olhou para sua xícara. Uma vez que o vapor de água foi derramado sobre a flor roxa espinhosa, uma de suas pétalas laterais desenrolou, enchendo metade do copo com uma estranha pétala brilhante. Um pequeno fluxo de líquido vermelho foi derramado a partir do centro da flor, que matizou a xícara e as águas de escarlate.

– O que é isso? Eu nunca vi essa flor do chá.

Vittiore trouxe a xícara para os lábios e assoprou.

– Chama-se cardo sangrento, é um arbusto selvagem que cresce nas Montanhas Ocidentais. – ela apontou a cabeça para a janela – Torna-se um chá maravilhoso.

Dinah levou a xícara até os lábios. *Por favor não seja veneno*, ela pensou ao tomar um golinho tímido. O chá era delicioso, um sabor cítrico forte dançava em sua língua antes de começar um zumbido com um gosto de terra.

– É maravilhoso. – Dinah concordou, relutante. Ela levou a xícara aos lábios novamente, com uma facilidade casual –

Você conhece uma mulher chamada Faina Baker?

Vittiore engasgou com seu chá e derrubou sua xícara, que explodiu contra o prato. O chá vermelho-sangue derramou por seu vestido de pêssego, o vermelho espalhando-se camada a camada. Vittiore balbuciou:

– Ai, eu sou tão desastrada, sinto muito. Minhas mãos sempre tremem. – ela começou a limpar o chá da mesa. Dinah adicionou um guardanapo ao seu esforço. – Não, não, eu nunca ouvi esse nome. Por que a pergunta?

Dinah decidiu ser atrevida:

– É só um nome que eu ouvi por aí, sem querer.

A pele já pálida de Vittiore se

transformou em um tom branco pastel, mas ela pareceu recuperar a compostura.

– É uma tristeza, eu rezo por aqueles que estão presos nas Torres Negras, especialmente as mulheres.

Dinah arqueou a sobrancelha, ela não havia mencionado as Torres Negras, ou o fato de Faina ser uma prisioneira de lá. Vittiore estava claramente perturbada. Atrás de Dinah, uma porta bateu quando Nanda saiu da sala. Ela obviamente estava ouvindo a conversa.

Dinah misturou um pouco de açúcar no chá.

– Conte-me novamente, onde você cresceu? Acho que nós nunca conversamos desde que… – ela fez uma pausa – você chegou em nossa porta.

Vittiore respirou profundamente. Seus olhos miraram à esquerda.

– Eu nasci na Floresta Retorcida, na base das Montanhas Yurkeis. Nasci no começo de um outono. Nosso pai tinha acampado na vila durante a grande batalha contra os Yurkeis, conheceu minha mãe e eles caíram na luxúria.

– Enquanto ele ainda estava casado. Com a minha mãe. A Rainha.

Vittiore piscou.

– Sim, eu sinto muito. Eu esqueço isso às vezes. Não foi certo da parte dele ser infiel à sua mãe. Eu acredito que ele estava simplesmente procurando um conforto emocional nos braços de minha mãe, nada mais.

– E sua mãe? – Dinah perguntou.

Os olhos de Vittiore se encheram de lágrimas.

– Ela era uma mulher maravilhosa. Seu corpo combinava com sua natureza, suave e doce. Quando fui trazida para cá, aos treze anos, minha mãe tinha morrido há muito tempo. – a voz travou em sua garganta. Dinah esperou pacientemente que ela terminasse – Eu sou muito abençoada por ter um pai tão amável e gracioso, e também de ser incluída na linhagem real de Copas. Mesmo que minha mãe tenha nascido plebeia, nosso pai é um ótimo rei.

– Com certeza – Dinah concordou, sua mente estava muito agitada – Você sente falta das Montanhas Yurkeis?

– Às vezes. Elas eram tão grandes,

uma sombra permanente sobre a vila. Mas eu estou feliz de estar aqui agora, nesse palácio adorável. – sua mão tremia – Mas, para ser honesta, pode ser solitário. Eu visito o seu irmão, vez ou outra.

Dinah não conseguiu esconder o choque. Quintrell e Lucy nunca comentaram nada sobre Vittiore visitá-lo. Ela abaixou sua xícara com um tilintar, o pires embaixo trincou.

– Eu não sabia disso. Que motivo você poderia ter para ir visitar o meu irmão?

– Há uma inocência em Charles que me tranquiliza. Ele é maluco, mas também é genuíno. – ela olhou pela janela – Ele é tão diferente de todo

mundo aqui do palácio. Charles não tem motivações ou política. O seu mundo é de maravilhas, algo que a corte não concede quando fazemos parte dela.

Você não é parte da Família Real, Dinah pensou. *Não de verdade.*

– Você sente falta da sua mãe? – Vittiore indagou.

Dinah sentiu todo o ar ser sugado da sala de uma vez só. Ninguém nunca perguntara sobre sua mãe. Depois que ela morreu, foi como se Davianna nunca houvesse existido. Apenas Harris a mencionava de tempos em tempos. Dinah se sentiu impossibilitada de produzir uma resposta odiosa, não sobre isso.

– Eu penso em seu sorriso. Eu penso

em como ela sorria para si mesma quando fazia chinelos com joias. Eu lembro de como ela lia histórias para nós, com vozes e sotaques diferentes. E em como ela carregava Charles, feroz como mais ninguém, como se ele fosse feito de vidro.

Lágrimas se reuniram no canto dos olhos de Vittiore. Seu firme olhar azul a irritou, ela sentiu uma fúria crescer dentro dela.

– Por que você está perguntando sobre minha mãe? Ela não era nada para você, e ela nem soube que você existia. Você deveria estar grata por ela estar morta, ou então você nunca poderia vir até aqui; nem receber nada do meu pai, simplesmente por causa de nossa pena,

filha bastarda!

Vittiore se recusou a responder ao insulto de Dinah e simplesmente mudou de assunto:

– Eu posso imaginar como isso deve ser entristecedor para você. É realmente injusto. – ela suspirou e levantou da cadeira, com uma expressão vaga. Sua mente com certeza estava em outro lugar ao observar a vista de sua varanda – Você já esteve fora do palácio? Lá há uma beleza que você não poderia imaginar.

– Eu não tenho nenhuma vontade de sair – Dinah respondeu – Essa é minha casa, meu reino, meu palácio. Eu preciso ficar aqui.

Vittiore olhou para todo o quarto,

ansiosa. Dinah virou sua cabeça. Não havia ninguém lá, o que ela estava olhando? Dinah virou sua cabeça de volta e ficou surpresa ao encontrar Vittiore a centímetros de seu rosto. Ela puxou Dinah para perto. Seus lábios quase se encostavam, e ela podia sentir o hálito florido de Vittiore contra sua boca.

– Você deveria ir embora. Apenas vá, VÁ, o mais rápido que puder, – ela sussurrou com uma urgência sem fôlego – Há coisas acontecendo aqui que você jamais poderia compreender. Eu também não entendo, mas ouço os sussurros.

– Compreendo que você quer a minha coroa – Dinah sussurrou – não é isso que está acontecendo?

Um olhar de pura confusão cruzou a face de Vittiore.

– O quê?

As duas garotas pularam para longe uma da outra quando um alto *crack* veio do lado de fora da porta, que arrebentou-se e o Rei de Copas entrou a passos largos, com um olhar furioso em seu rosto ruborizado. Ele era seguido por seis Cartas de Copas, Nanda e Palma.

– Dinah! – ele trovejou – O que você está fazendo nos aposentos de Vittiore?

– Nós estamos apenas tomando chá. – Dinah balbuciou, de repente se sentindo muito pequena.

– Você não deveria estar tendo suas lições agora?

Dinah estava parada, tremendo. Suas pernas quase cederam, como sempre faziam na presença de seu pai. *Seja forte,* ela disse para si mesma, *você será a Rainha em breve.*

– Eu terminei minhas lições mais cedo. Visitei Charles essa manhã. Aparentemente Vittiore também anda visitando Charles. Posso perguntar qual foi a última vez que o senhor viu seu filho?

Seu pai atravessou o quarto em uma velocidade alarmante, sua enorme mão agarrou os braços de Dinah. Ele girou sua mão com força e a pele de Dinah queimou embaixo dela.

– Criança insolente! Não presuma que você tem o direito de me dizer como

lidar com a minha família. Eu irei visitar seu irmão quando o País das Maravilhas tiver um dia perfeito e tranquilo. Que não precise de um governante.

Dinah torceu o braço de sua mão e girou para encará-lo.

– Logo o senhor terá muito mais tempo em suas mãos, quando eu assumir o trono ao seu lado. Eu vou garantir que suas tardes sejam muito mais tranquilas.

Antes que o rei batesse sua mão fechada no rosto de Dinah, ela vislumbrou orgulho nos olhos dele. Ela era mais feroz do que ele imaginava. Mas isso foi apenas por um segundo, e então ela se esparramou no chão, com o lado esquerdo de seu rosto pulsando.

– Pai, PARE! – Vittiore implorou, seus

olhos azuis arregalados, em choque.

O Rei de Copas lançou um olhar com uma energia assassina para Vittiore.

– Querida, por favor, volte para o seu chá. Nanda e Palma irão ajudá-la. Dinah, volte para os seus aposentos. Nunca mais volte aqui. Você não tem nada para fazer aqui, além de distrair Vittiore de seus estudos. É típico de você servir como um bloqueio errante para todas as coisas boas. – o Rei curvou os dedos e duas Cartas de Copas se aproximaram. Ele apontou para Dinah e elas a puxaram rudemente pelo pé – Leve as duas embora daqui.

Nanda e Palma escoltaram uma Vittiore trêmula para o seu quarto de vestir, murmurando gentilmente em sua

orelha. O Rei apontou para Dinah, que havia empurrado os guardas e estava de pé tremendo em cima de seus próprios pés.

– Tenho certeza de que a Princesa tem muito a fazer antes da coroação no mês que vem. Por favor, certifique-se de que ela seja colocada sob os cuidados de Harris, e lembre-o de que sua tarefa é mantê-la na linha. – Dinah notou que isso era uma ameaça e não um pedido. O Rei se curvou para que pudesse olhar diretamente nos olhos negros de Dinah – Eu odiaria se algo acontecesse com Harris se ele não estivesse fazendo um bom trabalho ao educar a futura Rainha. Talvez um dos meus homens pessoais fosse mais adequado para a tarefa.

A boca de Dinah estremeceu.

– NÃO. Não, vou ficar longe de Vittiore, sempre fiquei. Eu não tenho a menor vontade de estar na presença de uma bastarda.

Dinah esperava sentir novamente as mãos do Rei em seu rosto, mas, em vez disso, ele deu uma risada malvada:

– Seu fogo me impressiona, criança. Sempre me impressionou. Fique na sua parte do castelo. Prepare-se para a coroação. Nos vemos no Dia da Execução.

O Rei girou, e sua capa vermelha circulou logo atrás, uma extravagante cor viva no quarto suave de Vittiore. Dinah se recompôs e deu uma última olhada para fora das janelas da meia-

irmã, enquanto as Cartas a acompanhavam até a porta. O sol estava se pondo agora, e o céu do País das Maravilhas era uma faixa de tons laranja brilhantes, suas linhas se esticando no horizonte. Um jardim de rosas rosa-choque havia começado a florescer nas floreiras de sua varanda. E, lá fora, os últimos flocos de neve cor-de-rosa cintilavam na luz minguante. Juntos, eles transformavam o mundo em uma mistura estonteante de fogo e luz.

Dinah suspirou enquanto a Carta de Copas conduzia-a até a porta. *Eu não estou mais próxima da verdade agora do que já estive antes,* ela pensou, *mas pelo menos eu não tenho dúvidas de que Vittiore tem alguma conexão com*

Faina. No teto acima dela, estrelas pratas pintadas brilhavam na luz diminuta. *Há tanta paz aqui,* pensou, *uma cama adorável para uma bela mentirosa.*

Doze

Um mês depois, a neve rosa era apenas uma memória, quando Dinah estava de pé no chão de lama esperando o começo das execuções. O Dia da Execução acontecia duas vezes ao ano no País das Maravilhas. O jardim ficava cheio de milhares de moradores da cidade e membros da corte. Cartas passeavam para cima e para baixo, com suas espadas como uma sutil dica de que a paz seria mantida. Duas fileiras de Espadas estavam em seus uniformes pretos, garantindo a distância entre a

realeza e as pessoas comuns. Faixas de corações vermelhos floresciam da plataforma, balançando na brisa quente de primavera.

O Dia da Execução costumava ser um de seus feriados favoritos, mas isso era antes de ela crescer o suficiente para compreendê-lo. As leis do País das Maravilhas determinavam que uma criança não podia assistir ao Dia da Execução até que tivesse dez anos. Até então, era apenas um dia de esbanjar, cheio de presentes e celebrações; um descanso de suas lições constantes.

Dinah e Wardley fugiam da cozinha com pratos de torta quentes, com geleia grudenta em seus dedos, açúcar no nariz e se saciavam até passarem mal. Quando

ela fez dez anos, seu pai ordenou que ela fosse às execuções, e Dinah ficou em choque por dias. Ela havia perdido sua mãe naquele ano e, ao ver a morte tão de perto e vividamente, passou muitas noites sem dormir e teve ataques de choro histérico. Não havia mais tortas, e nem mais fazer desenhos de açúcar na bochecha de Wardley.

Quanto mais execuções ela presenciava, mais duro seu coração se tornava. Agora ela nem vacilava quando as cabeças caiam finamente dos ombros na tigela de porcelana, algo de que ela realmente se orgulhava. *Uma rainha devia ter um estômago forte para a justiça*, ela raciocinou. Dinah ficou perfeitamente parada ao lado de Harris,

seu rosto livre de emoções quando seu terrível pai caminhou para a plataforma. O silêncio caiu sobre a multidão barulhenta enquanto todo o reino se curvava diante do Rei, que estava usando sua armadura impenetrável, que o fazia parecer com um urso, uma força a se reconhecer. Um coração negro marcado em seu enorme escudo de prata sobressaía orgulhosamente em seu peito. Sua pesada coroa de ouro brilhava na luz da tarde.

O Rei subiu as escadas, mas não antes que seu olhar encontrasse o de Dinah. Havia uma troca estranha entre eles, ele lançou um sorriso satisfeito para ela e Dinah, confusa e incapaz de controlar sua boca, sorriu de volta, *o que acabou*

de acontecer?, ela se preocupou. Ela não lembrava de seu pai sorrindo para ela, nunca. Ele se arrastou escada acima, suas pisadas de ferro ecoando pelo jardim.

Cartas de Copas se agrupavam em uma linha bagunçada na frente do palco, suas espadas seguras firmemente contra seus peitorais. Seu pai começou seu discurso de sempre, declarando os prisioneiros culpados e falando sobre a grande honra que eles proporcionavam ao País das Maravilhas ao permitirem que o reino cortasse suas cabeças, libertando, portanto, o mal que se escondia nos corações sombrios do Reino. Era um presente para todas as pessoas do País das Maravilhas, dado,

d e verdade, por ele, o Rei. Os prisioneiros eram escolhidos especificamente pelos Paus, de acordo com seus crimes hediondos, sua falta de remorso ou o nível geral de inutilidade para o Reino. A maioria deles era de assassinos, alguns invasores, outros ladrões, e outros eram mulheres que se vendiam para os homens por um preço alto. Todos eles moravam nas Torres Negras. *Isso já era punição suficiente*, Dinah pensou, *pior do que qualquer uma dessas pessoas ingênuas pode imaginar.*

Ele anunciou que o grupo de hoje era formado de quatorze prisioneiros, nove homens e cinco mulheres. A lista dos que seriam decapitados datava de anos

atrás, já que havia muitas pessoas no País das Maravilhas que mereciam a lâmina. Dinah estava nervosamente inquieta durante o discurso de seu pai, até que ela sentiu o cotovelo de Harris profundamente em seus quadris.

– Fica quieta, criança.

Ela focou sua atenção em Wardley, que estava parado em frente ao palco, ao lado de seus companheiros Cartas de Copas. Seu cabelo castanho cacheado havia sido raspado rente à sua cabeça, uma mudança que Dinah lamentava sempre que via. Ele parecia tão diferente, tão diferente daquele garoto que ela adorava, tão parecido com o homem que ele se tornaria. Até mesmo agora, ele estava parado entre as outras

Cartas, seu queixo forte apontando para o lado, seus olhos treinados, no Rei. Ele era confiante e tranquilo, o tipo de homem que poderia liderar um exército e arrebatar os corações das mulheres com facilidade.

Dinah olhou para sua mão direita e viu dois de seus dedos se cruzando e descruzando, um hábito que ele tinha quando estava nervoso. Um sorriso adorável se desenhava nos cantos da boca dela. Algum dia, ela esperava, ele seria o seu rei e governaria ao seu lado. Fortes e apaixonados, eles governariam o País das Maravilhas em uma nova era, começando com a destruição das Torres Negras. Dinah fechou o punho. *Raiz por raiz*, disse para si mesma, *isso seria*

feito, Wardley olhou em sua direção e ela lhe deu um pequeno sorriso; ele o reconheceu com uma piscada. Seu coração deu um pulo de felicidade.

O Rei agora finalmente estava na plataforma, olhando para um mar de vermelho. Todos usavam vermelho no Dia da Execução. Dinah refletiu que o sangue não era tão chocante quando todos já estavam cobertos de carmesim. Seu pai sentou o largo quadril no trono de ferro. Uma Carta de Paus se aproximou dele com uma folha de papel enrolada.

O rei a recolheu e concordou, e os dois ficaram parados e se dirigiram à multidão. Seu pai desenrolou o documento e, em sua cadência

explosiva, ele começou a ler os nomes dos condenados. Cada prisioneiro era trazido para frente quando seu nome era chamado; eles tomavam o seu lugar, coletivamente, em um longo bloco branco, descansando suas cabeças no mármore manchado.

– Jasper Che-guffe. Robinsor Thomas. Abbie Tibbs. Gayleen Skinner. Earthe Hicket. Faina Baker.

A cabeça de Dinah ergueu-se de repente. *Não, não, não, não*...

Seu pai continuou lendo os nomes, mas a visão de Dinah focou na pequena mulher loira que estava sendo arrastada para o bloco. Para sua surpresa, ela parecia muito melhor do que Dinah a vira nas torres – seu cabelo loiro sujo

ainda estava cheio de óleo e seus braços magrelos ainda tinham machucados, mas a loucura em seus olhos havia recuado, e ela claramente estivera comendo, pois tinha engordado um pouco. *Eles a tiraram da árvore,* Dinah percebeu, *era isso que estava diferente. Eles a engordaram para que ela parecesse uma prisioneira comum na frente da multidão.*

Faina se endireitou em sua corrente, forçando uma Carta de Paus a arrastar na direção do bloco. Sua boca estava ferida, e não era uma surpresa, considerando a mordaça de metal que estava envolvendo seu rosto e enfiada no meio de seus lábios ensanguentados. Ela lutava em vão, tentando

desesperadamente gritar, seus olhos direcionados para a Família real. A Carta que a levava deu um forte puxão na corrente, e Faina foi jogada para frente, caindo de joelhos na frente do comprido bloco branco. Dinah apertava e soltava suas mãos. Sentiu como se seu corpo tivesse sido mergulhado, de repente, em águas congelantes. Ela não conseguia tirar os olhos de Faina. O que ela poderia fazer?

Faina soluçou abafado e tentou se arrastar para a frente da plataforma, onde as Cartas de Copas esperavam pacientemente por ela com suas espadas. Seus olhos marejados estavam fixos em Dinah enquanto as Cartas a empurravam de volta para o bloco. Uma Carta de

Paus a puxou pelos cabelos.

– Feisty – o Rei gritou, e a multidão riu com ele.

Gritos guturais baixos podiam ser ouvidos através de sua mordaça de metal. Dinah estava tomada por pânico. Ela deveria tentar colocar um fim em tudo isso? Que razão ela poderia dar? Ela olhou na direção de Wardley, ele estava pálido e abalado, encarando Faina enquanto o guarda a esbofeteava e a segurava contra o bloco, apoiando-se em sua face com toda sua força.

Dinah agarrou o casaco de Harris.

– Eu gostaria de clamar piedade por aquela mulher, a pequenina.

Harris olhou de volta para ela, alarmado.

– Por quê? Você conhece essa mulher?

Dinah balançou a cabeça.

– Não, mas olhe para ela, Harris; ela parece uma criminosa? Alguém capaz de cometer um assassinato?

Ele balançou a cabeça.

– Você não ouviu as acusações? Aquela mulher assassinou um escudeiro de Paus nas torres na semana passada, um jovem garoto.

Oh, deus, a faca! Dinah falava rápido, frenética:

– Mas a lista de espera para o Dia da Execução ainda está nos prisioneiros de três anos atrás, não é?

Harris rapidamente envolveu seu braço gordinho ao redor da cintura de

Dinah e aproximou sua boca do cabelo escuro da garota.

– Não aborreça o Rei, minha criança, não no Dia da Execução, você não quer que ele ache que está tentando tomar o trono antecipadamente. Não há nada que você possa fazer. Ela está no bloco por causa do assassinato e não tenho dúvidas de que seu crime foi horrível, ou então ela não estaria aqui. Somente os piores criminosos são executados, e os Paus têm boas razões para enviá-los para a morte. Confie na justiça do Rei. Um dia, quando você for a Rainha, poderá ter piedade de quem quiser.

Ela o empurrou para longe.

– Isso não é justiça – ela retrucou.

Ela sentiu-se em uma armadilha, um

gato em uma jaula, assistindo o cabelo sujo de Faina Baker pingar no mármore branco. Faina estava chorando e engasgando em sua mordaça, e ela continuava jogando os braços para frente, como se estivesse tentando abraçar a multidão. A multidão, em retorno, murmurava sua aprovação. Eles adoravam um bom show, e essa mulher louca e determinada a não morrer estava dando um a eles. Ela tinha o olhar de uma besta louca, seu desespero era palpável e real. Dinah deu um passo em direção ao Rei quando Harris prendeu suas mãos ao redor de sua cintura.

– NÃO. Você vai nos colocar em risco.

Dinah parou, ele estava certo. Ela não

podia arriscar enfurecer o Rei com sua coroação tão próxima. Seu pai percebeu sua comoção com Harris pelo canto dos olhos. Ele levantou sua espada de Copas na direção de Dinah e depois a apontou para Faina. Foi um movimento rápido e sutil, mas Dinah o compreendeu no mesmo instante.

Esse era o seu castigo. *Ele sabia, oh céus, ele sabia.* Ele sabia que ela havia estado nas Torres Negras, sabia que Dinah havia falado com a prisioneira.

Faina se virou e girou contra as correntes, seus olhos nunca deixando a primeira fileira. O Rei pegou sua espada de Copas e andou na direção dos prisioneiros, vendo cada um e olhando dentro de seus olhos. Ele parou na frente

de Faina, disse algo baixinho em sua orelha e continuou. Após ter caminhado para cima e para baixo pelo longo bloco branco, ele se direcionou para a Carta de Paus.

A multidão estava agitada. Esse era o momento pelo qual eles estavam esperando e não havia dúvidas de que dinheiro havia sido trocado rapidamente depois que os prisioneiros foram apresentados. Apostar na misericórdia do Rei era uma prática comum. A Carta deu um passo adiante e limpou a garganta:

– O REI, EM TODA SUA GLÓRIA JUSTIÇA, DECIDIU USAR SUA MISERICÓR NESSE DIA ESSES PRISIONEIROS QU DESCANSAM SUAS CABEÇAS NO BLOCO S ABENÇOADOS, ESCOLHIDOS PA

EXEMPLIFICAR A JUSTIÇA DO PAÍS D
MARAVILHAS, DAS TORRES NEGRAS, D
CARTAS DE PAUS E DA LINHAGEM REAL
COPAS. POR CAUSA DE SUA NATUREZ
GENEROSA, O REI ESCOLHE UM PRISIONE
QUE TERÁ SUA MISERICÓRDIA EM TODO DIA
DE EXECUÇÃO. NESTE ANO, A
MISERICÓRDIA É DADA A ROBINS
THOMAS, POR SEU CRIME DE ROUBO.

Uma comemoração tempestuosa explodiu daqueles plebeus que haviam apostado em Thomas. Um homem ruivo e bonito, vestido em trapos, foi desacorrentado da fila e levado para longe, mas não antes de cair aos pés do Rei, choramingando e trilhando a boca sobre suas botas.

Dinah sabia o que aconteceria com ele depois que saísse: ele seria alimentado, banhado e, então, treinado

como um Espadas, para lutar e matar. O barulho da multidão crescera até se tornar ensurdecedor quando Robinson saía da plataforma.

– Cortem as cabeças! – bradou uma voz estridente vinda do fundo do jardim.

– Cortem as cabeças! Cortem as cabeças! – a multidão ecoou, cada vez mais alto, até que o próprio chão murmurava o som.

O Rei fez um sinal com sua espada de Copas e o carrasco deu um passo adiante. Dinah fechou os olhos por uma fração de segundos, repetindo para si mesma o que sempre dizia nos Dias de Execução: *a vida era assim mesmo: dada e tirada, e esses eram os criminosos que mereciam a sentença.*

Ela não seria como as pessoas comuns que apreciavam observar a queda do machado, o jorro do sangue vermelho. Mas ela também não seria como as mulheres da realeza, que desviavam o olhar e cobriam os rostos com seus lenços com um suspiro soluçante. Ela era a filha de seu pai, que não fugia das consequências da vida. Sangue era apenas sangue.

Mas, ao abrir os olhos novamente, ela viu apenas Faina. Ela havia parado de se debater e agora encarava a multidão, receptiva. Uma calma pacífica vinha em seu rosto, enquanto as lágrimas pingavam em suas bochechas e, depois, no bloco de marfim. Ela havia se acertado com a morte. Os outros

prisioneiros não estavam passando tão bem, eles gritavam ou rezavam.

Dinah sentiu as próprias lágrimas vazarem de seus olhos, e as limpou rapidamente com seu casaco vermelho. *Meu pai não verá minhas lágrimas,* pensou, *eu não darei a ele o que ele deseja no dia de hoje.* Uma fúria tomou conta de seu peito, quente como uma chama.

O carrasco levantou sua espada dupla e a primeira cabeça caiu. Então a segunda e assim por diante na linha, até que a espada pairou sobre Faina. Um sangue escuro pingava da lâmina em seu rosto pálido, uma lágrima negra, que se misturava com as dela.

Eu nunca saberei da verdade, pensou

Dinah, *nunca saberei por que razão comi um pedaço de papel com o nome dela escrito. Ela não me contou o suficiente: as Torres roubaram minhas respostas.*

Faina sorriu para Dinah e, por um momento, Dinah viu o quão incrivelmente bonita ela deve ter sido um dia. A espada caiu com uma lufada, e a cabeça de Faina caiu rapidamente para longe de seu corpo. Agora, uma cachoeira escarlate cobria o bloco onde sua cabeça estivera há segundos. Dinah não teve nem tempo de reagir por conta do movimento à sua direita. Vittiore havia caído de cara na lama do outro lado de Harris, aterrissando no chão com um baque violento.

Dinah observava com um silêncio atordoado até que percebeu o que estava acontecendo e, então, deu alguns passos em sua direção, tentando girá-la. Seu corpo se agitava contra o de Dinah. A multidão engasgou. Mesmo Vittiore sendo leve, o seu peso morto era demais. Com um grunhido, Dinah a girou, afundando os joelhos profundamente na lama. Vittiore espalhava-se dramaticamente em seu colo, seu vestido branco contornando Dinah como ondas espirais. Nanda e Palma estavam a circulando como pássaros imbecis, chorando e gritando, mas sem fazer nada de verdade.

Dinah olhou para a Duquesa. A raiva passou por seu corpo por ter Vittiore tão

próxima, uma bochecha rosa e pálida em seus braços, cachos loiros caíam debaixo de seus seios, mas ela ainda a segurava. A Família Real não podia parecer desestruturada, mesmo quando suas bases estavam despedaçadas. A lama tinha, de alguma maneira, coberto exatamente metade do rosto perfeito de Vittiore, que era branco como porcelana. Dinah lembrou que Vittiore nunca esteve presente no Dia da Execução, sempre afirmando estar com febre ou com uma dor de cabeça inesperada. Ela nunca tinha visto as cabeças rolarem, algo que Dinah havia presenciado muitas vezes.

Ela notou um movimento com o canto dos olhos: Wardley estava correndo em

sua direção para ajudar Vittiore, e o resto das Cartas de Copas o estavam seguindo. Espectadores e lordes levantavam suas mãos preocupados com a Duquesa, e a multidão os observava com um êxtase de fascinação. *Essa cena é macabra*, Dinah pensou. A rosa brilhante do País das Maravilhas sendo acolhida pelo espinho obscuro que se tornaria a Rainha.

Dinah bateu forte, com sua mão aberta, no rosto de Vittiore:

– Acorde, bastarda!

Os olhos azul-claros de Vittiore abriram em um arquejo:

– Dinah? – ela disse, soando mais patética do que parecia – Ele prometeu, ele prometeu… – seus olhos

encontraram o olhar de Dinah diretamente – Eu usarei a coroa para manter a cabeça dela.

E, então, ela desmaiou friamente de novo. Dinah deixou que ela caísse na lama com um baque. De repente, todos estavam em cima deles. Vittiore foi puxada dos braços de Dinah por Wardley, que a ninou como uma criança e a carregou para o castelo, sendo seguido por Palma, Nanda e uma dúzia de Cartas de Copas.

Harris ajudou Dinah a se levantar:

– Minha dama, esse ato com certeza foi muito corajoso e generoso da sua parte.

Harris parecia deliciado com o cuidado inesperado de Dinah com

Vittiore. Ele sempre desejou que elas fossem amigas, uma ideia que Dinah rejeitava tão veementemente que ele só falava sobre isso uma vez no ano. Dinah olhou para baixo com nojo.

A veste vermelha, que parecia tão adorável momentos atrás, agora estava cheia de lama e fios de cabelo loiro. Ela olhou para cima, encarando seu pai. Ele a encarava de volta. Seus olhos azuis pareciam chamuscar através de sua pele e ossos, e ela sentiu um ódio fervente irradiando da plataforma.

– Vamos continuar com as execuções – declarou – Sinto muito por minha filha, ela é uma flor delicada e gentil, que pensa nos necessitados. As mulheres, por causa de sua natureza, têm

um coração fraco e sensível, mas o Rei nunca deixará de cumprir a justiça!

A torcida feroz da multidão invadiu Dinah, enquanto ela assistia atordoada e em silêncio seu pai ordenando que as espadas continuassem o trabalho de novo e de novo nos outros prisioneiros, até que restasse apenas um balcão cheio de sangue, e um céu azul e limpo acima deles como testemunha. Ela desejava fechar os olhos, mas os manteve abertos, encarando vagamente os procedimentos com aquelas formas sem cabeça.

Mais tarde, ela voltaria para o castelo para o banquete e o baile, que faziam parte do Dia da Execução. Ela comeria aves assadas com todas as especiarias que se possa imaginar, e dançaria com

os solteiros mais interessantes do País das Maravilhas, enquanto seu pai a observava, e ela tentaria sorrir e ser graciosa quando os membros da corte tentassem ganhar favores futuros com bajulação. Ela falaria da coroação que está chegando, da justiça do Rei, das roupas que as mulheres da corte estavam usando nesse mês, e dos últimos chapéus de seu irmão.

As conversas eram superficiais, bobas e bem fáceis de fingir, ela havia aprendido há muito tempo como conversar com todo o salão sem ter que pensar uma vez que fosse. Mas a sua mente nunca deixaria o bloco de decaptação, sua consciência sussurrando que ela era culpada pela morte de uma

mulher inocente.

Mais tarde, naquela noite, quando as festividades terminaram, e tudo já estava escuro e calmo, Dinah dispensou Harris e Emily e se enterrou embaixo de suas cobertas quentinhas. O choro violento a deixou fisicamente exausta e entorpecida, e ela caiu no sono rapidamente. E assim seriam as próximas semanas, Dinah flutuando em uma névoa vazia de pensamentos perturbadores e tarefas sem sentido. Ela tirou medidas para suas vestes de rainha, foi instruída com os procedimentos e tradições da coroação e ouviu murmúrios de várias damas e Cartas. As Joias Reais foram enviadas para que ela escolhesse e ela deixou

Emily fazer isso por ela. O sol nascia e ia embora, os dias desaparecendo no céu se transformando na noite, e Dinah ainda não conseguia despertar de seu torpor.

A coroação pairava um pouco além do seu alcance, algo com o que ela sonhou a vida toda, mas, agora, encontrava-se cada vez mais distante de tudo e de todos. Dinah estava perplexa com o fato de que o momento que deveria ser o mais excitante de sua vida, na verdade a fazia sentir nada além de um medo torturante e um imenso mal-estar. Mesmo que, ao provar seu vestido da coroação, uma monstruosidade vermelha e branca, Harris ficasse trepidando de alegria ao seu lado, Dinah

olhava no espelho e via Faina a encarando. Seus livros foram empacotados e enviados para a Biblioteca Real, e seus aposentos ficaram prontos para serem de uma rainha.

Todos os minutos do dia eram ocupados em rodadas de comidas, dança e jogos de críquete, mas Dinah nunca estava feliz até que mergulhasse profundamente nas cobertas à noite e dormisse um sono sem sonhos, no qual ela não veria nem sangue nem torres. Acordar, dormir, nada disso importava.

Em uma semana ela seria a Rainha, mas tudo o que Dinah conseguia sentir era a culpa, como uma pedra pesada, pressionando seu coração muito

fortemente, e ficava mais pesada a cada dia. Ela se entregava ao sono, grata, noite após noite, enquanto as estrelas rodopiavam no céu acima dela.

Treze

Dinah sentiu uma pena em seu cabelo.

Não, não era uma pena. Era um toque, um inseto? Uma mão?

A princesa deu um salto em sua cama com um solavanco, respirando pesadamente. Ela olhou ao seu redor no quarto. Não havia nada, nada além de suas cortinas se mexendo com a brisa fresca. Fechou os olhos, desejando que o medo fosse embora.

Volte a dormir, disse a si mesma, *não*

é nada.

Sua coluna vibrou com o medo. Ela abriu os olhos novamente. E de novo nada, nada além de uma figura sem rosto com uma capa e capuz pretos parada ao lado dela.

Dinah deixou um grito aterrorizante escapar e uma mão fechou sua boca violentamente, luvas negras estavam contra os seus lábios. Seu coração batia acelerado em seu peito, e ela podia sentir a força subindo por seus membros. Dinah lutava ferozmente, suas mãos atacavam, suas unhas arranhavam o rosto do estranho, e suas pernas debatiam-se. Por fim, jogou seu corpo para frente, arrastando a pessoa em suas próprias costas enquanto deitava de

bruços na cama.

Eles lutavam e o estranho usava toda a sua força para manter as mãos na boca de Dinah. Ela gritava nas mãos abertas e sugou o couro preto em sua boca. A boca do estranho se aproximou de sua testa e o sussurro preencheu seu ouvido.

– Fique quieta agora, pare. Não grite, não dê nenhum pio. Confie que eu não estou aqui para te machucar, Princesa. Você precisa confiar em mim, precisa muito; não há tempo para explicações. Eu poderia ter cortado sua garganta umas cinco vezes até agora, e mesmo assim não fiz isso. Também não te esfaqueei enquanto você dormia. Eu não estou aqui para te machucar. Agora, você ficará em silêncio?

Dinah concordou e parou de lutar, o estranho retirou gentilmente as mãos de sua boca. Dinah mordeu os lábios e deu uma cotovelada em seu rosto, sentindo o osso duro encontrar a carne. O homem soltou um rugido abafado e Dinah se atirou para fora da plataforma de sua cama. Ela caiu com força no chão, e o ar saiu de seus pulmões. Forçando-se a respirar, ela se agitou freneticamente para pegar algo que ela sabia que estava embaixo da cama, algo que havia sido colocado ali há muito tempo, e finalmente sua mão encostou em um cabo enferrujado.

Com um puxão rápido, Dinah puxou debaixo da cama uma das espadas antigas que Wardley usava para treinar e

apontou para o agressor. Seu coração se contraía tão rapidamente que Dinah ficou com medo de explodir. Sua boca se abriu e fechou em uma tentativa frustrada de falar algo. As palavras saíram rapidamente, intercaladas com lufadas de ar:

– Quem é você? Não se aproxime ou eu te matarei. Diga-me agora, eu ordeno!

O estranho de preto balançou a cabeça, a voz estava abafada embaixo do tecido preto. Ele claramente estava tentando disfarçar a voz também. Dinah não reconheceu quem falava.

– Eu não posso lhe contar, não esta noite. Chegará o momento em que você terá todas as respostas que está buscando, eu prometo. Mas agora você

precisa me ouvir, escute-me como você nunca fez antes. Fui eu que te mandei à Faina Baker.

Dinah segurava a espada paralisada, apontando para o peito do estranho. Estrelas negras começaram a se formar em sua visão. Ela precisava respirar. A figura se moveu em um círculo mecânico ao redor da cama.

– Não se aproxime – Dinah retrucou – Não me toque novamente.

– Não tocarei, Alteza. Não desejo machucá-la, você não tem muito tempo.

Ele parou por tempo suficiente para Dinah sentir sua mão tremer ao redor do punho da espada.

– Perdoe a minha grosseria. Queria muito que houvesse outra maneira de te

contar, mas isso precisa ser feito. Seu irmão está morto, e o Rei planeja dizer a todo o reino que foi você que o matou, que você o matou porque temia que ele roubasse a coroa que você obviamente deseja.

Dinah perdeu todos os sentidos de seu corpo. Ela não tinha uma mente para processar seus pensamentos, nem um corpo para controlar. Ela estava entorpecida. Somente sua língua funcionava:

– Você está mentindo! Você está MENTIND o! – Seu grito ecoou no aposento vazio.

– Sinto muito, Majestade, mas é uma verdade devastadora. Realmente me machuca contar isso dessa maneira. O

seu irmão está morto, mas você vive. Deixe-me elaborar melhor: faça o que eu digo e você poderá continuar viva. Eu trouxe uma bolsa com tudo que você pode precisar. Pegue-a e saia do castelo, saia imediatamente.

Dinah notou um saco de pano nos pés do estranho.

Ela não conseguia processar o que estava acontecendo.

– Charles está morto? Pelas mãos de quem?

O estranho ignorou a pergunta.

– Não conte para ninguém para onde está indo. Os seus servos devem continuar desconhecendo a verdade, para a segurança deles mesmos. Eu deixei os dois inconscientes, estão

dormindo profundamente e em segurança no quarto ao lado. – o estranho cambaleou na direção de Dinah, estava ficando cada vez mais agitado – Princesa, você está parada na minha frente quando deveria estar se mexendo. Você pode fugir ou morrer, essa escolha é sua, seu pai não vai esperar pelo Dia da Execução para cortar sua cabeça.

Dinah olhou para ele, incrédula.

– Meu pai? Meu pai não faria nada para me machucar, nem machucar Charles.

– Sua ignorância é impressionante, Princesa. Seu pai deseja matá-la. Ele não vai dividir a coroa com você, ou com mais ninguém.

– Charles, meu irmão…

– Está morto. O Rei o matou. – a voz respondeu categoricamente. – O Chapeleiro Maluco não canta mais. Com certeza você sentirá a dor de perdê-lo mais tarde, mas agora precisa agir. Nós estamos à frente do plano do Rei esta noite, mas não muito, talvez uma hora. Minha Rainha, é hora de ir.

O tempo parecia ter parado e Dinah permanecia parada na escuridão. Abaixou lentamente a espada de suas mãos. Ela sentiu o cheiro doce das árvores Jullas voando através da janela aberta e encarou o xale de Emily preguiçosamente drapeado em sua cômoda. A luz brilhante da lua do País das Maravilhas atravessava as janelas da varanda, delineando o estranho como

se ele fosse feito de pedra.

– Eu não posso… Eu não… Eu tenho que ser a Rainha.

– E, mesmo assim, se não fugir essa noite, você irá morrer.

Algo de definitivo na voz do estranho rasgou Dinah violentamente e a trouxe para o presente. Dinah correu para o armário, pegando seu casaco de lã mais pesado e os chinelos favoritos de sua mãe. O casaco cinza se abotoou facilmente sobre as suas longas vestes de dormir. Ela puxou o capuz em seu cabelo enrolado e pegou a bolsa do chão. Tudo estava despedaçando enquanto ela tentava manter a linha; ela não conseguia pensar direito. Amarrou a espada enferrujada de Wardley de

maneira que cruzasse o seu ombro. O estranho permanecia congelado na frente da janela.

– O tempo está passando, Princesa. Tic-tac. Você precisa ir.

Ela se agarrou no batente da porta para manter o equilíbrio e percebeu que essa seria a última vez que veria esse quarto. Sua voz tremeu enquanto lágrimas brotavam de seus olhos. Seu irmão. Morto? Não podia ser verdade.

– Como posso saber se posso confiar em você? Por que eu deveria acreditar em qualquer coisa que você me disse?

A figura se voltou para a varanda.

– Se você esperar muito mais tempo não precisará perguntar. Há muitas pessoas no castelo com tarefas

perigosas. A minha era vê-la coroada. Mas hoje é vê-la sobreviver. Eu rezo para que nos encontremos novamente.

Ele girou e apontou para a porta.

– CORRA, agora! Vá direto para fora do castelo, não pare por nada nem ninguém. Se alguém tentar te parar, MATE-O.

Dinah pulou para a porta, lágrimas corriam livremente por seu rosto. Os largos corredores de pedra ficavam um breu durante à noite, iluminados somente por algumas tochas e a luz da lua correndo através das janelas de vidro.

Dinah correu pelas alcovas e escadas, fazendo de tudo para abafar os soluços pesados que rasgavam seu peito violentamente. Quase instantaneamente,

ela pôde perceber que algo estava errado, o palácio estava estranhamente quieto. Geralmente Cartas de Copas ficavam paradas do lado de fora de cada apartamento e escada do castelo, mas agora só haviam portas abertas... e nenhuma Carta podia ser avistada.

Enquanto atravessava os corredores sombrios, Dinah pensou que o estranho estava dizendo a verdade sobre *alguma coisa.* As próprias paredes ondulavam com a tensão; havia um desconforto no ar. O próprio palácio do País das Maravilhas parecia ferver em agitação. Dinah corria em disparada no escuro, não via nada e tinha uma vaga ideia sobre onde estava indo. Ela podia ver o rosto de seu irmão, seus olhos verde e

azul observando-a com pura adoração. *Charles*. *Charles*.

Seus pulmões queimavam com o esforço da corrida, a bolsa saltava para fora de seus quadris e a espada estava firme em seus ombros. Ela virou uma esquina e derrapou até conseguir parar, quando dois Espadas bêbados passeavam em um corredor à sua frente. Não havia onde se esconder, ela estava no meio de um corredor largo. Dinah congelou, certa de que os guardas conseguiriam ouvir seu coração batendo forte em seu peito, sua respiração alta e o som das lágrimas escorrendo em seu rosto.

Uma eternidade se passou enquanto eles passavam por ela, seus olhos

concentrados no caminho adiante, e o barulho de suas risadas balançando as paredes. A partir dali, Dinah se agarrou às paredes, permanecendo nas sombras enquanto se movia pelo palácio, seu rosto roçava em grossas teias e aranhas apressadas. O aposento de Charles era no canto sudeste do castelo, e Dinah estava sem fôlego ao chegar ao corredor que levava até seu átrio. Tremendo, colocou a bolsa no chão e se escondeu atrás de uma estátua de Stern Ravier, a melhor Carta de Paus que já existiu, morto em uma batalha contra os Yurkeis.

Ela espiou de trás dos músculos das pernas da estátua. Duas Cartas de Copas estavam paradas na frente da porta aberta de Charles. O vento soprava pelo

corredor, e a porta resistia a ele. Ela se apoiou na estátua, seu coração vibrando com o pânico. *O que Wardley faria? Ele daria um jeito de mandá-los embora,* pensou, *mas se eu tentar isso, pode ser que o meu sangue seja derramado.* Dinah desamarrou a bolsa. Dentro dela haviam algumas peças de roupas, fatias de pão e o que parecia uma coleção aleatória de alguns itens. Ela balançou a cabeça. Havia uma estranha engenhoca de metal no fundo da bolsa, parecia um tipo de catraca com rodas, partes que se moviam e um sifão. Isso serviria. Dinah fechou os olhos, fez uma oração silenciosa e arremessou-o para o corredor com toda a sua força. Pousou com um barulho alto de metal,

que ricocheteou para cima e para baixo nas paredes do castelo. As Cartas de Copas, muito bem treinadas, nem hesitaram. Sacaram as espadas e correram na direção o som.

Dinah jogou o casaco por cima de si mesma e escapou silenciosamente para dentro do apartamento de Charles. Tudo estava quieto. O quarto parecia um túmulo bizarro, um monumento de chapéus, escadas e mobília retorcida. Os animais pintados no teto observavam-na, suas bocas para sempre abertas em um sorriso bizarro. A luz branca cristalina da lua caía através das janelas abertas, iluminando a fita vermelha brilhante na frente dos pés de Dinah. O horror se espalhou por suas

veias quando seus olhos seguiram a fita até o armário aberto em frente da sala. Andando vagarosamente, ela passou pelos chapéus que chegavam à altura dos tornozelos e chegou à porta. Ela abriu lentamente e rezou para não encontrar o rosto de Charles. E, em vez disso, ela encontrou os olhos abertos e sem vida de Lucy, olhando diretamente para Dinah, sua garganta era um rio de sangue negro. Quintrell estava caído sobre ela, sua adaga descansava no chão ao seu lado. Seus músculos tensos pareciam pedras na luz escura, arruinados apenas pelos filetes de sangue que corriam por eles. Sua garganta também estava aberta e seu peito havia sido esfaqueado. Dinah

levou as duas mãos até a boca enquanto abria a garganta em um grito silencioso, e se balançou para frente e para trás, lutando para esconder seus soluços altos. E, então, ela se esticou e fechou os olhos dos dois com os dedos.

Ela ouviu a voz do estranho em sua cabeça novamente.

O tempo está passando, Princesa. Tic-tac. Você precisa ir. Ela levantou as mãos.

– Charles? – sussurrou, ousando ter esperanças – Charles?

Apenas a escuridão respondeu, o vento uivando de uma janela aberta. *A janela...* Seu olhar moveu-se até a escada favorita de Charles, onde uma janela aberta batia e rangia com a

violência do vento. *Por favor,* pensou Dinah, *pelos deuses, não.* Ela se apressou até a escada, pela primeira vez sem pensar em como ela era perigosa, uma escada que aparentemente nos levava até o céu e sem nenhum corrimão, confusa com chapéus de todas as cores e formas. Ela seguiu o caminho para cima e para cima, escalando sem pensar, seus pés escorregando precariamente nas beiradas da madeira fina.

Quando alcançou o topo, Dinah parou para respirar, apertando sua barriga. Pisando cuidadosamente, se inclinou no parapeito da janela, rezando para não encontrar nada, antecipando o ar fresco em seu rosto e nada mais. Não havia

estrelas no céu essa noite, elas haviam migrado para o norte. Talvez descansassem na superfície do Troden, iluminando aquelas águas distantes. Ela precisou de toda a sua força de vontade para olhar para baixo e, quando finalmente o fez, um gemido escapou de seus lábios. Embaixo da janela, talvez um metro para baixo, havia um precipício de pedra, que se projetava da cozinha do palácio. A laje de pedra grande, um quadrado perfeito, estava abaixo, e o minúsculo corpo de Charles espalhava-se sem jeito em cima dela. Suas costas estavam arqueadas em um ângulo estranho e sua cabeça virada para o céu noturno, suas feições se iluminando vagarosamente conforme a

madrugada chegava. Seus olhos estavam abertos e arregalados, azul e verde, para sempre olhando e nunca vendo. Sua boca curvava-se em um sorriso na direção de Dinah, seu rosto imaculado pela mancha escura que florescia na parte de trás de sua cabeça.

Chapéus estavam ao seu redor, eles claramente haviam caído com ele. Algumas de suas melhores criações estavam espalhadas pelo patamar de pedra. Uma cartola de safira, uma boina verde-musgo com juba de leão, chapéus feitos de tecido de seda cor-de-rosa e penas de pavão. Estas peças foram a decoração apropriada para o funeral do Chapeleiro Maluco, por uma vida tão violentamente perdida. Violentamente

tomada. Um pássaro tremulou acima de sua cabeça no escuro, pousando perto de seu ombro. Charles não se moveu quando o pássaro cutucou curiosamente sua carne. Dinah virou-se e vomitou na escada, seu estômago se esvaziava entre soluços dolorosos. Ela desabou sobre a borda de um cabide pousado verticalmente para fora da parede. Tudo parou.

Eu poderia ficar aqui, ela pensou ao fechar os olhos. *Eu poderia simplesmente ficar aqui e esperar que eles me matem. Me juntaria a Charles, minha mãe, Lucy e Quintrell, e todos nós estaríamos juntos. Eu devo ficar.*

Seu coração se apertou em luto, mas havia algo mais, algo faminto, escalando

em seu estômago, espalhando o seu veneno e uma deliciosa fúria vermelha se apressando em seus membros. Essa energia a alarmava e seduzia, essa raiva violenta. Dinah forçou-se a se levantar, olhou para seu irmão mais uma vez, seus olhos se demoraram em seus cabelos loiros que caíam em sua testa, nos seus dedos enrolados e na cor de seu olho verde. Traçando o sinal de Copas em seu peito, ela sussurrou uma rápida oração em seu corpo quebrado, rezando para que os deuses o recebessem em seu reino divino com amor e doçura.

– É hora de ir – Dinah sussurrou para seu corpo parado. Um soluço asfixiante levantou-se em sua garganta quando ela percebeu que esta seria a última vez que

ela veria seu rosto – Eu te amo, e sinto muito.

Dinah sentiu como se estivesse sendo rasgada no meio ao descer as escadas, relutante em deixá-lo sozinho na escuridão de uma noite sem estrelas.

Soluçando, ela desceu as escadas e escorregou silenciosamente pela parte de trás dos aposentos de Charles, empurrando as prateleiras de suprimentos milenar. A porta da sala de botões tinha sido arrancada, bem como um bloqueio que balançava vagamente de sua dobradiça.

Outro soluço saiu de dentro dela com um solavanco. A coroa havia sumido, a mesa estava vazia. O presente que ele dera para ela fora levado. Agora não

havia nem um pequeno pedaço de Charles com ela, só o seu corpo estatelado em um chão de pedras. A raiva cresceu no seu interior enquanto ela sentia a luz da lua na frente da mesa vazia. Tudo havia ido embora. Ela ficou mais alguns segundos na escuridão, forçando seu corpo a ser forte, forçando-se a ser corajosa. Puxando o capuz da capa sobre sua cabeça, Dinah andou silenciosamente para a porta dos fundos. Ela a abriu sem fazer nenhum barulho. As duas Cartas de Copas continuavam paradas, a luz da lua contornava suas silhuetas, de costas para Dinah.

– Você acredita que ela realmente fez isso? – um deles perguntou, girando o

sifão de metal nas palmas das mãos.

– Não tenho certeza – o outro disse e riu – Ela teria que ser um monstro para matar o próprio irmão, não é? Talvez a pressão da coroação tenha sido demais para ela. Você imagina o que vai acontecer quando o Rei a acordar com a espada em sua garganta?

A primeira Carta se arrepiou.

– Ela será decapitada, ou isso, ou será colocada nas Torres Negras, sem dúvida. Contanto que eu tenha comida na barriga e uma cama quente no fim do dia, eu não dou a mínima se a Princesa ou a Duquesa ou Chapeleiro Maluco assumam o trono.

– O Chapeleiro Maluco não irá fazer mais nada agora, isso é certeza. Que

pena, nunca pude comprar um de seus chapéus.

A outra Carta riu:

– O que está te impedindo agora?

As mãos de Dinah tremeram quando puxou a espada de suas costas. Ela escorregou para seu punho sem ruído nenhum. Ela lembrou as aulas de Wardley durante as brincadeiras com as espadas. *Segure a espada com firmeza, é uma parte de seu corpo, uma extensão da sua força e não uma ferramenta para ser usada. Balance-a com força, deixe suas emoções irradiarem pela lâmina em vez de por sua mente.*

A fúria faminta que ela sentia na escadaria nadou para seus olhos quando

ela deu um passo adiante na escuridão, tão perto que, por um segundo, os guardas puderam sentir a respiração dela em seus pescoços. O primeiro desceu com facilidade depois de um golpe na nuca. Dinah sentiu a espada encontrar a pele e os ossos, a sentiu escorregar pela carne. Seu sangue respingou no rosto de Dinah. Era quente e se misturou com as lágrimas.

Trazer sua espada para trás novamente era mais difícil do que ela imaginara e ela precisou usar as duas mãos. Ela deu um forte puxão e o corpo dele caiu para frente, morto antes mesmo de atingir o chão.

A segunda Carta olhava para ela em choque. Dinah bateu com o punho da

espada em sua têmpora como havia visto Wardley fazer. Ele caiu de joelhos e ela correu a lâmina em seu peito rapidamente. Uma mancha vermelha floresceu, tornando-se uma só com o coração escarlate de sua túnica.

Eu sinto muito, ela pensou enquanto estava parada atrás dos cadáveres. *Eu sinto muito por isso.* Dinah recuperou sua bolsa, que estava embaixo da escada, e deu uma olhada demorada para o apartamento vazio de Charles. As portas de vidro balançavam suavemente no vento, nunca deixando escapar o pesadelo que havia dentro delas. *Adeus, Charles,* pensou, *adeus, meu amado.* Ela olhou para os corpos em estado de choque e, então, correu. Correu mais

rápido do que nunca em sua vida, mergulhando pelos corredores do palácio, um atrás do outro, virando sem pensar. Suas pernas queimavam e seus pulmões se contraíam, mas ela não cedeu, precisava sair do castelo. O amanhecer estava começando a surgir, e uma nevoa pálida da manhã começou a entrar através das janelas entalhadas em ferro. Escancarando uma porta lateral, aproximou-se do quarto dos empregados pela cozinha, onde vários cozinheiros preparavam o café da manhã. Eles a observavam com uma confusão selvagem, e ela passou por eles derrubando pratos e bandejas.

– Alteza? – vários cozinheiros a chamaram, mas ela não podia parar. As

cozinhas davam para o jardim, e ela se arremessou nas portas abertas, com um suspiro de alívio, e chegou lá fora. A mudança na luz foi tão extrema que Dinah precisou parar por um minuto para seus olhos se acostumarem. Ela estava nos jardins de treliça que ladeavam o pátio. Rosas brancas que ela tinha plantado uma vida atrás com sua mãe estavam começando a mostrar seus botões precoces de primavera, despontando de seus cobertores de hera. Dinah ajeitou a bolsa e correu pelo quintal, mantendo-se perto das paredes, grata pelo fato de a treliça oferecer abrigo de olhares curiosos.

Ao ouvir vozes mais altas, ela parou e se enfiou debaixo de um arbusto,

cortado na forma de um dodô. Todo seu corpo tremia, ela timidamente levantou a cabeça sobre as folhas espinhosas e cerrou os dentes. Lá estava ele, seu pai, marchando pelo pátio com Cheshire ao seu lado, levando o que parecia ser todo o exército de Copas para o castelo. Seu rosto estava manchado de vermelho, cheio de ardente ira.

– PAREM!

Todas as Cartas pararam de se mover e Dinah sentiu sua pulsação aumentar. Ele a tinha visto? A voz explosiva do Rei de Copas ecoou sobre o pavimento de mármore quando ele virou para falar com eles. Suas mãos sacudiam enquanto ele gritava para as Cartas.

– Atenção para as minhas ordens e

encontrem minha filha. Se ela tentar correr ou lutar, usem a força que for necessária para dominá-la. Se para isso a vida dela correr risco, não importa! Ela é culpada de assassinar meu filho inocente, de traição e de planejar o fim do País das Maravilhas! Ela não é mais uma princesa; ela é uma traidora da coroa e assassina. Nós a acordaremos de seu sono e faremos justiça hoje mesmo! Eu cortarei a sua cabeça com o cair da noite! – Cheshire riu maliciosamente, suas mãos envoltas em um dos punhais intrigantes. O rei virou e apontou a Espada de Copas – Para os aposentos reais!

As Cartas de Copas marchavam de duas em duas para dentro do castelo.

Dinah começou a tremer incontrolavelmente. Era verdade, era tudo verdade. Seu pai era um assassino. Ele matara seu irmão, matara Lucy e Quintrell. *Você matou dois guardas*, uma voz silenciosa a lembrou disso, *você mesma não é inocente.* Dinah limpou o suor de seu rosto. A realidade da situação chegou até ela. Não haveria uma conversa sobre isso, nenhuma súplica de filha para pai. Nenhum acordo. Estava acabado. Ela não usaria a coroa e, se continuasse aqui, logo não usaria a própria cabeça. O estranho estava certo, ela precisava sair do palácio agora e nunca mais voltar.

Corra, sussurrou para si mesma, apesar de seus pulmões se contraírem

com a ideia. Não demoraria muito, e sua vantagem iria desaparecer na brisa da manhã. Ela seguiu as paredes do jardim na direção dos estábulos. As treliças acabaram e Dinah esperou até que ninguém estivesse à espreita na luz da manhã flagrante, antes de correr em direção aos estábulos. Mantendo a cabeça baixa, Dinah entrou no labirinto do estábulo e começou a vagar por seu caminho, um rebite e uma baia de cada vez. Ao redor, ao redor e ao redor, ela foi, circulando cada vez mais fundo na floresta escura. Os cavalos bufavam e empinavam enquanto ela passava por eles, seus sentidos suaves captando seu pânico e sua desorientação. *Quase lá*, ela pensou, enquanto continuava a

caminhar com seus pés escorregando na lama e no estrume. O cercado para cavalos que ela estava procurando apareceu novamente e, pela primeira vez naquela noite, Dinah se atreveu a acreditar que ela poderia sobreviver àquele dia.

Tateando, ela soltou a trava e entrou na tenda de Rajado. Alguém estava esperando por ela. Um homem estava em frente a ela, a escuridão dos estábulos, escondendo suas feições, sua espada empunhada. Dinah puxou o capuz para trás e levantou as mãos em sinal de rendição.

– Quem está ai?

– Dinah? – uma voz sussurrou.

– Wardley?

Aproximaram-se correndo, sentindo-se gratos um nos braços do outro. Dinah o apertou desesperada. Wardley beijou sua testa, sua cabeça e colocou suas mãos em suas bochechas.

– Você está machucada? O que está acontecendo? Dinah, o que aconteceu?

Ela deixou os soluços, que estava prendendo desde que tinha visto o corpo contorcido de Charles, escapar de seus lábios trêmulos.

– Charles, Wardley, Charles está morto. Alguém o empurrou da janela. Oh, deuses. – ela enterrou o rosto da túnica de Copas de Wardley. – Eu o vi, seu pequeno rosto, pescoço, cabeça, e Lucy e Quintrell, suas gargantas foram cortadas por uma espada de Copas,

tenho certeza disso. E eu matei duas Cartas tentando escapar.

Wardley a empurrou e a encarou incrédulo.

– Mas quem… O quê?

– Meu pai. Um assassino? Eu não sei o que está acontecendo.

– Mas por quê? Por que um pai mataria o próprio *FILHO*? Que tipo de pai faria isso com o próprio *FILHO*? – O olhar de Wardley ecoava incredulidade.

– Eu não sei! O tipo de pai que não quer partilhar o trono. Ele matou Charles para poder me culpar. O País das Maravilhas jamais aceitaria uma rainha que comete assassinatos. Meu pai quer a minha coroa, Wardley. Eu acho que ele nunca teve a intenção de passá-

la a mim.

Ela balançava a cabeça enquanto Wardley a forçava a beber água de uma algibeira de tecido. O líquido caiu em todo seu rosto. Sua voz estava quase histérica:

– Eu não sei! Eu não entendo o que está acontecendo. Um estranho veio ao meu quarto, me acordou e me disse para ir embora, mas eu não o ouvi e fui até o apartamento de Charles para ver e… – Dinah sentiu a sala girar ao seu redor – Eu o ouvi, meu pai. Eu vi. Ele ordenou que as Cartas de Copas me prendessem e me matassem, se fosse necessário.

Wardley assentiu.

– Eu ouvi. Consegui escapar pela parte de trás da marcha. Fomos

acordados pelo rei, que ordenou a sua prisão e julgamento esta manhã, mandou matá-la ou levá-la sob custódia.

Dinah deu um passo para trás.

– O que você está dizendo? – ela olhou para a espada desembainhada de Wardley – Você não está…?

Wardley deu a Dinah um olhar exasperado.

– Você não pode estar falando sério, Dinah. Dinah… – ele envolveu-a rapidamente em seus braços magros e murmurou em seu cabelo preto – Você é minha irmã. Minha melhor amiga. Minha Rainha. Você não vai morrer hoje, não no meu turno. Mas você deve ir. Uma vez que seu pai descobrir que você tenha ido, este será o primeiro lugar que

ele irá procurar. Ele vai nos matar. Dinah, você DEVE ir agora!

Dinah assentiu e, relutando, afastou-se de Wardley. Ela viu as lágrimas brilhando em seus olhos castanhos. Tirou a sela de montagem na parede, com as mãos tremendo.

– NÃO! – Wardley agarrou seu braço fortemente e, de repente, ela estava sendo puxado pelo labirinto de baias, cada vez mais fundo no estábulo. O braço dele era firme; ela não podia se livrar de seu aperto.

– Wardley, o que você está fazendo? PARA! Eu tenho que SAIR!

Wardley continuou a puxá-la por entre as baias.

– Você não pode levar Rajado. Para

onde você vai?

– Rajado é o meu cavalo!

– Você não vai ser capaz de fugir dos Copas com Rajado, nem mesmo se você tivesse vantagem de um dia. Rajado mal consegue lidar com um trote vespertino. Ele é velho, Dinah!

– Então me dê Corning. Você sempre disse que ele é o cavalo mais rápido no País das Maravilhas.

– Ele é – murmurou Wardley, enquanto corriam, passando baia após baia de cavalos acordados abruptamente. Seus relinchos encheram o ar. – Mesmo assim, mesmo com Corning, eu não tenho certeza de que você poderia…

Ele foi interrompido pelo clangor de

uma centena de chifres soando pelas muralhas do palácio. O som congelou os dois. O sangue de Dinah gelou, e ela se viu incapaz de se mover.

– Eles estão vindo me pegar – ela sussurrou – Acabou.

Os olhos de Wardley estreitaram.

– Não é hoje, hoje que não é. Você não vai morrer hoje, Dinah. Você vai morrer com uma coroa em sua cabeça, com os súditos se curvando aos seus pés. – Ele puxou Dinah pelo centro do labirinto, correndo agora. Uma porta de ferro, duas vezes a altura das outras portas de baias, apareceu diante deles. A corrente que a prendia era grossa como o braço de um homem, mas Wardley tinha as chaves, já que ele tinha

sido o cavalariço por tanto tempo.

Dinah sentiu todo o seu corpo tremer.

– NÃO, NÃO! Eu não posso. Absolutamente não.

– Você deve. – houve um caráter definitivo na voz de Wardley, a decisão foi tomada – Você deve. Hornhooves são muito, muito mais rápidos do que os cavalos normais. Eles podem facilmente superar um cavalo normal, e eles podem correr por dias sem exaustão.

– Sim, e eles podem matar uma pessoa porque ela não é seu mestre, ou porque estão de mau humor naquele dia!

Dinah tinha pavor dos Hornhooves. Wardley abriu o curral, revelando os três Hornhooves – dois brancos e uma enorme besta negra. Morte, o corcel de

seu pai. *Ele veio montado em um corcel do diabo*. As criaturas apoiadas no canto do curral, bufando com raiva, raspando o solo até que ele começasse a rachar e quebrar sob o peso enorme. Morte se elevou sobre os outros dois Hornhooves, uma figura colossal de músculo preto brilhante, mais parecido com um dragão do que com um cavalo. Seus cascos eram maiores do que a cabeça de Dinah e era coberto com centenas de cravos de osso – perfeitos para empalar uma cabeça, um joelho ou um tronco.

O conhecimento de Dinah sobre Hornhooves atravessou-lhe a mente; eles não eram apenas fiéis corcéis, eles eram criaturas sedentas por sangue, guerreiros

de sua própria escolha. Eles amavam assassinato, caça e morte. Em seu frenesi de batalha, um Hornhoov forte poderia matar quarenta homens. Havia uma pintura de Morte no escritório do pai, elevando-se ante um guerreiro Yurkei, os chefes de seus companheiros de tribo decorando seus cascos assim que seu pai levantava a espada de Copas montado em suas costas. *Este foi o animal que Wardley queria que ela montasse.*

– Não – Dinah começou a olhar ao redor, beirando a histeria – Deve haver um lugar para eu me esconder, talvez embaixo do feno ou dessas vigas.

Wardley a agarrou fortemente e a levantou do chão, seus braços

envolviam sua cintura. Morte tinha voltado para o canto e estava bufando raivosamente. Assobiava vapor fervente de suas narinas, seus olhos negros estavam arregalados e confusos. O vapor poderia escaldar a pele de alguém.

– Shh… shh, aqui… – Wardley se aproximou de Morte devagar, ainda segurando Dinah, que se debatia em seus braços. Morte tolerava Wardley porque ele o havia alimentado toda manhã por anos, quando era um escudeiro do estábulo. Os olhos do animal estavam cautelosamente focados em Dinah. Ela podia ouvir a agitação do lado de fora do estábulo, as botas e armaduras tilintantes, os gritos das pessoas da

cidade.

– Caramba, Dinah! VAI AGORA Levanta. Agora. AGORA!

Suas mãos tremiam enquanto Wardley a levantava até seu peito, suas mãos em seus ombros. Com um forte empurrão, ele colocou Dinah nas costas de Morte, com tanta força que ela quase foi parar no chão do outro lado. Morte bufou e voltou para a porta da sala. Dinah deixou um grito escapar. Ela estava ajoelhada em suas costas, um oceano de músculos e ossos pretos brilhantes. Ele era tão largo, duas vezes o tamanho de Rajado. Suas pernas não cabiam ao redor dele.

– Como eu…?

– Monte em seu pescoço e não em

suas costas.

Ela se colocou mais para frente, e as pernas ao redor do pescoço de Morte, enquanto ele mordiscava com seus dentes brancos e afiados. Ele empinou uma vez, empinou duas, e Dinah agarrou-se desesperadamente em sua crina, para manter o equilíbrio.

– Ele é incansável. Seu pai o manteve trancado por muitos anos. Ele vai correr por você. – Wardley jogou a bolsa para ela. Dinah colocou as alças sobre seus ombros. O barulho lá fora estava mais alto. As Cartas estavam invadindo o estábulo, eles chegariam até eles em minutos.

– Venha comigo! – ela gritou.

– Não posso ir embora – ele

respondeu, evitando seus olhos – Ainda não. Alguém tem que proteger o seu povo quando você for embora. E o Harris? E a Emily?

Dinah sentiu um momento de dúvida.

– Não sei se consigo fazer isso sem você. – Morte empinou novamente. Wardley esticou-se e colocou as mãos nas canelas de Dinah. Ele quase não conseguia alcançá-la por causa da enorme altura de Morte.

– Eu te encontrarei, siga para a Floresta Retorcida. Você vai conseguir se esconder por lá. Eu prometo, Dinah, eu te encontrarei, te dou minha palavra. – Morte se ergueu e chutou as pernas da frente, por pouco não acertando o rosto de Wardley com um espinho afiado.

Dinah olhou para Wardley. Ele não parecia estar com medo. Ele acreditava nela. Isso a fez se sentir mais forte, mesmo que por um segundo.

– Wardley, eu…

– Me acerte com a espada.

– O QUÊ?

Wardley passou sua espada para ela, incrustada com um punho de rubi.

– Leve essa, deixe a enferrujada para mim. Agora, enfie-a no meu ombro. – ele acariciou a parte mole de seu braço – Rápido, Dinah. Pelos deuses, Dinah não pense! FAÇA!

Com um grito, Dinah enfiou a ponta de sua espada no braço de Wardley, sentindo o músculo separar e rasgar. Carmesim saiu dele, seu sangue, o

garoto que ela amava, respingando no chão, em suas mãos. Wardley soltou um grito de dor agonizante.

– Aaaaaaah… Dinah, você não precisava fazer tão bem! – Ele cambaleou para fora do curral e começou a abrir as portas do estábulo, uma após a outra, com o braço bom. Morte quase dançava, seus cascos iam para cima e para baixo, com a excitação de ver o sangue de Wardley. Dinah olhou para ele, abrindo todas as portas do estábulo que conseguia. Ela disse para si mesma para não esquecer os contornos de seu rosto, a cor de seu cabelo, as curvas de sua coluna… mas ela não teve tempo.

– Ela está aqui! A princesa! Ela está

no…corcel do rei…

Ele não teve tempo de terminar. Wardley empurrou a lâmina enferrujada em suas costas. O homem caiu com a cara no bebedouro. Wardley olhou para Dinah, seus olhos se encontraram.

– É agora!

Dinah abriu a boca para protestar e ouviu os homens gritando ordens do lado de fora. Morte começou a pisar no chão com força, com seus enormes cascos.

– Eu não posso, Wardley…

– VÁ! – Wardley gritou.

Ele trouxe as costas de sua espada para baixo em todos os membros posteriores de Morte. Foi o suficiente. Morte ergueu-se e saiu correndo para a

frente. Dinah nem teve tempo de perceber o que aconteceu com Wardley, porque de repente eles estavam pulando para fora do estábulo. Morte correu diretamente para fora dos labirintos do estábulo, explodindo de porta em porta. Seus joelhos maciços batiam nas portas primeiro, e enormes pedaços de madeira quebraram para fora dos currais, com Morte pisoteado tudo em seu caminho: portas, bebedouros, bancos de madeira, outros animais. Dinah foi inundada por uma chuva de estilhaços, mas não podia fazer nada mais do que se agarrar desesperadamente à sua crina. Sua respiração estava tão alta que fazia o ouvido de Dinah doer quando ele irrompia através de parede atrás de

parede, curral atrás de curral. O caos reinava. Madeira explodia para todos os lados, enquanto os cavalos e os homens gritavam. Ela podia sentir o desespero selvagem de Morte para sair do estábulo, o impulso de liberdade.

Cartas de Copas tomavam o estábulo agora, um oceano de vermelho e branco, e eles observavam, horrorizados, Morte passar por eles como um furacão violento de madeira e feno. O último degrau era um cercado. Ela puxou a crina de Morte, mas nada aconteceu. Ele seguia em frente, cada vez mais rápido, excitado com o desafio. Morte saltou o muro facilmente, e Dinah quase perdeu o equilíbrio, escorregando em seu pescoço, quando ficou de pé com seu

impulso, no momento em que ele bateu no chão.

Agora estavam do lado de fora, e o amanhecer brilhante quase cegava sua visão, que, em determinado momento, focou em uma cena horrível, algo de seus pesadelos. Cartas de Copas estavam fervilhando ao seu redor e em toda parte, balançando suas espadas em sua direção, quando passava por eles. Uma corajosa Carta de Copas correu na frente de Morte, colocando suas mãos para cima na intenção de pará-lo. Dinah o direcionou para fora do caminho, mas ele se manteve firme, com as mãos na frente do corpo.

– Eia! Eia! – Seus gritos eram inúteis. Morte saltou à frente, e seus enormes

cascos pisotearam a cabeça do homem, com um aperto doentio. O estômago de Dinah revirou, mas ela não podia desviar o olhar. A princesa ouviu os gritos aterrorizados atrás dela e olhou. Os dois outros Hornhooves estavam correndo soltos entre as Cartas de Copas, seus cascos já encharcados de sangue. Dinah virou a cabeça, e o corpo de Morte pulou embaixo de seus quadris. Os portões de ferro, que protegiam o Palácio do País das Maravilhas do mundo lá de fora, estavam ficando cada vez mais próximos, e Morte não mostrou nenhum sinal de que estava diminuindo o ritmo. Pessoas estavam gritando atrás dela e ao seu redor, mas uma voz estava alta no

meio do caos, o tom explosivo de seu pai:

– MATEM-NA! MATEM-NA!

Ela sentiu um aperto profundo. Cartas de todos os tipos tentavam pará-la agora. Uma Carta de Paus arremessou uma panela com óleo fervente na direção deles de uma torre de vigia, mas Morte estava movendo-se rápido demais, e ela mal respingou no finzinho de sua cauda. Eles estavam voando pelo mercado agora, passando dezenas de carrinhos e mesas cobertas de frutas e tortas.

Uma garotinha suja parada ao lado da mãe, vendendo pão, apontou para Dinah enquanto eles passavam, puxando a saia de sua mãe.

– Venha mamãe, a Princesa – disse, antes de ajoelhar.

O capuz de Dinah já tinha caído há muito tempo, e seus cabelos negros estavam soltos e enrolados ao redor de seu rosto, ela continuava agarrada em Morte. Dinah sentiu sua bolsa escorregar de seus ombros. Rezando para que conseguisse manter o equilíbrio, ela a alcançou e enrolou as alças em suas costas. A espada de Wardley balançava contra seus ombros. Morte deu uma bufada profunda de satisfação, um ruído de prazer. As narinas do animal e sua boca agitavam vapor, e Dinah teve a sensação de que Morte estava apenas começando. Sua velocidade aumentou e seus cascos

quase não encostavam no chão. Eles se moviam tão rápido que Dinah mal conseguia distinguir o rosto das pessoas pelas quais ela passava.

Quando eu morrer hoje, Dinah pensou, enquanto eles se aproximavam das altas grades de ferro, *pelo menos eu saberei como é voar.* Os portões ornamentados do País das Maravilhas ficavam abertos todos os dias, para os viajantes e comerciantes entrarem e saírem do palácio como quisessem. Agora todos em volta dos portões, Dinah podia ver as Cartas correndo para fecharem as portas. De cada lado, grandes guinchos metálicos eram arrastados pelos Espadas, que lutavam para conseguir girar as manivelas

enferrujadas, que não eram giradas há anos. Alguém deu um grito e as enormes grades do castelo começaram a fechar, uma em direção a outra, rangendo pedacinho por pedacinho. Do lado esquerdo, um Espadas alto e de cabelo grisalho apertava os olhos no sol enquanto eles se aproximavam. Dinah o reconheceu no mesmo instante, ele era o Espadas que ela havia encontrado aquele dia no caminho para o palácio. Ele a observava com um olhar fascinado, enquanto os outros Espadas clamavam ao seu redor, gritando e apontando uns para os outros e para ela. Seu movimento era pequeno, tão mínimo que ninguém mais veria, mas Dinah via. Sua mão parou no guincho, só por um

segundo. Foi o suficiente.

Morte mergulhou através da estreita abertura, seus ombros largos raspando dos lados do portão de metal, que logo depois fechou com tudo lá atrás. O cavalo soltou um relincho de dor quando os portões o cortaram, mas a sua velocidade não vacilou. Ele havia visto o céu aberto e as flores brancas em sua frente, ele tinha sentido o gosto da liberdade que lhe foi negada na maior parte dos dias naquele estábulo sombrio. Houve um tremor do movimento embaixo das pernas de Dinah enquanto Morte flexionava seus músculos e, então, exatamente quando ela pensou que eles não poderiam ir mais longe, o ritmo de Morte acelerou e seus passos se

alongaram. Ela inclinou-se e Morte, instintivamente, virou para o leste, nunca diminuindo o ritmo. Cada vez mais rápido, sua velocidade aumentava conforme se afastavam do castelo.

Dinah ouviu os portões do castelo sendo arrombados atrás dela e virou sua cabeça, desesperada. Um pequeno exército de cavalos apareceu, liderado por um homem grande montando um Hornhoov. O Rei de Copas. Sua Espada de Copas estava levantada sobre sua cabeça e ele gritava o nome de Morte repetidamente, com um olhar enlouquecido em seu rosto. Dinah estremeceu. Ela nunca tinha visto seu pai ser mais autêntico do que neste momento terrível, e ela sabia que nunca mais

duvidaria de que ele tinha jogado seu irmão pela janela. Ele estava cheio de fúria e ódio, direcionados para a sua morte. Não havia dúvidas.

Ela se virou, seu coração disparando em seu peito, e se agarrou ao pescoço do monstro. Morte deu um relincho feliz e Dinah entendeu que ele tinha acabado de perceber que estavam sendo perseguidos. Arrepios de prazer ondulavam em suas costas e seu galope implacável adquiriu um toque de alegria enquanto voavam por campos e córregos, vilas e aldeias do passado, sobre as colinas, voar até que o palácio não fosse nada mais do que um ponto branco e vermelho atrás deles. Wardley estava certo, Morte não demonstrava

sinais de cansaço, pelo contrário, sua velocidade parecia aumentar. Para cada passo que os perseguidores davam, o Hornhoov dava seis.

Dinah olhava para trás, de tempos em tempos, mas não demorou muito tempo para as Cartas perceberem o fracasso de sua perseguição. Elas voltaram uma a uma conforme os cavalos desabavam, exaustos com essa corrida eterna. Apenas seu pai os perseguia agora, mas ele nunca conseguiria alcançá-los. Morte era mais forte e mais rápido que as fêmeas e estava bravo por causa de seu confinamento. Seus cascos pesados pisando o chão que parecia um tapete de flores selvagens, grama bem cortada e areia rochosa. E continuava, Morte

ultrapassava os campos e colinas que levavam à Floresta Retorcida. A distância entre eles só aumentava, quando Dinah viu seu pai recuar, um pequeno ponto branco lá longe. Uma lufada de ar saiu de seus pulmões e, de repente, ela ousou pensar que sobreviveria até o pôr do sol. Suas pernas e nádegas gritavam com a dor de cada galope, seu corpo batendo ferozmente contra as costas musculosas de Morte repetidamente.

Dinah pressionou sua cabeça contra o pescoço do Hornhoov, um novo cansaço a ultrapassando. Ela tinha certeza de que, se caísse, ele continuaria correndo. Ele não só não se importava com seu cavaleiro, como sequer lembrava que

tinha um. Só a queda já destruiria seus ossos. Se ela caísse, ele continuaria, ou ele andaria ao seu redor e a mataria, com seus enormes cascos transformando sua cabeça em pasta. E ela deixaria.

Eles deveriam estar indo na direção leste agora, então ela se inclinou para a esquerda, torcendo para que ele virasse mais para o norte, nas partes mais profundas da Floresta Retorcida. Seu corpo respondeu, e ele esmagou a lama debaixo de seus cacos ao virar naquela direção. *Vá para a Floresta Retorcida*, Wardley disse. *Eu te encontrarei*. As árvores ficavam cada vez mais altas no horizonte, seus galhos alcançavam o céu. A luz do sol iluminava lá do alto o céu da tarde. Eles estavam correndo havia

horas, mas pareciam dias.

Morte voou por uma colina e Dinah sentou surpresa, esfregando os olhos. Ela quase caiu no sono em seu imenso pescoço.

– Meus deuses!

Agora ela podia vê-la – a Floresta Retorcida. Estava exatamente na frente deles, seu anel exterior de árvores era tão alto quanto as torres do castelo. Seus ramos magros tentavam agarrar o céu. As árvores se inclinavam e gemiam juntas, seus galhos se movendo vagarosamente, mesmo sem haver nenhum vento. Dinah olhou maravilhada para a floresta, apesar de Morte não demonstrar nenhum sinal de que iria parar. Ela continuou segurando. O que

mais ela poderia fazer? Eles chegavam cada vez mais perto das árvores. Apesar de as árvores serem gigantes, a floresta estava mais longe do que parecia e as pernas de Dinah começaram a dar cãibra, suas coxas estavam sangrando quando eles chegaram na base das árvores. Sua garganta estava seca, e a água parecia um sonho sedutor.

O sol começou a se pôr no leste, conforme eles iam chegando à beirada. Já tinha se passado um dia e metade de uma noite desde que Dinah fora sacudida e acordada por um estranho. Morte finalmente estava demonstrando sinais de exaustão, espasmos violentos começando a subir por seu pescoço, uma espuma de cor violeta escorria de seus

lábios. As árvores, mais altas do que qualquer coisa que Dinah já tinha visto, eram mais altas do que as Torres Negras, e ficavam exatamente à sua frente, os braços fantasmagóricos bloqueando a maior parte da luz, que continuava diminuindo. Algo nas árvores estremeceu e então Dinah não viu o casco de Morte pousar em um pequeno buraco, e cair para frente.

O ar os levou depressa, e os dois foram jogados violentamente em um riacho lamacento. O corpo de Dinah voou por cima do de Morte, e o de Morte passou como um trovão por debaixo dela. Dinah pousou com a bolsa amortecendo sua queda. Ela rolou com um baque contra uma árvore caída, sua

cabeça batendo em um tronco murcho. Algo em suas mãos estalou como se fosse um fino galho de árvore e uma dor insuportável atravessou-lhe o braço.

Ela tentou levantar a cabeça mas era inútil. Ela não conseguia pensar e nem se mover. Uma água suja fluía para dentro de sua boca conforme ela lutava para se manter acordada. Seu último pensamento foram os olhos de Charles quando ele mostrou a cabeça despenteada de trás da escadaria, azul brilhante e verde suave.

– Minha Dinah.

Ele havia tocando sua mão gentilmente.

Ela fechou os olhos e se entregou, não mais uma rainha.

Quatorze

Dinah sonhou que estava se afogando. Ela girava e flutuava mas, dessa vez, no lugar da substância pegajosa do espelho grosso, ela estava inalando água. O mar estava flutuando para dentro de sua boca e pulmões. Peixes se contorciam, se aninhando em sua língua, os peixinhos davam mordidinhas em seus dentes. Uma enguia preta e branca deslizou sobre seu corpo, envolvendo-se em seu abdômen, em seu peito. Algas se agarraram em seus tornozelos enquanto ela lutava para se mover e ela sentiu um pânico

crescente alertando-a de que nunca alcançaria a superfície.

Algo sombrio nadava para fora da água negra, algo enorme e amedrontador. Dinah piscou os olhos, que agora tinha uma crosta de areia e corais. Um peixe branco brilhante deslizou em sua direção. Suas escamas ondularam na luz do sol, cegando-a com sua beleza. Ele abriu a boca e Dinah viu fileiras e mais fileiras de dentes ameaçadores e afiados. O peixe usava um chapéu. Ela abriu a boca para gritar e toda a água a invadiu.

Dinah abriu os olhos com um susto. Estaria sonhando? Estaria morrendo? Havia água em sua boca, água de verdade. Ela cuspiu e engasgou mas

para o seu alívio, essa água vinha de um pequeno córrego, um fiapinho de água em cima do chão coberto de lama e plantas moribundas.

Dinah virou a cabeça e cuspiu, engasgando com um pedaço de grama, que ficara preso em sua bochecha. Com as mãos tremendo, ela se levantou e sentiu uma dor pulsando correr através de seus dedos. Olhou para baixo e dois de seus dedos estavam inchados e deformados, os dois apontando em direções estranhas. Ela não conseguia mexê-los e um mero toque suave causava uma dor gritante. Ainda cuspindo, ela voltou a sentar-se e encarou seus dedos. *Respire fundo. Você tem que pensar.*

Depois de olhar para eles por alguns minutos, inclinou-se e puxou filetes de grama do leito do rio e fez um curativo em seus dedos. Ela deixou escapar um grito quando apertou o nó, eram como se agulhas estivessem sendo empurradas sob suas unhas. Sem fôlego, deitou-se olhando para o córrego, onde podia ver seu reflexo imundo. Limpou o sangue seco de seu rosto freneticamente, que estava arranhado da testa até o queixo. A água lamacenta do riacho ainda tinha um gosto sujo, cuspiu novamente e rolou para o lado, antes de soltar um grito agudo. Cascos pretos cobertos com espinhos de ossos grossos escavavam a terra a centímetros de seu rosto. Manchas de sangue marcavam os

espinhos, algumas frescas, que pingavam, e outras antigas. Olhando assim de perto ela podia notar que os ossos eram irregulares, como se tivessem sido cortados com uma faca. Isso os tornava ainda mais mortais do que uma faca afiada sendo empurrada na cabeça de um homem.

Dinah ergueu a cabeça devagar, não querendo assustá-lo. Morte agigantava-se diante dela, era tão grande que bloqueava o sol da tarde. Tudo que ela podia ver eram montes negros de músculo e ossos. *Ele vai me matar,* ela pensou. *É o que ele quer.* Vapor sibilava para fora de suas narinas, enquanto ele balançava sua cabeça para frente e para trás sobre ela. Levantou o

casco e pisou com força para baixo, a centímetros do corpo de Dinah, tão facilmente quebrável, um saco de ossos e tecido. Morte bateu o casco novamente. O chão tremeu. Ele abaixou sua enorme cabeça e cheirou Dinah, o vapor lavou seu rosto, estava tão quente que ela sentiu medo de que bolhas nascessem em sua pele. Ela não se moveu, seu corpo estava parado como uma pedra, e seus olhos, fechados. Morte finalmente pareceu satisfeito e puxou o longo focinho de volta, batendo o pé de novo.

Dinah abriu os olhos e olhou aterrorizada para seu casco. Um dos espinhos de osso havia quebrado e agora estava virado para o outro lado,

adentrando na pata de Morte. Devia ter quebrado quando ele pisou no buraco, ela pensou, e, enquanto ele se mexia, furou sua pele. E Dinah sentiu seu estômago pesar. O enorme casco veio ao chão novamente, na frente de seu rosto, quebrando o chão duro como se fosse feito de vidro. Dinah respirou fundo e ficou de joelhos vagarosamente, ergueu as mãos na frente do corpo, entregando-se. Morte relinchou, as patas pousadas ao redor dela. A garota continuou parada até que ele parou de se mover e, então, esticou suas mãos, que tremiam, até que pairassem sobre os espinhos de osso sangrentos. Ele relinchou raivosamente.

Eu poderia perder minhas mãos, ela

pensou, *ou minhas mãos ou minha ca*beça. Esticou as mãos, com o máximo de cuidado possível, e as colocou, ainda tremendo, na perna de Morte, passando por elas vagarosamente, até que alcançou o casco, como ela tinha visto Wardley fazer centenas de vezes com cavalos normais. *Wardley.* O que teria acontecido com ele? Agora suas mãos alcançaram a ponta dos espinhos de osso. Ela deixou as mãos, com os dedos quebrados, descansarem na perna massivamente musculosa de Morte enquanto, com a outra mão, arrancava o espinho de osso que estava afundado na base de seu casco. As pontas irregulares do espinho se pressionaram contra sua pele enquanto ela o puxava. Morte deu

um grito aterrorizante de dor e pisou forte no chão com seus outros cascos. O espinho não se mexeu em nada, e agora ainda estava escorregadio com o sangue da mão cortada de Dinah.

Morte rangeu os dentes, e Dinah podia sentir sua fúria e ansiedade crescentes. Ela tinha somente alguns segundos antes que ele perdesse o controle e a matasse, ela podia sentir isso. Ela envolveu as mãos mais uma vez ao redor do espinho e o puxou com toda sua força, a pele de suas mãos se rompendo e rasgando como se ela estivesse agarrando a ponta de uma espada. Dinah deixou escapar um grito arrepiante quando o espinhou cravou fundo em sua pele, escorregando no

sangue úmido. Seu sangue se misturava ao de Morte, enquanto pingava, e seu grito se combinava com o dele, enquanto ele batia rudemente a cabeça para o lado. Dinah se curvou no chão, com a cabeça embaixo das mãos, uma delas segurava o espinho ensanguentado enquanto Morte trotava em círculos ao seu redor, seus cascos passavam a centímetros de seu corpo.

– Por favor – Dinah murmurou –, por favor.

Morte permaneceu parado e considerou tirar a vida de Dinah por alguns minutos, antes de andar para longe para inspecionar seu machucado. Quando Dinah levantou a cabeça, ele estava a encarando de uma dúzia de

metros de distância, seus enormes olhos pretos observando cada centímetro de seu rosto, ele estava pensando, calculando. Depois do que pareceu uma eternidade ele bufou alto e inclinou a cabeça para beber a água do córrego. Dinah se reencostou e deixou o alívio lavá-la enquanto apertava o machucado em suas mãos. Morte não a mataria, não agora, de qualquer maneira. Ela lavou sua mão no córrego, o sangue pintava a água de vermelho antes de viajar, seguindo a corrente com um conjunto de folhas roxas. Ela arrancou a barra de sua camisola, que antes era branca, agora marrom, sangrenta, e coberta com o cabelo preto grosso, e a envolveu em torno de sua mão. A dor de seus dedos

quebrados percorreu seu corpo e ela, lentamente, levantou-se da beira do riacho, temendo desmaiar. Cambaleando, descansou contra a árvore na qual havia batido a cabeça e manteve um olho atento em Morte, que agora comia alegremente todo pedaço de folhagem à vista.

Comida. De repente Dinah percebeu o vazio que ruía em seu estômago, uma fome tão forte que ela nunca havia sentido. Suas pernas tremiam, ela se empurrou sobre os pés e andou em direção à sua bolsa. Desamarrou os cordões, deixando a bolsa cair aberta em sua frente, suas mãos procurando, de maneira selvagem, por comida. Não demorou muito para achar uma segunda

bolsa dentro da primeira, cheia de carne de passarinho, pequenas fatias de pão e frutas secas. Dinah cortou os pães, e começou a mastigar e engolir rapidamente. Ela estava convencida de que fora tão gostoso como esse pão puro, e depois comeu um punhado de frutas. Havia um pequeno cantil no interior do saco, que encheu com água do riacho. O líquido era marrom e lamoso, mas ainda sim fluía em sua garganta como um doce néctar, e Dinah bebeu até sentir que passaria mal.

Seu estômago estava cheio, mas desconfortável, e Dinah finalmente sentiu sua mente clarear enquanto encarava Morte, sua crina se despenteando ao vento. A verdade

brincou em sua mente em ondas. Seu pai havia matado seu irmão. Um estranho a havia alertado, empacotado essa bolsa e a mandado para longe. Se ela tivesse seguido suas instruções, não teria havido perseguição. Ela teria escapado na surdina da noite, indo na direção que fosse melhor pra ela. Mas ela tinha que ter ido ver Charles, seu corpo deformado, tinha que ter visto Lucy e Quintrell empilhados um em cima do outro no armário, como vestidos velhos. Ela tinha que ter visto Wardley. Wardley, seu amor. Wardley a havia salvado e, em troca, ela o apunhalou. O que aconteceria com ele? Seria possível ele a encontrar novamente? Seu pai pouparia sua vida por causa de seu afeto

pelo garoto ou ele lhe cortaria a cabeça por causa de sua lealdade à Dinah? Se tudo desse certo, o Rei veria o machucado bem real que Dinah havia feito nele e estaria convencido, embora ele fosse geralmente desconfiado. O que aconteceria com Harris e Emily? Uma lágrima rolou pelo seu rosto quando pensou em seu doce guardião acordando e descobrindo que ela havia ido embora. Ele acreditaria que ela tinha sido capaz de fazer o que diziam? Que ela o deixara inconsciente e tinha matado o próprio irmão? Dinah balançou a cabeça. *Nunca.* Harris a conhecia de verdade, mas esperava que ele tivesse o bom senso de esconder do Rei a sua lealdade à Dinah.

A Floresta Retorcida gemeu alto atrás dela, e as árvores rangiam seus galhos ao mudarem de posição conscientemente. Toda vez que Dinah piscava, ela podia ver seu pai, o ódio em seu rosto e a Espada de Copas levantada sobre sua cabeça, o olhar sangrento em seus olhos. Ele a teria matado se tivesse conseguido alcançá-la, e a mataria agora se a encontrasse. Dinah ficou de pé rapidamente, suas coxas ardiam e estavam em carne viva, por causa da cavalgada no pescoço de Morte. O Rei de Copas voltaria, com cavalos, Cartas e rastreadores. Muitos Espadas eram treinados em rastreamento e a encontrariam facilmente ali.

Dinah olhou ao redor para

compreender toda a situação em que estava. Eles estavam na beira da Floresta Retorcida, apenas uns cem metros de campo antes das árvores, árvores gigantes e colossais que pareciam bravas e hostis. A clareira era adorável, uma colina suave que escondia um pequeno riacho, o seu solo rochoso coberto de flores silvestres roxas e arbustos amarelos. Enquanto Morte mastigava gramas selvagens, a cena era quase pitoresca, uma fantasia rural, algo que ela pintaria em suas aulas de arte. A beleza crua do momento misturado com o terror persistente de Dinah; ela se agarrou a seu peito. O Rei voltaria; na verdade, ele provavelmente já estava a caminho. Ela tinha que

pensar, mover-se. Ela não tinha tempo para se demorar naquilo que havia acontecido, esse não era o momento do luto. Dinah vasculhou a bolsa. O estranho havia empacotado roupas com algumas ferramentas e comida: duas túnicas de linho branco, calças marrons de lã, um cinto, um vestido preto pesado e botas de montaria vermelho-escuras, as botas das Cartas de Copas, notou. Olhando em volta timidamente, Dinah puxou a camisola branca fina sobre a cabeça e estremeceu no ar fresco da primavera, enquanto a brisa acariciava seu corpo nu. Vestiu calças marrons e uma túnica branca, e enfiou os pés nas botas de cavalgar. Elas serviam perfeitamente. Movendo-se rapidamente,

ela enrolou a camisola e seu casaco de lã, e os empurrou para dentro da bolsa, as suas mãos ardiam com o esforço.

Eu tenho que pensar de maneira diferente agora, pensou, *eu posso usar essas coisas depois, eu precisei delas para as minhas mãos.* Ela cuidadosamente desembrulhou sua mão do tecido. A ferida era feia: uma linha negra e sangrenta grossa corria no comprimento da mão.

O sol estava parado no alto do céu e o calor em sua pele a deixou sonolenta. *Tenho que ter foco,* Dinah pensou quando o vento soprou o cabelo em seu rosto. *Eu tenho que ser muito esperta ou eles me encontrarão facilmente. Eu não posso pensar em coisas como*

dormir agora.

Ela mordeu os lábios. Seu pai era corajoso, um homem com uma força física impressionante. Mas ele não era lá muito esperto. Não, ele deixava essa parte com Cheshire. Não era o seu pai que tinha que superar e sim Cheshire. O que ele faria? *Ele imagina que eu iria para o norte,* pensou. A Floresta Retorcida era cheia de perigos e mistérios, mas mais importante ainda era a terra das tribos Yurkeis. A Floresta Retorcida só traria morte, mas no norte havia cidades dispersas, nas quais ela poderia se refugiar, esconder e se transformar em outra pessoa. Ele imaginaria que ela iria procurar a família de sua mãe, que vivia no topo

das Montanhas Ocidentais, em Ierladia.

A Floresta Retorcida gemeu novamente atrás dela, as árvores virando simultaneamente seus galhos para o céu depois de um comando silencioso. Depois da Floresta Retorcida, ficavam as elevadíssimas Montanhas Yurkeis. Aquele era o lugar menos seguro para a Princesa de Copas, pois era o lugar dos Yurkeis selvagens, curvados pela destruição dos moradores do País das Maravilhas. Era o último lugar em que seu pai a procuraria. Talvez fosse por isso que Wardley o sugerira. Ela olhou amedrontada para a floresta que se movia devagar, alarmada pelo sentimento desconfortável de que ela estava sendo observada pelas

árvores. Poucos homens viveram para contar os contos da Floresta Retorcida, mas ainda menos homens tinham ido contra seu pai e sobreviveram. A decisão foi tomada. Morte relinchou suavemente ao vento, aparentemente apreciando a brisa no focinho.

Dinah notou o chão. *Nosso rastro está em toda parte*, pensou. Ela e Morte tinham derramado sangue ali, deixado pegadas, pedaços deles mesmos. Qualquer rastreador perceberia que eles haviam descansado ali. Dinah chutou um pedaço de madeira petrificado, frustrada. Ele se quebrou em dois pedaços. *Então os disperse,* pensou, *eu tenho que dispersá-los para longe daqui*. Ela olhou para o céu. Por seu

melhor palpite, seu pai teria meio dia de viagem de volta para o castelo e, em seguida, meio dia de viagem de volta àquele local. Ela ficou inconsciente por três horas, talvez, a julgar pela posição do sol quando ela acordou. Dinah amaldiçoou por não prestar atenção às aulas de rastreamento de sol de Harris. Claro, era uma aposta, mas que ela deve considerar. Tinha que escapar e, para isso, ela teria que levá-los para longe do seu rastro, confundi-los. Teria que agir de forma diferente do que seria esperado dela. Poderia não funcionar, mas ela tinha que tentar.

Dinah pegou sua bolsa e começou a andar na direção noroeste. Seus pés gemiam a cada passo, e as duas mãos

palpitavam com fortes dores. Dinah se viu sonhando com vontade de dormir, de se deitar no capim grosso, que parecia agora tão confortável como seu colchão do palácio. Ela deixou os pensamentos passarem descontroladamente enquanto cambaleava no caminho. Quem era o estranho? Havia algo familiar sobre ele mas, ainda assim, ela não tinha certeza de que era um homem. A forma como o estranho tinha envolvido uma mão ao redor de sua boca, a forma como o sussurro a emocionara, era tudo tão absoluto, poderoso. Quanto mais ela pensava sobre o que havia acontecido mais frustrada ficava. A noite era um borrão de medo intenso e de emoções selvagens, e ela percebeu que sua

memória da coisa toda era bem borrada e cheia de buracos. Havia mais alguém no quarto de Charles com ela? Ela nem pensou em olhar. O machucado na cabeça dele aconteceu na queda ou foi feito por uma espada? Como ela chegou de seu quarto até o jardim? O que aconteceu com Wardley depois que ela saiu galopando do estábulo? Por que ele não foi com ela? Por que Morte não obedeceu seu pai?

Tomada por todas essas perguntas, Dinah tropeçou em uma pedra, seus joelhos bateram no chão com um estrondo alto. Sua mente entrou em um colapso introspectivo. Era ela a responsável pela morte de Charles? As lágrimas saíam por causa de seu lindo

irmão, Lucy e Quintrell. Todos inocentes, assassinados por seu pai. Era sua culpa que todos estavam mortos, sua culpa que Charles saiu voando por uma janela aberta para a escuridão de uma noite sem estrelas. Será que ele tinha ficado com medo? Ele gritou? Dinah fez uma prece silenciosa para que ele não tivesse percebido o que estava acontecendo, para que seus últimos momentos de vida tivessem sido de paz e inocência. Lucy e Quintrell foram mortos antes dele ou depois? Ela engasgou com um soluço. Será que Charles viu o assassinato e correu para cima das escadas para escapar? Oh, deuses. Dinah cobriu a boca, com medo de vomitar. Ela não podia ficar parada,

ajoelhada nesse campo, mas ela também não conseguia se mover. Ela estava paralisada em seu próprio luto, chorando. Depois de um tempo, uma pequena pedrinha tremeu perto de sua mão e depois sacudiu sobre a terra. Cascos. Ela estava ouvindo. O chão vibrou com o som de cavalos e Dinah abaixou a cabeça.

O tremer dos cascos diminuiu conforme eles se aproximavam e, então, pararam. Relutante, Dinah olhou para cima, esperando ver o reflexo brilhante de uma espada de Copas, mas, ao invés disso, Morte estava parado ao seu lado, sua cabeça abaixada de modo que Dinah pudesse olhar diretamente em seus olhos negros.

– Você me seguiu – ela sussurrou, estendendo a mão machucada para acariciar seu focinho. Morte recuou alarmado e trouxe um casco para baixo muito perto de sua cabeça. Dinah encolheu. *Ainda não,* pensou, *ainda não. Ele podia ter me matado por causa disso. Não esqueça que ele não é um cavalo. Aquela foi uma ideia estúpida.* Limpando os olhos, enquanto seu corpo tremia com o esforço, Dinah se levantou e continuou andando. Ela olhou para trás, maravilhada com a imagem de Morte a seguindo, mesmo quando ela sutilmente mudava de direção. Sua presença massiva ainda a deixava nervosa, e ela estava devidamente ciente de que ele iria encontrar alegria em

matá-la, mas foi bom não se sentir sozinha.

Arrastando-se para continuar, muito lentamente, eles caminharam por mais algumas horas. Dinah tinha sido engolida por seus pensamentos. Morte estava curtindo o sol em seu corpo negro. Depois de uma reflexão cuidadosa, ela jogou uma maçã para ele, que a engoliu inteira, sem sequer se importar em mastigá-la. Procurando na bolsa, Dinah encontrou um pedaço de carne de pássaro seca e o mordeu vorazmente enquanto fantasiava uma torta de amora e uma xícara de chá quentinha. Antes que ela pudesse saboreá-la, a carne já havia acabado. *Eu tenho que para de comer assim,* pensou,

o que farei quando a comida que está na bolsa acabar? Só um dia se passou.

A paisagem ao seu redor estava mudando e Dinah se perguntou o quão longe já haviam ido. O sol brilhava baixo ao leste e anoiteceria em algumas horas. Baixas planícies cobertas de flores silvestres ainda continuaram tão longe quanto Dinah podia ver, a vista era interrompida de vez em quando por uma árvore com musgo prateado, mesmo quando não havia nenhuma brisa. Dinah percebeu que não era a paisagem que havia mudado tanto, mas sim a cor. As flores selvagens que eram de milhares de cores diferentes quando eles deixaram o riacho tinham começado a mudar sutilmente seu tom quanto mais

longe eles iam. Aglomerados de amores-perfeitos delicados, narcisos, delfinos cheios, talos altos de estrelas ardentes, rosas e tulipas foram todos começando a mudar suas cores ricas para tons mais frios. Delfinos vermelhos começaram a tomar um tom mais azulado, mais profundo; narcisos amarelos branqueavam e, em seguida, transformaram-se em uma luz azul e, então, lavanda. A mudança de cor parecia ter origem no próprio estame, um redemoinho, apenas um tom diferente, provocou a metamorfose.

Seus pés acariciavam as flores que mudavam de tom, campo depois de campo. Era tão incrível que Dinah momentaneamente esqueceu como estava

exausta. Foram quilômetros da mesma paisagem de tirar o fôlego antes que uma colina enorme se levantasse do chão, na sua frente, cheia de flores da montanha azul. A imagem lembrou Dinah de todas as pinturas que ela havia visto do mar, uma onda quebrando exatamente ao alcançar o cume. Olhando para cima, Dinah podia ver que a cor mudava novamente, suavemente no topo. De alguma maneira, o ápice tinha uma cor diferente da sua base.

Ela deixou a bolsa cair. Esquecendo-se de tudo, ela correu até o topo da montanha. Seu movimento deixou Morte alerta, que, de um pulo, seus cascos pousaram no chão, com irritação. Quando ela alcançou o topo, deixou-se

misturar com a cama de flores, olhando para a paisagem mais bonita que já tinha visto, a beleza sugava todo o ar de seus pulmões. Era azul. O azul mais profundo que ela já havia visto, mais profundo que os azuis dos olhos de Vittiore, mais valioso que joias de safira. As vestes mais bonitas do reino não poderiam nunca capturar esse azul, essas camadas de cores, o azul puro que se estendia até onde os olhos podiam ver. Toda colina, daqui até o horizonte norte, estava coberta de flores azuis, em todos os tons; um azul perfeito e profundo se espalhava em milhares de tipos diferentes de flores. Ela observava maravilhada enquanto o vento ondulava através do vale e o azul brilhava de

ponta a ponta, rolando em onda após onda.

Conforme a boca de Dinah se abriu em um susto, uma rajada particularmente forte varreu o vale, e ela assistiu com espanto que a cor mudou para azul pálido, ultrapassando, de imediato, uma flor atrás da outra, como se as flores estivessem sussurrando entre si. Era tão rápido que ela não conseguia encontrar a origem, ver a primeira flor mudar. A cada respiração, as flores mudavam de cor, turquesa para lavanda, lavanda para azul-escuro, quase preto. Dinah nunca tinha visto nada tão bonito. Era o Nono Oceano, uma área escurecida no centro do mapa do País das Maravilhas. Dinah tinha escrito sobre ele centenas de vezes

nas lições. No mapa, ele aparecia como um pedaço de água, mas estava errado. Não era água, era um oceano de flores, uma extensão infinita de azul contra o azul do céu. Dinah percebeu com um estalo que ela não só havia ido longe o suficiente do palácio, mas que havia ido longe demais para o norte. Ela havia perdido a noção do tempo na caminhada, e o anoitecer estava próximo.

As estrelas do País das Maravilhas começaram a aparecer no céu, hoje elas estariam suspensas exatamente acima deles, mas agrupadas centralmente. Elas pareciam mais brilhantes aqui do que no castelo. Ela apertou os olhos a leste, a respiração presa de novo como as flores alterando para um surpreendente azul-

listrado. Sim, ela tinha ido longe demais; eles passaram alguns metros de distância a partir do final da Floresta Retorcida. Passado o Nono Oceano havia uma enorme extensão de nada, que terminou no Troden, exatamente na direção que seu pai a viu seguindo por último, a direção que ela queria que ele seguisse. Era hora de andar para trás. Ela deu um demorado olhar no Nono Oceano ondulando ao vento, as cores mudando de brisa a brisa, nunca o mesmo azul duas vezes. *Eu poderia ficar aqui o dia todo,* pensou, *só me misturar com o azul e desaparecer. Eu gostaria que Charles pudesse ver isso.*

Ela pegou uma flor que estava próxima de seu pé para jogá-la no mar,

mas ela murchou e morreu na sua mão. Dinah jogou então a poeira, e ela dançou no vento em diferentes formas. Ela soltou um suspiro de exaustão e se virou. Morte parecia confuso enquanto Dinah cuidadosamente voltava, mas logo ele percebeu, colocando seus cascos nas pegadas que eles tinham deixado algumas horas atrás. Dinah estava perdendo o equilíbrio, a exaustão tornava a dor em suas mãos mortais. Ela estava tão cansada, muito cansada. *Eu não vou conseguir,* pensou, *eu não vou conseguir voltar.* Seu coração parecia bater do lado de fora de seu peito. Ela balançou em seus pés algumas vezes. Cada pegada acabava em seus joelhos. Dinah finalmente sentou, fechou os olhos

para as estrelas brilhantes acima dela. *Vou descansar,* pensou, *só por um momento*. Morte ficou impaciente, até que finalmente cutucou-a rudemente com seu enorme nariz, o vapor de suas narinas chamuscando os cabelos em seu braço. Com um esforço, Dinah se levantou, suas pernas obedecendo quando sua mente não podia. Morte levantou a pata e trouxe-a com força ao chão, repetindo o gesto novamente.

– O que você quer? – ela perguntou com raiva – Me deixe dormir!

Morte continuou a encará-la até que ela percebeu que ele queria que ela o cavalgasse. O pensamento a deixou feliz, mas ela não sabia como subir em cima dele. Às vezes era difícil para ela

subir no Rajado, e Morte tinhas duas vezes o seu tamanho. Usar sua crina para subir com certeza era o caminho para uma morte dolorosa, mas ela não tinha as energias que precisaria para se puxar para cima. Morte levantou a pata novamente e ergueu-a, em seguida, trouxe-a para baixo com um baque retumbante.

Oh, seu corpo tremia de exaustão. Dinah descansou sua mão ao lado de Morte. Ela podia sentir o peso monstruoso de seus quadris, as batidas fortes de seu coração. Ele levantou o casco, ela gentilmente colocou sua bota na ponta dos espinhos, equilibrando-se cuidadosamente, sempre consciente de que os espinhos podiam entrar em seu pé

se o peso não fosse distribuído corretamente. Com os olhos fechados ela murmurou uma prece e subiu. Os espinhos pressionaram contra sua bota enquanto Morte levantava a perna. Dinah voou para cima até que estivesse na altura certa para se colocar nas costas de Morte, que eram enormes e confortavelmente quentinhas. Os músculos de suas pernas deram um pulsar doloroso quando eles retomaram sua posição, estendendo-se no pescoço grosso de Morte, mas ela não poderia estar mais grata em poder sentar. Dinah preparou a voz para comandá-lo, mas depois pensou melhor. Ela sentou quietinha, até que Morte saiu em um trotar veloz na direção em que vieram.

Não era no ritmo louco que os trouxera aqui, mas era três vezes mais rápido do que Dinah conseguiria se estivesse correndo o caminho todo. O movimento a ninava, Dinah fechou os olhos, descansando o corpo em sua enorme cabeça. Ela caiu no sono rapidamente.

A lua listrada do País das Maravilhas estava alta no céu quando a parada de Morte a acordou. Ela olhou ao redor e soltou um suspiro de alegria quando reconheceu o campo, o leito do rio onde eles tinham começado a jornada hoje. Rapidamente esse lugar pareceu se tornar seguro, esse pequeno vale. Ela escorregou para o lado de Morte, incerta de como conseguiria descer dessa enorme altura. Sua perna raspou em um

dos espinhos de osso, que deixou um fino arranhão em seu rosto. Morte bebeu grandes goles do córrego e Dinah encheu seu cantil pela segunda vez. Ela encontrou sua espada caída em cima de algumas folhas e a amarrou em sua bolsa, que estava escondida atrás de um arbusto. Dinah colocou os dois sobre seus ombros. Era hora de se movimentar, seu pai provavelmente estava se aproximando deles. Ela tinha andado demais, e seria o suficiente para despistar os rastreadores e para enganar Cheshire. Fez uma prece silenciosa para que eles mordessem a isca.

Dinah se dirigiu para a floresta, mancando, aliviada ao ouvir as passadas pesadas de Morte atrás dela. Várias das

enormes árvores que guardavam a beirada da floresta giravam seus galhos em sua direção, enquanto ela passava. Dinah deixou suas mãos brincarem no punhal da espada, confiante em sua presença. *Eu não terei medo dessa floresta,* disse para si mesma, *porque minha luta para sobreviver não começa agora. Eu tenho lutado minha vida toda, eu apenas não sabia. Minha luta começou quando nasci filha de meu pai, que tinha medo do dia em que eu assumiria o trono, e estou mais segura nessa floresta do que jamais estive no palácio. Não morri hoje, então não terei medo de morrer amanhã.* Esse pensamento a encorajou, apesar de ela duvidar que sua coragem durasse muito.

Ela olhou para Morte, a seguindo de alguns bons metros de distância, suas orelhas tão planas em sua cabeça. Até o mortal Hornhoov tinha medo da Floresta Retorcida. O medo se agitava em seu estômago. Dinah pegou sua espada e, assim, a ex-Princesa do País das Maravilhas e seu corcel negro demoníaco desapareceram para dentro da Floresta Retorcida, deixando nada para trás além de uma falsa trilha e o distante sopro de uma coroa.